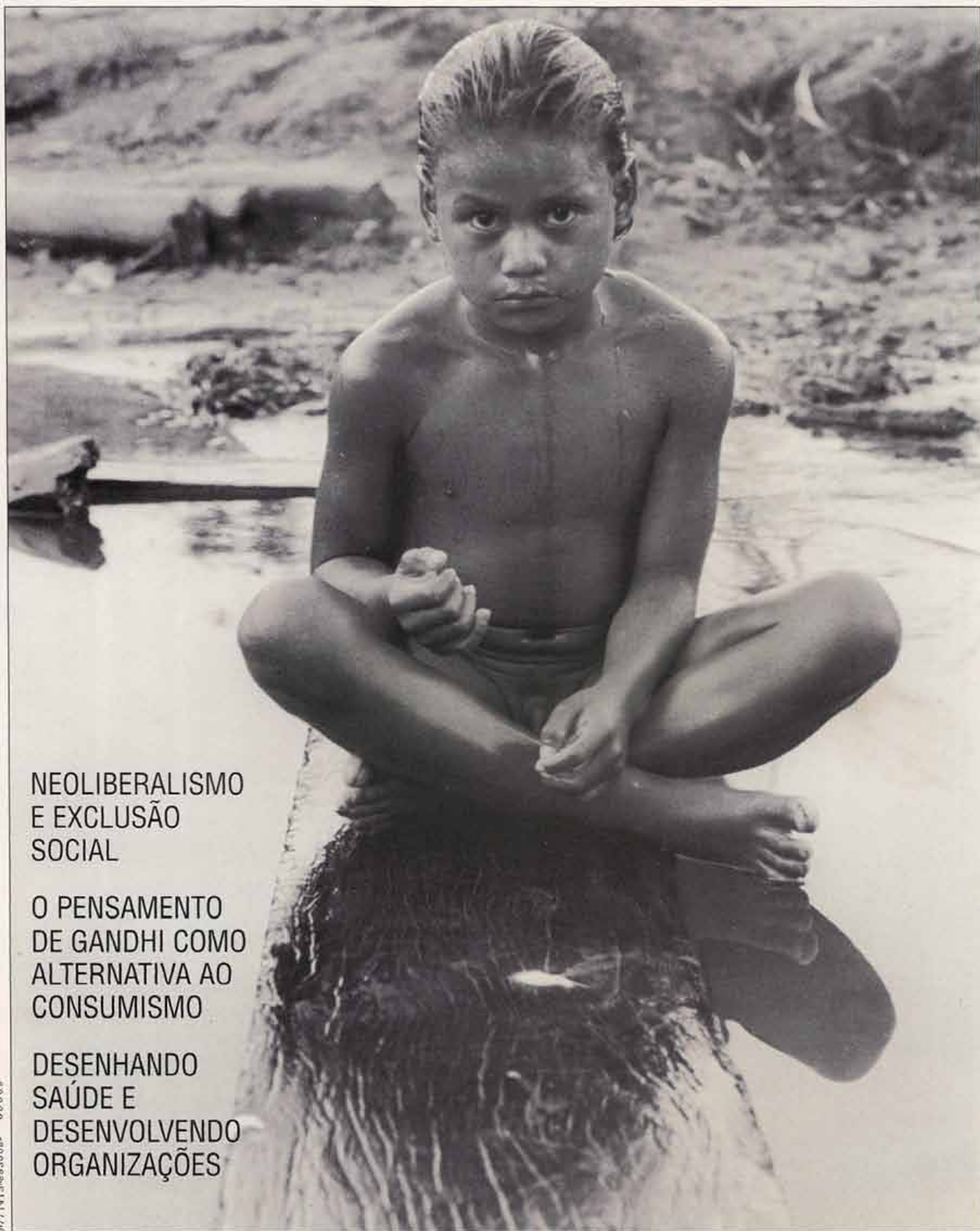




That

UMA PUBLICAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR DA
ASSOCIAÇÃO
PALAS ATHENA
Nº 69 - 1998
ISSN 1413-893X
R\$ 6,00



NEOLIBERALISMO E EXCLUSÃO SOCIAL

O PENSAMENTO DE GANDHI COMO ALTERNATIVA AO CONSUMISMO

DESENHANDO
SAÚDE E
DESENVOLVENDO
ORGANIZAÇÕES



Publicações da Editora Palas Athena

Rua Serra de Paracaina, 240 - CEP 01522-020 - São Paulo, SP

Fone: (011) 279.6288 Fax: (011) 277.8137



A CONQUISTA PSICOLÓGICA DO MAL

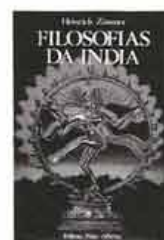
Heinrich Zimmer

Fábulas e lendas por meio das quais Zimmer analisa um vasto conjunto de símbolos. O modo como o ser humano sente e interpreta o mal é revisto por meio das lendas de várias culturas.

FILOSOFIAS DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Definido por Alan Watts, no New York Times Review of Books, como o mais completo e inteligente tratado já escrito sobre essa rica tradição filosófica.



MITOS E SÍMBOLOS NA ARTE E CIVILIZAÇÃO DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Reelaboração de uma série de conferências dadas pelo autor e compiladas por Joseph Campbell. São diversos temas e questões do universo mítico indiano aqui desvendados por Zimmer, magnífico intérprete da tradição oriental.



AS MÁSCARAS DE DEUS

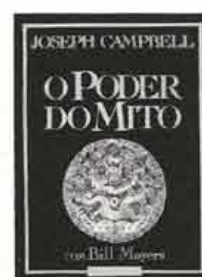
Joseph Campbell

Nesta obra em quatro volumes, Campbell mostra sua visão das mitologias do mundo. O primeiro tomo, *Mitologia Primitiva*, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, *Mitologia Oriental*, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. O terceiro e o quarto volumes estão no prelo.

O PODER DO MITO

Joseph Campbell

Este livro é o resultado de uma série de entrevistas que Joseph Campbell concedeu em 1987 a Bill Moyers, jornalista americano. Nele desfilam, todos os grandes temas mitológicos: o nascimento, as iniciações, o casamento, o envelhecimento, a morte, a fé.



YOGA, IMORTALIDADE E LIBERDADE

Mircea Eliade

Nesta obra, que já se tornou um clássico, Eliade resgata as origens teóricas e práticas dessa vasta disciplina, abrangendo conceitos de fisiologia, psicologia, metafísica e terapêutica.

CARTA A UM AMIGO

Nagarjuna

Neste livro encontramos a essência da prática budista. Nagarjuna, fundador da Escola do Caminho do Meio, é considerado um dos maiores filósofos e metafísicos de todos os tempos.



A GRINALDA PRECIOSA

Nagarjuna

Retira as fantasias com que costumamos encobrir a realidade, orientando-nos na busca de sentido e significado para a vida.



O CORAÇÃO DA FILOSOFIA

Jacob Needleman

Neste livro é devolvido à filosofia o seu papel original: auxiliar-nos a recordar quem somos e qual o nosso lugar no Universo, revelando um estado de ser no qual a energia da verdade permeia tanto os momentos da mais elaborada reflexão, quanto os corriqueiros afazeres do dia-a-dia.

THOT é uma publicação da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.



Índice

Galeria	2
Entrevista com Olgária Matos	3
O que é psicologia transpessoal? <i>Veronica Rapp de Eston</i>	9
Sobre a variedade musical na Índia <i>José Luiz Martinez</i>	14
Ciberterra e noosfera <i>Philippe Quéau</i>	20
O pensamento de Gandhi como alternativa ao consumismo <i>Sulak Sivaraksa</i>	34
Daquilo que alguém tem <i>Arthur Schopenhauer</i>	42
Desenhando saúde e desenvolvendo organizações <i>Morgana Masetti</i>	46
Painel - A história de Fluppy: um programa de prevenção da violência e do absenteísmo escolar <i>André Lebon e France Capuano</i>	57
Literatura	
Quadros no Ateliê <i>Bernardo Ajzenberg</i>	60
Epifanias <i>George Barcat</i>	64

Com sua lucidez e experiência, a educadora afro-americana Jacqueline Jordan Irvine impactou seus ouvintes na conferência sobre multiculturalismo em educação, que ministrou recentemente em São Paulo.*

O eco de seus apelos e mensagens ainda ressoam fortemente, desdobrando estas reflexões:

Em vista de presenciarmos hoje a extrema importância da coexistência das mais diversas tradições culturais, precisamos levar em conta que:

- Os professores podem fazer uma *tremenda* diferença na vida das crianças. Elas necessitam de sua ajuda para aprender a serem multiculturais – capazes de assimilar outras tradições, sem rejeitar ou negar sua cultura original. Os professores devem ter um bom treinamento, pois também são o elo entre a cultura da escola e a dos lares dos alunos.
- Noções como tempo, espaço, inteligência, respeito e consideração – citando apenas algumas como exemplo – dependem do contexto que as originam. Desconhecer esse fato leva a julgar erroneamente os pontos de vista de culturas diferentes da nossa, e a considerar seus padrões “disfuncionais”.
- Faz parte da natureza humana comportar-se geralmente da forma pela qual se é tratado. A experiência demonstra que tratar crianças como incapazes de aprender resulta na sua incapacidade, e tratá-las como capazes de aprender resulta na sua capacidade.

Então,

- continuemos a desprezar o contexto e a dissociar a teoria da prática,
 - continuemos a desprezar a capacidade de aprender dos menos favorecidos,
 - continuemos a desprezar o investimento de nossos melhores recursos humanos na boa educação de todos,
- e veremos nossa sociedade passar do despojamento total de sonhos a um terrível pesadelo.*

Lucia Benfatti

* A professora Jacqueline Jordan Irvine, da Emory University, Atlanta, Georgia, EUA, veio ao Brasil a convite do Consulado Americano para participar de um programa de intercâmbio entre profissionais e pesquisadores de áreas de interesse comum entre os Estados Unidos e o Brasil. A sua conferência em São Paulo foi realizada na Pontifícia Universidade Católica em 22 de maio passado.

Thot nº 69 - maio de 1998 - ISSN 1413-893x

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Basilio Pawlowicz, George Barcat, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Roberto Ziemer, Ubiratan D'Ambrosio • **Equipe Thot:** Colloço Vêras, Daniela Moreau, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Benfatti Marques, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria Léa Schwarcz, Maria Teresa Bryg, Marli Montesano, Nurimar Falci, Primo Alex Gerbelli, Therezinha Siqueira Campos, Wilson Campanella, Yara Bonomo • **Capa:** Takeshi Assooka
Diagramação e Edição Eletrônica: Maria do Carmo de Oliveira
Fotolitos: Binhos • **Produção:** Emilio Moufarrige, Sérgio Marques
Impressão e Distribuição: Gráfica e Editora Palas Athena • **Assinaturas:** Irma Mariotti • **Jornalista responsável:** José Caruso Filho.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números: pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo.

A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Associação Palas Athena do Brasil

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso

04003-010 - São Paulo - SP

Fones: (011) 288.7356 - 283.0867 e 287.2668

Fax: (011) 287.8941

GALERIA

Nesta edição, THOT homenageia o fotógrafo
MAGNO BOTELHO CASTELO BRANCO.

Para apresentá-lo, leiamos suas próprias palavras:



Magno, ao fundo, com índios da Aldeia de Marimbu.

“Nasci em Fortaleza, Ceará, em 1972. Em 1993 abandonei o 3º ano do curso de Administração de Empresas e vim para São Paulo prestar a Fuvest para ingressar no curso de Ciências Biológicas, minha verdadeira vocação. Atualmente curso o 4º ano de Biologia na Universidade Federal de São Carlos e desenvolvo um trabalho relacionado à Ecologia Animal, que é, dentre os inúmeros campos de atuação do biólogo, o que mais me identifico.

Sempre fui um apaixonado pela natureza, só que bastante ciumento. O meu interesse pela Ecologia tem como principal razão contribuir para que a Humanidade desenvolva cada vez mais maneiras de convivência harmoniosa com o planeta, explorando sabiamente seus recursos e respeitando seus limites, não só pelo prisma econômico, mas principalmente ético e humano.

A viagem que fiz à Aldeia de Marimbu, reserva xavante de Sangradouro (Mato Grosso do Sul), foi despida de qualquer interesse científico, mas revestida de enorme interesse humano. Sempre quis vivenciar um modo de vida rústico, sem os entraves da vida moderna e “desenvolvida”, que a meu ver sempre desviam o ser humano de seu caminho sutil para a busca de conhecimento sobre si próprio, que acho ser um objetivo primordial para a minha vida.

A minha abordagem com a fotografia é bastante minimalista. Não acho possuir o talento necessário para lidar com as cores, assim escolhi a película monocromática para registrar alguns tipos humanos dessa viagem, em particular as crianças, meu tema favorito nessas fotografias, que sempre me contagiam com sua inocência, simplicidade e desprendimento.”

ENTREVISTA COM OLGÁRIA MATOS

NEOLIBERALISMO E EXCLUSÃO SOCIAL



Num momento em que os avanços da ciência e da técnica cada vez mais nos deslumbram por sua rapidez, mas não se fazem acompanhar, no mesmo compasso, pelo progresso dos valores humanos, a filosofia se torna cada vez mais necessária. A esse respeito, THOT entrevista a filósofa Olgária Matos, professora do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

A editora Palas Athena estará lançando em breve o livro de Olgária Matos, *Vestígios - escritos de filosofia e crítica social*.



THOT – *Gostaríamos que você fizesse uma introdução ao assunto.*

OLGÁRIA – Acho que essa questão do liberalismo, em parte está em consonância com o espírito da época. Ao que parece, são modas, formas políticas, econômicas e sociais. Na minha opinião, o neoliberalismo é a modernidade do atraso, quer dizer, é o atraso que se apresenta como uma forma moderna. As políticas neoliberais, na verdade, constituem uma retomada de períodos do início do capitalismo – o capitalismo selvagem, em que não havia leis trabalhistas, nem regulamentação da sociedade, nem princípios que regessem a convivência entre os homens.

Nesse sentido, o momento atual é análogo ao que ocorreu no século 19. Aqui no Brasil, o que se observa é a chamada flexibilização das leis trabalhistas, a perda progressiva de direitos, a idéia de que a modernidade se traduz apenas por alguns traços externos como a mecanização do trabalho, o desenvolvimento dos equipamentos eletrônicos. Nos países centrais, o moderno coincide com o aparecimento de sinais exteriores daquilo que é mobilizado em benefício de todos. Já os países dependentes, como o nosso, entram nessa concorrência neoliberal despreparados econômica, política, social e eticamente, de modo que não é possível conseguir nenhuma simetria, em termos do enfrentamento do mercado global.

Assim, ficamos reduzidos aos aspectos superficiais dessa “modernidade”, que somamos ao atraso preexistente. Para saber se um país é desenvolvido, é preciso utilizar alguns indicadores: a saúde, a educação, a situação dos idosos, das crianças, das cidades, suas áreas de lazer, enfim, esses são alguns dos parâmetros do que é moderno. Mesmo se tomarmos apenas alguns deles, não se pode dizer que estamos na modernidade. Pelo contrário, estamos num atraso que tem apenas algumas aparências dessa cultura.

Quando se compara o Brasil com alguns dos países desenvolvidos da Europa, como a França e a Itália, onde o Estado está em crise, com corte de gastos e coisas semelhantes, observa-se que a palavra “crise” nesses casos é muito mal utilizada. Vejamos o exemplo da França. Como se trata de um país que fez grande revoluções, o povo acabou conquistando a duras penas os seus direitos. Por isso, o cidadão francês sabe o que são direitos, e não os confunde com privilégios. Então, quando o Estado entra em crise, e tenta de algum modo restringir os direitos dos funcionários públicos, a sociedade inteira vem em apoio a eles. Isso acontece porque lá existe uma consciência de que os serviços públicos são a única maneira de manter a continuidade das políticas de alcance social. Na França, o funcionário público não é uma peça decorativa: ele existe para garantir a continuidade das políticas sociais, independentemente da alternância dos governantes. Então as verbas da saúde, da educação, as destinadas à infância etc., têm que existir sem depender da vontade subjetiva dos que estão no governo.

O caso da saúde é um bom exemplo. Paris é uma cidade dividida em bairros, regiões – os *arrondissements*. Dessa forma, há, digamos, dez unidades móveis, ambulâncias de primeiros socorros, que fazem até pequenas cirurgias. São de grande utilidade no atendimento a pessoas idosas, que têm dificuldades de deslocamento.

Quando elas precisam, essas unidades são chamadas, como aqui nós chamamos os rádio-táxis, e a que estiver mais próxima vem fazer o atendimento. Pois bem: nessa crise, o governo tentou diminuir o número dessas ambulâncias. O resultado foi uma grande pressão popular, que não só manteve como ampliou o serviço.

Assim, quando se fala em “crise”, em relação a países como a França, deve-se pensar em questões diferentes. Existe desemprego, por exemplo – mas há também um seguro cujo valor garante condições de vida mínimas para os desempregados. Dessa maneira, não é possível comparar a situação brasileira com a europeia. Quando se tenta fazer essa comparação, na verdade o que se faz é usar um recurso de retórica, cujo objetivo é transformar os poucos direitos que temos no Brasil em privilégios.

THOT – *Se observarmos o cenário brasileiro, em muitos casos parece que as chamadas esquerdas têm pouca consciência de tudo isso. Qual a sua opinião a esse respeito?*

OLGÁRIA – Acontece que no Brasil as esquerdas estão muito diluídas. Não vejo organização, presença de um ideário próprio, perspectiva de ampliar a discussão de determinadas questões, de intervir ativamente na sociedade. O que vejo é um isolamento muito grande, porque existe uma despolitização enorme da sociedade brasileira. Na verdade, nunca fomos politizados. E agora, num momento de desmobilização, em que não existe uma oposição real, não sei se são as esquerdas que não conseguem perceber, ou se o que há é o aparecimento de um imaginário de que existe um fato, esse fato é a falência do Estado, e por isso só nos resta fazer economia. Esse pressuposto não é contestado, não digo pela totalidade das esquerdas, mas pelo menos por boa parte delas. No entanto, essa pressuposição deveria ser amplamente discutida, com o propósito de chegar a um diagnóstico bem fundamentado, como se faz com as empresas, por exemplo.

THOT – *Temos observado aqui no Brasil, há tempos, uma idealização, uma “glamourização” de determinadas profissões e atividades: economistas, investidores, banqueiros etc. E também uma “desglamourização” de outras, como a medicina e o magistério. Como isso se relacionaria com o atual momento político, econômico e social?*

OLGÁRIA – O que me chama a atenção é que, dadas as peculiaridades do Estado brasileiro, os economis-

tas estão em postos de comando. Em praticamente nenhum lugar do mundo existem economistas com todo esse poder político. Há políticos que se cercam de economistas. Mas economistas com tanto poder, como no Brasil, é diferente. Ocorre que para certos profissionais da área, no Brasil, a economia é vista como uma espécie de teologia, uma nova forma de religião. Existe uma verdadeira fascinação pelos números, pela maquiagem dos números, pela quantificação de todos os aspectos da vida. Não há, na maioria dos casos, a menor sensibilidade social.

Vejo isso como um fenômeno bem brasileiro: considerar que os homens foram feitos para o Estado e não o contrário. A “glamourização” dessas e de outras profissões não preocupadas com os aspectos não-quantificáveis da existência é claramente uma expressão desse estado de coisas. Existe uma tentativa diária de convencer a população de que os comportamentos humanos são determinados apenas pelos números. Então, se há um plano econômico, e se a sociedade não se adapta a ele, pior para ela. Não se pensa em refazer cálculos, em dar prioridade às determinantes humanas. A desqualificação da figura do médico e do professor mostra bem essa tendência. Chegamos a um analfabetismo do tipo letrado: sabe-se ler e escrever, mas não o bastante para perceber toda a realidade.

Tudo isso vem desde 1964. Falo das privatizações crescentes, como se a escola e a saúde pagas resolvessem esses problemas específicos. Os convênios médicos privados, por exemplo, como se sabe, não cobrem todas as situações de doença. Então, quando precisamos ser atendidos com decência, como um ser humano, recorremos a esses planos, e descobrimos que as situações mais graves são justamente aquelas pelas quais eles não se responsabilizam. E aí, voltamos outra vez para o atendimento público. Nessas questões básicas, como saúde, educação, orfanatos, pensionistas, o cuidado aos deficientes, aos idosos, tudo isso tem de ser função do Estado, e é para isso que a sociedade brasileira paga tantos impostos e não recebe os retornos devidos.

THOT – *O que se costuma dizer é que a filosofia não tem utilidades práticas. No entanto, o que vivemos num dado momento histórico – hoje, por exemplo –, é sempre o resultado da aplicação prática de uma ou de várias formas de pensar. Sendo assim, como o filósofo se coloca diante de um quadro como esse?*

OLGÁRIA – No Brasil, a carência de disciplinas humanistas, seja no primário, no secundário ou na

universidade, faz com que haja atualmente muitas solicitações de filosofia, para falar sobre questões éticas, a questão da clonagem, interpretações do mundo e do homem e seu tempo etc. Tenho observado uma procura e uma carência muito grandes de filosofia. Tudo isso resulta da deficiência de nossa formação humanista. Existe um desconforto na sociedade que, iletrada, faz um apelo à filosofia. Por outro lado, sabemos que a sociedade é antiintelectual, anticultura, anti-humanismo. A filosofia existe num mundo voltado para a produtividade, para o capital, para a produção de bens materiais em detrimento do desenvolvimento humano. No entanto, ela atende a necessidades que não se limitam ao momento, porque diz respeito diretamente à condição humana.

THOT – *Em alguns países, e também aqui no Brasil, existe a chamada filosofia clínica. Trata-se de tentativas de aplicar o pensamento filosófico como se fosse uma terapia. Seria possível pensar em, digamos, uma filosofia clínica dirigida a problemas sociais?*

OLGÁRIA – A filosofia nasce como uma medicina da alma. Assim como a medicina nasce das necessidades do corpo, a filosofia sempre teve essa atribuição de consolar a alma humana. Desde o século 5, até pelo menos o século 17, a medicina esteve voltada justamente para poder consolar o homem daquilo que era inevitável, quer dizer, as questões ligadas ao sofrimento, o problema do homem diante do Universo e assim por diante. Por sua vez, o pensamento filosófico sempre esteve associado ao conhecimento e seu desenvolvimento para o aperfeiçoamento da alma e da moral. A ciência nasce como uma contribuição à filosofia.

É o caso dos pitagóricos, por exemplo. Para eles, o número não é uma quantidade abstrata, é uma quantidade divina: ele traz consigo vestígios do invisível. O filósofo é aquele que denuncia ou conhece o invisível, e abre para os outros homens a possibilidade de entrar em comunhão com a busca da alma virtuosa para o bem comum. É o que diz Theodor Adorno, um dos componentes da Escola de Frankfurt: a filosofia sempre esteve preocupada com o bem-viver. Até o século 17, a ciência estava comprometida com a felicidade humana. Hoje, porém, a felicidade está absolutamente fora do campo das preocupações tecnocientíficas: a ciência perdeu a sua destinação humana. Transformou o mundo num objeto do saber, mas perdeu a noção de que esse saber deveria ser dirigido para o bem dos homens.

As usinas nucleares, por exemplo, são o genocídio com o nome de progresso. A idéia de progresso da

modernidade corresponde à modernidade científica. O mundo se cientificizou. Existe uma progressiva pressão sobre todos nós para que falemos a linguagem da ciência, de modo que possamos ser considerados seres sociais. Não se fala mais em desejo: fala-se em sociologia; não mais se fala em natureza: fala-se em ecologia; não se fala mais em recém-nascido, fala-se em neonatologia. Tem-se, então, uma multiplicidade de pequenos dispositivos tecnocientíficos para regular as relações entre as pessoas.

Esse tipo de visão confunde os progressos da ciência e da técnica com os da humanidade, quando na verdade enquanto a ciência se desenvolve a sociedade regride. Aqui no Brasil, por exemplo, temos mendigos sendo incendiados na rua, ou um morador que toca fogo no outro porque não pagou “pedágio” etc. Tudo isso mostra que, entre nós, as formas barbáricas não são meros acidentes de percurso: na verdade, constituem o arcaico que está dentro daquilo que chamamos de moderno.

THOT – *A seu ver, como seria uma educação voltada para mudar as regras de convivência social?*

OLGÁRIA – Do meu ponto de vista, a fórmula mais moderna, que ainda não foi ultrapassada é a escola pública gratuita e de qualidade, porque a escola paga acaba fazendo vários tipos de discriminação: de classe, raça, religião etc. A escola pública, porém, tem uma função de formação do caráter. Se a sociedade paga os seus impostos, ricos e pobres deveriam ocupar os mesmos bancos escolares. Essa deveria ser a primeira preocupação da educação: ensinar as pessoas a conviver com a diversidade. Seria um modo de desde cedo acostamá-las a lidar com seus preconceitos, estereótipos, racismos, fundamentalismos religiosos. É desde a infância que deve ser trabalhada a questão dos espaços de convivência democrática.

É assim que se começam a estruturar as bases da cidadania. Essa é a diferença entre instrução meramente técnica e educação humanística. No Brasil, a antiga separação dos cursos clássico e científico foi uma manifestação de um desvio na direção de modernismos pedagógicos, como se a educação se resumisse ao método. O método é importante, sem dúvida: no entanto, seria melhor, ao invés de indagar qual a melhor maneira de educar, perguntar que tipo de cidadão queremos formar.

THOT – *E em termos de educação filosófica, acontece algo parecido?*

OLGÁRIA – A minha geração ainda era formada em história da filosofia e muito voltada para o trabalho de interpretação de textos, sua repercussão nas obras de arte, a influência dessas obras no cotidiano e assim por diante. Hoje, nota-se uma tendência à tecnização da leitura dos textos. É como se eles fossem radiografados em busca de suas mensagens. Uma leitura técnica, enfim. Pode-se até prescindir de saber quem é o interlocutor de um dado texto, por que motivos um autor está escrevendo sobre determinados temas em certos momentos, quem são os seus afins e desafetos, enfim, age-se como se fosse dispensável saber como se dá o diálogo da filosofia com a sociedade num dado instante. Ao mesmo tempo, vem ocorrendo uma grande expansão da área de lógica e filosofia da ciência, acompanhada de uma retração da área humanística do conhecimento filosófico, configurada pela história da filosofia.

THOT – *É o contrário do que aconteceu com Wittgenstein, não?*

OLGÁRIA – É, ele abandonou a ciência e se voltou para a filosofia.



THOT – *O texto, então, estaria sendo visto como uma coisa mecânica, para cujo conhecimento bastaria esse tipo de leitura fragmentadora. Isso a preocupa?*

OLGÁRIA – Isso me preocupa muito, porque acho que ao decompor um texto, esquadrihá-lo, observar com perfeição o movimento dos conceitos em seu interior, ele acaba se tornando separado do seu contexto histórico. É como se os textos pudessem ser analisados em si. É claro, essa análise é um dos momentos do trabalho da filosofia: tentar reconhecer o que o texto quer dizer é um objetivo importante. Mas não é o único, porque nenhum texto se explica por si mesmo. Se houvesse uma objetividade assim, cada escrito filosófico teria uma única interpretação, o que não é em absoluto o caso. De qualquer modo, uma atitude apenas técnica em relação à leitura dos trabalhos filosóficos pode levar a uma desvitalização do pensamento.

THOT – *Você acredita que é possível chegar a um acordo entre técnica e ética?*

OLGÁRIA – Acredito que existe uma incompatibilidade de natureza entre o humano, o ético, e a máquina, porque esta é programável, regulada, comporta-se segundo os nossos desejos. Por sua vez, o homem é desorganizado, infeliz, nem sempre dá certo. Enfim, é um ser barroco, totalmente transtornado. A própria natureza da técnica



é destrutiva para o ser humano. A idéia de que a técnica o libera das tarefas dolorosas, e portanto dá-lhe uma maior disponibilidade de tempo livre, é uma utopia de Marx. Ele acreditava na neutralidade da técnica, achava que ela poderia beneficiar a sociedade, proporcionar-lhe mais tempo livre. Mas hoje, como estamos vendo, a técnica gerou todo esse desemprego e o tempo livre aí está, mas à disposição de quem? O que faremos com todo esse lazer? É claro que se poderia pensar em como aproveitar esse tempo, mas para isso seria necessário que as pessoas aprendessem a viver melhor e com menos dinheiro.

Mas o problema é que a lógica da máquina não é a do humano. Vejamos a questão da clonagem. A ciência quis se colocar no lugar de Deus e proclamou: o homem agora pode criar tecnicamente a si mesmo.

No século 17 europeu, a filosofia já havia substituído o divino pelo humano. Descartes disse que é possível conhecer o mundo como Deus o criou, ou seja, pode-se quebrar a oposição milenar entre o *lumen naturale* e a *lux divina*. Hoje, com a clonagem, é tecnicamente possível obter inúmeros replicantes da mesma pessoa – o mesmo multiplicado. No dia em que isso se tornar realidade, acredito eu, finalmente vai ser possível provar em definitivo que a alma existe: ao tentar fazer tudo igual, o homem vai ter como resultado tudo diferente. Ele irá verificar, então, que as grandes discussões da Idade Média, que passaram à história como escolasticismo, discursos vazios, erudição barata etc., no fundo estavam corretas. O que realmente se deve discutir é a questão da alma, porque podemos replicar o quanto quisermos os corpos, mas a alma continuará diferente em cada um deles. ▲

VERONICA RAPP DE ESTON

O QUE É PSICOLOGIA TRANSPESSOAL?

Uma jornada didática pelas veredas de um novo universo

A psicologia transpessoal surgiu na década de 70. A partir de um início tímido, desenvolveu-se rapidamente nestes últimos 25 anos, como atestam inúmeras publicações, como livros e revistas, e a fundação de associações especializadas em muitos países. Hoje, fala-se com muita frequência nesse ramo da psicologia, mas a maioria dos leigos, e mesmo muitos psicólogos, não sabem quais são as suas finalidades.

O século 20 assistiu a um progresso extraordinário nas mais variadas disciplinas, e certamente poderá ser chamado de século da ciência e da tecnologia. Entretanto, só nos últimos decênios os homens descobriram que existem neles capacidades criativas ainda não exploradas, profundidades da psique, estados de consciência e possibilidades de desenvolvimento desconhecidos da maioria das pessoas. Para compreender melhor essa evolução, convém apresentar um breve esboço histórico do desenvolvimento geral das diferentes escolas, as assim chamadas forças da psicologia.

VERONICA RAPP DE ESTON é médica, professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, onde é co-fundadora do Centro de Medicina Nuclear.



AS QUATRO FORÇAS – A psicologia ganhou *status* de ciência humana a partir da última década do século passado. A primeira escola, ou força, é a behaviorista ou comportamentalista, cujo expoente máximo foi B.F. Skinner, que analisou o comportamento humano a partir da observação e experimentação em animais. O behaviorismo considera o cérebro do recém-nascido uma fita virgem, na qual são inscritas, de modo progressivo, as experiências da vida. Dessa maneira, a influência do meio ambiente é de extrema importância, podendo o comportamento ser moldado pela educação e demais influências que a criança recebe: é o condicionamento operante. Nesse sentido, é importante ressaltar como os padrões de comportamento das pessoas têm se modificado rapidamente: o que era considerado correto no início do século hoje é rejeitado. Basta recordar os princípios da moral sexual.

A segunda força é a psicanálise, de Freud e seguidores, que estuda sobretudo o inconsciente humano, a força oculta que nos rege sem que dela tenhamos consciência. O estranho é que Freud descreveu centenas de estados psicopatológicos, mas não se preocupou em estabelecer um padrão de normalidade, isto é, não buscou definir o que consideraria um estado de saúde psíquica.

No dizer de C.G. Jung, Freud foi o grande demolidor, que nos libertou da pressão insalubre de um mundo avelhantado e apodrecido, resultante da repressão da época vitoriana do final do século passado. O criador da psicanálise foi muitas vezes comparado a um dentista que, com a broca destruidora, escareava focos de cárie. Mas a psicologia freudiana não sabe colocar uma obturação adequada, isto é, não oferece um substituto para as substâncias extraídas. Todas as complexas manifestações da alma, como a arte, a filosofia, a religião, lhe parecem suspeitas, não seriam nada mais do que resultados da repressão do instinto sexual.

Como reação a essa visão negativista surgiu a psicologia humanista existencial – a chamada terceira força. Na opinião de Abraham Maslow, um dos fundadores tanto da psicologia humanista como da existencial, “Freud nos forneceu a metade doente da psique humana, agora precisamos desvendar a parte sã. Talvez essa psicologia sadia nos possa dar maiores possibilidades de controlar e aperfeiçoar nossas vidas, tornando-nos pessoas melhores e mais felizes”.

A psicologia humanista queria estudar as experiências humanas e o que era mais importante para a vida e o bem-estar, em lugar de fazer medidas de experimentação laboratorial ou procurar a escuridão dos sentimentos negativos. Segundo Maslow, o grande erro de Freud consistiu em conceber o inconsciente apenas como um mal indesejável. No entanto, ele também encerra as raízes da criatividade, da felicidade, da bondade e mesmo da ética e dos valores humanos.

Conhecendo várias pessoas que considerava extraordinárias, Maslow fez um estudo detalhado do que as distinguia. Verificou que se tratava de indivíduos "auto-realizadores", que estavam abertos a experiências especiais, que denominou de "experiências-pico", "cume" ou "culminantes". Trata-se de estados felizes de curta duração mas muito intensos. São muito significativos e proporcionam grandes benefícios, como a expansão da identidade e união cósmica. O termo "experiências-cume" é uma generalização para os melhores momentos por que pode passar um ser humano. Designa os instantes mais felizes da vida, o êxtase, o transporte, a ventura, o gozo máximo, que provêm de profundas vivências estéticas, do êxtase criativo, de momentos de amor maduro, experiências sexuais perfeitas, amor maternal, paternal e outros.

Descrições de estados semelhantes são encontradas na literatura de muitos povos, datam de muitos séculos e receberam diferentes nomes, como experiências místicas, espirituais ou unitivas, na literatura ocidental, e *samadhi* ou *satori*, na oriental. Pesquisadores descobriram que, na tradição oriental, essas experiências culminantes sempre foram altamente valorizadas. Mas observaram que na moderna psicologia ocidental elas haviam sido não apenas subestimadas, mas até mesmo classificadas como patologias. A psicologia transpessoal, também chamada de quarta força, surgiu para explicá-las.

Na década de 60, com o crescente interesse pela filosofia e religião orientais, e também por meio do uso de substâncias que alteram a consciência, ficou claro que a psique humana era muito mais complexa do que a descrita pelas escolas anteriores. Além disso, descobriu-se que dimensões importantes da experiência humana, como diferentes estados de consciência, e a possibilidade de condições de excepcional bem-estar psicológico, estavam sendo ignoradas. Além disso, como já foi dito, muitos desses estados eram vistos como patológicos, regressões ao seio materno ou neuroses narcisísticas. No dizer do filósofo Jacob Needleman, "o freudianismo institucionalizou a depreciação das possibilidades humanas".

O UNIVERSO TRANSPESSOAL – Essa nova abordagem da psicologia resultou principalmente dos eventos após a Segunda Guerra Mundial. O desmoronamento do sonho materialista, seguido do movimento do potencial humano, levou muitas pessoas a procurar dentro de si a satisfação que sonhos de sucesso externo e aquisições materiais haviam prometido e não cumprido. A descoberta de substâncias psicoativas, como o LSD e outras, levou um grupo maior de indivíduos a ter experiências antes desconhecidas pela maioria. Esses estados alterados de consciência podiam ser muito dolorosos e problemáticos, mas muitas vezes levavam a percepções superiores e a uma grande plasticidade mental. Mostravam também as limitações e distorções de nossa consciência habitual e a possibilidade de se alcançar condições de consciência mais desejáveis. Concomitantemente, a introdução de métodos orientais de disciplina mental como meditação, ioga e xamanismo, e a redescoberta das disciplinas cristãs de contemplação, demonstraram que esses estados elevados de consciência podiam ser igualmente alcançados sem o uso de drogas.

A insatisfação com o materialismo descontrolado levou também à procura de estilos de vida alternativos, com maior simplicidade voluntária e mais respeito pela natureza, em junção com o movimento ecológico. Nas palavras de J. Mack:

Estamos assistindo a uma batalha da alma humana entre duas ontologias opostas. Numa delas, o mundo físico ou material é a realidade última, ou mesmo a única realidade, e os comportamentos e experiências dos organismos vivos, incluindo nós mesmos, podem ser compreendidos no enquadramento de mecanismos potencialmente identificáveis. Nessa cosmovisão, a consciência é função do cérebro humano, e seus alcances máximos e maiores profundidades podem ser sondados e compreendidos pela pesquisa da neurociência e por formulações psicodinâmicas. Nessa visão, a vida é um jogo limitado, finito.

Na visão transpessoal, o mundo físico e todas as suas leis representam apenas uma de um número indeterminado de realidades possíveis, cujas qualidades apenas começamos a perceber pela evolução de nossa consciência. Nessa cosmovisão, a consciência percorre x todas as realidades e é a fonte primária ou princípio da existência, incluindo a matéria-energia do mundo físico.

Até recentemente, a filosofia e a ciência ocidentais, incluindo a psicologia, foram dominadas pelo primeiro ponto de vista. A visão transpessoal está abrindo as nossas mentes, corações e espíritos para a segunda. Nessa cosmovisão, a vida é um jogo infinito.

Cada uma das abordagens, a materialista e a transpessoal, tem sua epistemologia própria e respectivas consequências para o bem-estar humano e o destino do nosso planeta. No universo materialista conhecemos o mundo à distância, por meio de nossos sentidos e das máquinas e instrumentos pelos quais podemos estender o seu alcance, e também pela análise racional das observações resultantes das nossas explorações empíricas. Sentimo-nos orgulhosos da objetividade que esses meios de adquirir conhecimento refletem, e suspeitamos da subjetividade e das emoções que julgamos distorcerem a realidade. Nessa moldura, confiamos na consciência ordinária para obter informações a respeito de nós mesmos e do meio ambiente. Assim, consideramos os estados não-ordinários de consciência exóticos e de interesse apenas recreativo.

No universo (ou universos) transpessoal, procuramos conhecer nosso mundo de perto, confiando nas sensações e na contemplação, tanto quanto na observação e raciocínio, para obter informações sobre a gama de realidades possíveis. Nesse universo, aceitamos plenamente a subjetividade e dependemos da experiência direta, intuição e imaginação.

A exploração transpessoal se expandiu rapidamente para muito além de disciplina inicial da psicologia, até englobar campos como psiquiatria, antropologia, sociologia e ecologia, criando dessa maneira um movimento transdisciplinar. Os estudos transpessoais são de interesse potencial para uma gama excepcionalmente ampla de pessoas, desde médicos e psiquiatras, pesquisadores e clínicos, até cientistas sociais, filósofos, teólogos e praticantes espirituais.

É importante notar que as disciplinas transpessoais não estão ligadas a qualquer filosofia ou cosmovisão em especial, nem limitam as suas pesquisas a um método determinado. Não excluem ou invalidam a esfera pessoal. Ao contrário, afirmam a importância tanto das experiências pessoais quanto das transpessoais. Não estão vinculadas a nenhuma ontologia, metafísica ou a qualquer doutrina, filosofia ou religião. Do mesmo modo, seus métodos de pesquisa não são limitados: qualquer epistemologia é bem-vinda.

Os pesquisadores procuram uma abordagem eclética, interdisciplinar e integrativa, que faz uso dos "três olhos" do conhecimento, isto é, dos cinco sentidos (olho físico), do racional-introspectivo (olho mental) e do contemplativo (olho espiritual). Isso contrasta com muitas outras escolas, que aceitam apenas uma epistemologia. O behaviorismo centrou-se nos dados obtidos pelos cinco sentidos e pela ciência. Escolas

introspectivas, como a psicanálise, deram ênfase à observação mental. A visão ióguica focaliza a contemplação. As disciplinas transpessoais procuram adotar métodos de pesquisa ecléticos, incluindo a ciência, a filosofia, a introspecção e a contemplação, e visam integrá-los numa pesquisa compreensível e adequada a muitas das dimensões da experiência e da natureza humanas.

A epistemologia transpessoal reconhece a necessidade dos estados ordinários de consciência para mapear o terreno do universo físico, mas os estados não-ordinários são vistos como meios patentes de ampliar o nosso conhecimento para além das quatro dimensões do universo newtoniano-einsteiniano. No centro desse conhecimento ampliado, está a redescoberta do poder de métodos antigos de alcançar estados alterados de consciência, como meditação, ioga, jornadas xamânicas e o emprego criterioso de plantas psicoativas. Novos métodos de auto-exploração, como a respiração holotrófica de Grof, e formas diferentes de hipnose, capacitam muitas pessoas a experimentar esferas do inconsciente e dos universos míticos e espirituais, dos quais nos havíamos excluído.

A psicologia transpessoal certamente tem aplicações terapêuticas. Mas o foco maior está na cura, transformação e crescimento da pessoa e na abertura espiritual. As pesquisas incluem possibilidades de desenvolvimento maior, é o que Maslow chamou de "personalidade criadora". Tópicos de especial interesse incluem a consciência e seus estados alterados, mitologia, meditação, ioga, misticismo, sonhos lúcidos, substâncias psicoativas, desenvolvimento transconvenicional e emoções transpessoais como amor, compaixão e altruísmo.

As consequências do ponto de vista materialista são bem conhecidas, limitando a esfera da realidade e o domínio da satisfação das pessoas ao meio físico, excluindo da consciência o poder dos reinos espirituais. Os humanos estão violentando o planeta Terra e massacrando uns aos outros com instrumentos cada vez mais tecnologicamente sofisticados, na busca do poder, domínio e satisfação material. O resultado será a falência dos sistemas vivos no planeta e o fim da vida humana como a conhecemos.

A visão transpessoal oferece a possibilidade de um futuro diferente para a humanidade e demais criaturas vivas. Ao tornar possível uma exploração mais profunda de nós mesmos e dos mundos dos quais participamos, a psicologia transpessoal permite aos seres humanos descobrir a interconexão de todas as formas de vida. O poeta Rilke escreveu que os sentidos pelos quais poderíamos alcançar o mundo

espiritual foram atrofiados. A abordagem transpessoal mostra as maneiras de despertar novamente esses sentidos, e de abri-los para domínios do ser dos quais não havíamos tomado consciência. Ao explorar as dimensões múltiplas de universos de possibilidades ilimitadas, estaremos ao mesmo tempo aprendendo a participar de um relacionamento harmonioso com os nossos semelhantes e outras espécies vivas, por meio de uma consciência em permanente evolução.

Pensadores das mais variadas origens, como Sri Aurobindo (orientalismo), Teilhard de Chardin (cristianismo) ou Ken Wilber (ciências biológicas e humanas), dão ênfase às possibilidades do ser humano evoluir para um estado superior. Se não ocorrer uma autodestruição do nosso meio ambiente e da humanidade, talvez estejamos na aurora de uma nova espécie humana, mais evoluída, mais consciente de si mesma e mais pacífica. ▲

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Jung, C.G., *O espírito na arte e na ciência*, Vozes, 1987.
Maslow, A., *La personalidad creadora*, Kairós, 1990.
Tabone, M., *A psicologia transpessoal*, Cultrix, 1980.
Walsh, R., Vaughan, F. (Orgs.), *Além do ego*, Cultrix, 1991.
Idem, *Caminhos além do ego*, Cultrix, 1997.



JOSÉ LUIZ MARTINEZ

SOBRE A VARIEDADE MUSICAL NA ÍNDIA¹



JOSÉ LUIZ MARTINEZ é semi-
tista da música, compositor e
doutor em Musicologia pela
Universidade de Helsinki.

Muitas pessoas me perguntam como foi que eu me interessei tão profundamente pela música da Índia, a ponto de me tornar um especialista nessa tradição. Eis uma pergunta difícil de responder. Sempre tive um interesse musical muito vasto (o que certamente me causou alguns problemas profissionais), e assim poderia ter me dedicado tanto ao cururu do interior de São Paulo quanto à música japonesa, ambos relativamente acessíveis no Brasil, ou me fechar nos círculos estreitos da composição de vanguarda. Mas não. Fui seduzido pela música indiana e, apesar de todas as dificuldades para estudá-la no Brasil, foi essa a minha escolha.

Para mim, tudo começou com o som de um instrumento: o *tabla*, um par de pequenos tambores capazes de uma rica variedade de sons, articulados em formas matemáticas precisas e empregados tanto para o acompanhamento como para solos. Meu primeiro contato com ele nem sequer foi no contexto da música clássica indiana, mas sim como acompanhamento para certos cantores alternativos de MPB, em São Paulo. O que importa é que o *tabla* me soou fascinante, e então comecei a procurar ouvir e ler tudo o que pude encontrar sobre música indiana.

Minhas descobertas foram cada vez mais surpreendentes, até que, não satisfeito com a mera audição e pesquisa musicológica, decidi que tinha que incluir o *tabla* entre os estudos de percussão que na época fazia no Departamento de Música da USP. Tampouco foi fácil encontrar um instrumento no qual pudesse praticar. Decidi então construir meu próprio *tabla*. Depois de várias tentativas consegui fazer um instrumento que, graças às peles indianas trazidas dos EUA por meu amigo e orientador John Boudler (Instituto de Artes, UNESP), tinha um som semelhante ao de um *tabla* autêntico. E foi nesse instrumento que tive minhas primeiras aulas com o percussionista José Eduardo Nazário. Daí até realizar o projeto de viver na Índia, estudar *dbhrupad* (um estilo clássico de canto) com Ustad Zia Fariduddin Dagar, e – é claro – estudar *tabla* com Probir Mitra (ver THOT 62, págs. 21-25), é uma longa história, que fica para uma outra ocasião detalhar.

Certamente não fui a única vítima do charme da música indiana. Da segunda metade do século passado à atualidade, na Europa e nos Estados Unidos, a música indiana passou de uma mera curiosidade (não raro mal compreendida e sujeita a visões etnocêntricas) a um sistema musical, reconhecido como possuindo um grande valor artístico e cultural e merecedor de interesse sério. No início deste século, a música clássica da Índia atraiu a atenção de musicólogos e

de compositores como O. Messiaen, K. Stockhausen e J. Cage, que adaptaram idéias e elementos da música indiana em suas composições, como a “Sinfonia Turungalila” (1949) de Messiaen.

Mas somente nos anos 60 é que essa música despertou um interesse mais amplo do público geral. Devemos isso, em grande parte, ao trabalho do Pandit² Ravi Shankar, instrumentista de *sitar* (o mais conhecido instrumento de cordas do norte da Índia) e compositor; e a Ustad³ Ali Akbar Khan, instrumentista de *sarod* (outro instrumento de cordas dedilhadas) e igualmente compositor. As participações de Ravi Shankar nos festivais de Monterrey e Woodstock, longe de serem meros incidentes na música *pop*, foram decisivas na formação de um público que tinha um interesse autêntico pela música indiana no que ela é em si mesma, e não como uma mera curiosidade exótica ou um objeto de estudos musicológicos.

A partir da década de 60, graças em parte ao público jovem que encarou a música da Índia sem preconceitos, e em parte ao trabalho didático de maestros como Ravi Shankar, ela conquistou progressivamente as mais respeitadas salas de concerto do mundo. Nos dias atuais existem, no Ocidente, performances e temporadas regulares de vários grandes cantores e instrumentistas de diversos estilos clássicos da Índia. Já se afirmou que a música indiana é, para os ocidentais, a mais conhecida e apreciada tradição musical de origem não-européia. Há evidências de que essa afirmativa não é exagerada.

No Brasil, além de uma visita de Ravi Shankar já há algumas décadas, a música indiana cresce pouco a pouco. Alguns artistas indianos têm se apresentado, de modo eventual, nas principais capitais. Em São Paulo, contamos com o trabalho da cantora Meeta Ravindra, a única musicista indiana com formação clássica residente no país. A situação, contudo, tende a melhorar. Já se organizou recentemente um festival de cultura indiana em São Paulo, e é provável que os maestros de música clássica comecem a incluir nossos palcos em suas turnês.

VARIEDADES E RAMIFICAÇÕES – Falar sobre música indiana é uma tarefa de proporções consideráveis. As duas palavras – música e Índia – remetem a uma grande variedade de fenômenos musicais e culturais. É justamente com o conceito de variedade que eu gostaria de começar esta série de artigos. Como se sabe, existe na Índia uma grande diversidade étnica e cultural. Há também uma grande variedade musical, relacionada a praticamente cada um desses diferentes contextos.



Não é preciso alertar o leitor de que a apreciação musical se enriquece muito quando se consideram as relações de uma música, qualquer que seja, com seu contexto histórico e cultural, ou ainda com o contexto individual de um certo músico ou compositor. De fato, a música tem a capacidade de representar todas essas relações. Mas tem ainda a característica de ser auto-suficiente, de significar ela mesma (para aqueles que têm ouvidos para ouvir). Além disso, pode representar uma infinidade de objetos *não-musicais*, tais como os sons de um riacho (ou de um trem), um país (ou um produto), ou uma certa emoção, sagrada ou profana. Assim, são muitos os charmes da música, essa arte tão sedutora. E a música indiana faz uso de todos esses encantamentos.

Há na Índia duas grandes tradições de música clássica. A do norte é chamada de hindustani e a do sul é conhecida como carnática. Existem razões históricas, culturais e musicais para essa divisão. Entretanto, como meu objetivo é falar aqui sobre a variedade da música do país, digo apenas que as duas artes musicais clássicas têm uma mesma origem, algo como dois galhos que emergem de um mesmo tronco. Além desta árvore clássica e suas raízes, existe um complexo de outros gêneros, formas e concepções musicais na Índia. Mais ou menos distintas, as formas clássicas e essas outras músicas estão de certa forma interligadas, formando uma espécie de gigantesco *banyan*, uma árvore indiana, que com o tempo desenvolve múltiplos troncos e raízes, num magnífico emaranhado.

Na base desse complexo estão certamente as várias músicas tribais. Entre as centenas de nações aborígenes existentes na Índia, destacam-se três mais populosas: os Santal no nordeste, os Bhil no noroeste e os Gond na Índia central. A maioria vive em regiões de difícil acesso, em montanhas e florestas, algumas demarcadas como reservas. Ainda hoje pode-se ouvir a dança da chuva, tal como os Gond cantaram e dançaram por milênios. De origem ritual, as músicas tribais referem-se a aspectos fundamentais da vida, como as danças de casamento, caça, colheita ou funerais.

A dança da chuva tem, literalmente, o propósito de provocá-la, ponto-chave para as tribos que se dedicam à agricultura. Os Gadabi de Bhitari Pami (no estado de Orissa) realizam essa dança com três cantores acompanhados por um *ektar*, um instrumento de cordas, isto é, de corda, pois tem uma única, que produz um bordão. Esse tom, repetido ritmicamente, é a base do canto, realizado numa escala pentatônica. Pode haver ainda alguma percussão simples. Ao redor dos músicos, outros integrantes da tribo dançam em círculos, com o fim de propiciar a chuva. Além das músicas rituais, existem canções de trabalho, de conselhos para a vida conjugal, cômicas e de entretenimento.

FOLCLORE E NATUREZA – Um outro feixe de tradições musicais se encontra na assim chamada *música folclórica*. Mais difícil de ser separada de outras tradições do que a música tribal, a folclórica representa a cultura, os festivais, os ritos de passagem e a vida cotidiana das centenas de milhares de vilas da Índia. As diferenças regionais são marcantes, ainda que se possam encontrar categorias, tais como a música para celebrações coletivas e rituais domésticos; a religiosa e devocional, assim como a dos festivais mitológicos; a música para as diversas formas de teatro e danças dramáticas folclóricas; a de entretenimento e a das castas especiais de trovadores e músicos populares.

A relação entre música e natureza é marcante e podem-se destacar duas, das seis estações do clima da Ásia meridional: a primavera (*vasant*) e as monções (*varsba*). Ambas são consideradas como propícias e recebidas com alívio pelos indianos. A primavera marca o renascimento da natureza após o inverno, a estação das chuvas a superação do verão seco e quente. O festival da primavera tem sua festa máxima com o Holi, a festa das cores, algo como o carnaval indiano, representando o ano novo Hindu, o ressurgimento da vida, a celebração da fecundidade e a renovação da natureza. As pessoas igualmente se propõem a renovar suas vidas, vestindo roupas brancas novas, depois de terem brincado e cantado numa espécie de entrudo amistoso, onde parentes, amigos e vizinhos disputam batalhas de água e pó coloridos. As canções ligadas às monções refletem vários aspectos da vida familiar rural e das pequenas vilas, como a separação e o reencontro das pessoas amadas.

Dentre os rituais domésticos, o casamento é certamente o mais importante. A celebração, que dura vários dias, é preenchida por vários gêneros de canções folclóricas, cantadas pelas mulheres das famílias

envolvidas. Em ocasiões auspiciosas, como o nascimento de um filho, pode-se oferecer um certo gênero de canção, que se denomina *badhava*, no estado de Uttar Pradesh. De um charme especial são as *chakkigits*, ou canções de moer trigo. São sempre executadas pelas mulheres em suas casas, durante a madrugada, quando fazem o aborrecido trabalho de moer o trigo para obter farinha. O moinho, uma ferramenta simples feita com dois discos de pedra, também funciona como instrumento musical, produzindo um ruído pelo girar do disco superior sobre o inferior. Tanto a moagem como a canção são feitas em duetos, as mulheres cantando temas religiosos, ou mesmo o pesado e infundável trabalho doméstico. Canções coletivas de trabalho são ainda importantes, como as dos pescadores. A casta dos Dobhi (lavadeiras e lavadeiras), por exemplo, tem seu próprio repertório, que inclui as *lacaris*, canções bem humoradas e muitas vezes eróticas, executadas como entretenimento.

Muitos instrumentos são usados nesses gêneros, com destaque para a percussão. Entre os tambores mais tocados no norte estão o *dhole* e o *dholak* (cilíndricos, com duas faces) e os *naqqaras* (semi-esféricos, com uma só face). Entre os de sopro, da classe de palheta dupla, estão o *shahnai* (no norte) e o *nadhaswaram* (no sul), ambos também executados atualmente na música clássica. Uma variedade de instrumentos de arco, como o *sarangi*, *sarinda* e *kemanche*, são usados no estado do Rajastão, e outros semelhantes por toda a Índia. A voz humana é certamente o principal instrumento. As canções folclóricas podem ser executadas em solo, mas a forma mais comum é a de um coro, que responde às estrofes de um solista. Algumas dessas melodias se aproximam dos *ragas* (estruturas melódicas) e das formas clássicas. Na verdade, as tradições musicais populares e as clássicas têm trocado formas, temas e idéias desde sempre, como veremos numa outra oportunidade.

A música folclórica é quase sempre executada por amadores, mas também existem músicos profissionais populares. A casta dos Ahir se constitui de trovadores especialistas. Um dos gêneros que eles cantam é o *nirgun biraba*, canção religiosa de caráter educacional. No sul da Índia, encontra-se o *panchavadhyam* (literalmente, cinco instrumentos), um conjunto de sopros e percussão destinado a celebrações ao ar livre, como o festival *gaja mela* de Trichur (no estado de Kerala). Esse festival consiste na apresentação de dezenas de elefantes domesticados, profusamente decorados, suas evoluções e as habilidades de seus condutores. O *gaja mela* ganha ainda mais brilho ao som do *panchavadhyam*.

MÚSICA SACRA – Templos hindus e santuários islâmicos são também espaços para vários tipos de música. No norte, como nos santuários da cidade de Ajmer, ainda existem os conjuntos chamados *naubat shahnai*, constituídos principalmente por *shahnai*, *karna* (trompete natural), *naqqaras* e pratos. Originalmente persas, os *naubat* representavam a música oficial das cortes do período Mogol (entre os séculos XVI e XIX). Entre suas funções estavam marcar as horas e anunciar os visitantes ilustres aos palácios. Assim como no norte, a música instrumental está presente nos templos e procissões do sul da Índia, onde conjuntos de *nadhaswaram* e *tavil* (tambor cilíndrico de face dupla) apresentam sua auspiciosa música de volume poderoso.

A música devocional é um importante gênero, que freqüentemente interpenetra as formas clássicas. A tradição sufi indo-islâmica tem um gênero específico que é o *qawwali*, executado em mausoléus de santos, como o santuário do Sheikh⁴ Nizamuddin Aulia (1236-1325), em Nova Déli. O *qawwali* é cantado por músicos especialistas, na forma de solos e coros, acompanhado pelo harmônio portátil e por uma variedade de tambores e percussão. Na tradição hindu encontram-se os *kirtanam* carnáticos e os *bhajan* hindustani. Canções devocionais são dirigidas a diversas divindades do panteão hindu, tais como Śiva, Durgā, Kṛṣṇa, Rāma e Lakṣmī, entre outros. Na sua forma mais popular, um solista conduz a performance, que é respondida em coro pelos participantes da reunião. O acompanhamento melódico é feito por harmônio. A percussão, fator essencial em praticamente todos os gêneros de música indiana, pode estar a cargo do *dhholak* ou do *tabla* no norte, ou realizada pelo *mrdangam* (tambor cilíndrico de face dupla) no sul.

Vale ainda lembrar os Baul, músicos e místicos itinerantes de Bengala. Originalmente de tradição hindu, aceitam em suas comunidades pessoas de qualquer religião, desde de que compartilhem seus pontos de vista, que não reconhecem casta ou classes sociais: nenhuma divindade, templo ou mesquita em particular. Para eles, o divino deve ser encontrado no interior de cada indivíduo, e a vida é encarada como algo simples e natural. As canções dos Baul foram redescobertas e valorizadas pelo poeta Rabindranath Tagore, Prêmio Nobel de Literatura.

A MÚSICA DAS CIDADES – Uma rica variedade de música popular pode ser encontrada nas grandes metrópoles, tais como Bombaim, Calcutá, Nova Déli e Madras. Liderando a preferência estão as trilhas sonoras

de filmes nacionais, realizadas em várias das 15 línguas oficiais da Índia. A produção cinematográfica indiana, uma das maiores do mundo, tem uma grande influência na cultura popular urbana, tanto das metrópoles como das pequenas cidades, espalhando-se cada vez mais nas áreas rurais. Bombaim, a capital do cinema indiano, produz mais de 300 filmes por ano e, portanto, recebe com merecimento o apelido de “Bollywood”. Muitas das produções são musicais, e a popularidade de suas canções determina o sucesso do filme. De fato, costumam-se lançar as gravações (geralmente em cassetes) antes da estréia dos filmes. A música de filme, um gênero muito peculiar, combina livremente formas indianas clássicas e folclóricas com uma roupagem ocidentalizada de orquestras e sintetizadores.

Uma das formas mais comuns, presente em praticamente todos os filmes, é a canção do par romântico, cantada por uma voz feminina de registro muito alto, quase infantil, em dueto com seu amado galã. A música de filme estende a sua influência para uma série de outras formas populares de música urbana. Entre elas estão as fanfarras de sopros e percussão, normalmente contratadas para as procissões de festas de casamento. Sob esta música entusiástica, tocada por bandas vestindo uniformes e turbantes resplandecentes, o noivo chega à casa dos pais da noiva e, depois das cerimônias finais, a conduz para sua nova casa. As formas mais jovens de música popular urbana também se apóiam no repertório dos filmes. Podem-se encontrar aqui os *remixes* e *raps*, derivados das canções mais populares. Um gênero muito dançante é o *bhangra*, de imenso sucesso nas discotecas indianas.

Aqui estão alguns exemplos da variedade musical na Índia. Faltaria ainda falar algo sobre a música das apresentações de teatro e danças populares, mas creio ser preciso deixar espaço para que o leitor faça suas próprias descobertas. Para os musicalmente menos audazes, espero que este artigo faça com que, ao se depararem com algumas destas manifestações, especialmente aquelas que podem soar mais estranhas, tenham a paciência de tentar decifrá-las, se um contato mais imediato não for possível. O contexto sócio-cultural dessas músicas pode ser um bom ponto de partida, mas grandes tesouros estão nos sons em si mesmos.

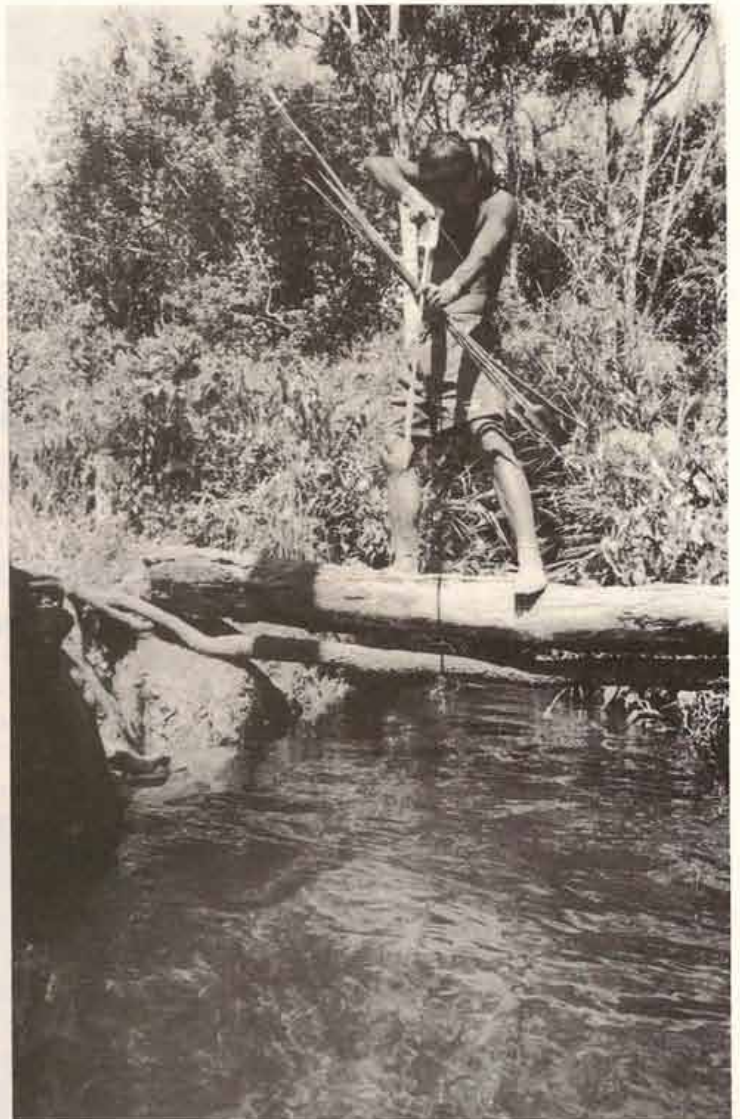
Para isso é preciso colocar-se numa atitude de disponibilidade e evitar quaisquer preconceitos. Abrir os ouvidos e escutar com atenção. Pode-se então desfrutar do charme particular de cada música, independentemente da etnia, religião, nível cultural, ou

classe social de quem a produz. Sons são apenas sons, e todos podemos compartilhar da alegria de fazê-los, ouvi-los e dançar juntos, sem qualquer outro propósito além de se entregar ao encantamento da arte musical.

ALGUMAS INDICAÇÕES – Apesar da dificuldade de encontrar gravações de música indiana no Brasil, parece-me importante fornecer aqui algumas indicações. Não se trata de uma discografia completa, mas antes de sugestões.

- A música tribal pode ser encontrada no CD *Inde Centrale, Traditions Musicales des Gonds*, Archives Internationales de Musique Populaire, Genebra, VDE-Gallo CD-618 (1990).
- A música folclórica do estado de Uttar Pradesh é amplamente ilustrada em *Folk Music of Uttar Pradesh*, editado pelo International Institute for Comparative Music Studies and Documentation, Berlim, Musicaphon BM 55802 (1990).
- O *naubat shahnai* do Rajastão foi gravado em *Music From the Shrines of Ajmer & Mandra*, Topic World Series TSCD911 (1970/95). *Bhajans* em forma clássica, cantados pela grande Lakshmi Shankar, estão em "Bhakti Ras", Navras NRCD 0056 (1995).
- As canções dos Baul foram gravadas em *A Man of Heart, the Bauls of Bengal*, Amiata ARNR 0596 (1996).
- Um famoso grupo de *qawwali* do Paquistão é o dos irmãos Sabri: *The Greatest Hits of Sabri Brothers*, em vários volumes pela EMI Pakistan & Sirocco (1990).
- Uma grande variedade de trilhas sonoras de filmes, *remix*, *bhangra* etc., pode ser encontrada em cassetes e CDs indianos.
- A música da banda New Bharat, de Bangalore, foi gravada em *Inde: Fanfare de Mariage, Musique du Monde & Buda* 92590-2 (1992).

LEITURAS – Existem, naturalmente, muitas outras gravações disponíveis. Como leituras, recomendo, de Eduard Henry, *Chant the Names of God*, San Diego State University Press, 1988, para uma visão bastante detalhada da música folclórica do norte da Índia. O *qawwali* foi profundamente estudado por Regula Qureshi, em *Sufi Music of India and Pakistan*, Calcutá,



Seagull & Cambridge, 1986. Vários tipos de música mencionados neste artigo (assim como as clássicas hindustani e carnática) podem ser estudados no excelente verbete *India*, do *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, editado por S. Sadie, vol. 9, 69-166, Londres, Macmillan, 1980. ▲

NOTAS

1. Este artigo foi escrito durante o período em que realizei pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, à qual gostaria de fazer públicos meus agradecimentos.
2. *Pandit* significa mestre ou maestro em hindi.
3. *Ustad* significa mestre ou maestro em urdu.
4. Mestre ou professor em persa.

PHILIPPE QUÉAU

CIBERTERRA E NOOSFERA

Uma análise exemplar do real,
do virtual e seus novos horizontes



*A inteligibilidade acompanha
a imaterialidade.*

Tomás de Aquino

PHILIPPE QUÉAU é diretor da Divisão de
Informação e Informática da UNESCO.

Devemos nos render à evidência: vivemos um verdadeiro *ciber-bang*, de conseqüências imprevisíveis. A economia do virtual começa a forjar, de modo profundo, uma nova sociedade, acelerando a desmaterialização dos fluxos, aumentando os curtos-circuitos informacionais, reestruturando os mercados de tratamento da informação e generalizando a desintermediação – mas também provocando novas desigualdades culturais entre os info-ricos e os info-pobres.

Todos os ingredientes de uma revolução radical estão a partir de agora reunidos: a comunicação instantânea e onipresente de informações de alto valor agregado, a réplica infinita das imagens e sons a um custo cada vez mais baixo, interfaces de cibernavegação cada vez mais maleáveis e inventivas, aliando a realidade virtual, os conjuntos de imagens em 3D interativos e as redes, terminais cada vez mais poderosos, “inteligentes” e muito baratos. Essa revolução técnica anuncia outra, econômica e social, sem precedentes, pois é planetária e sincrônica. Os Estados-Nações, habituados a administrar um território “real”, ainda não souberam se adaptar ao ciberespaço. A radicalização do teletrabalho, a generalização de ciberempresas, transferidas de um local para outro e virtualizadas, será um choque frontal para as visões clássicas de mundo, habituadas à centralização, à territorialidade e à materialidade.

- O perigo principal da hibridação crescente entre real e virtual é, sem dúvida, o da confusão. Esta atinge a linguagem, a razão, os valores e os objetivos.
- Analisando a confusão das imagens, podemos compreender melhor a confusão da razão que se apóia sobre elas.
- Entretanto, a hibridação é também fonte de fusões felizes. Elas testemunham as pesquisas interdisciplinares, aliando a arte e a ciência.
- A Ciberterra permite a encarnação concreta de uma “noosfera”, com duas condições: menos confusões e mais fusões.

Confusões

A CONFUSÃO DAS METÁFORAS E DOS MODELOS – “Uma palavra ainda é o homem, duas palavras já são o abismo”, diz Roberto Juarroz. Nossas linguagens e sistemas de representação são reconhecidamente imperfeitos. Contudo, como são nossos únicos instrumentos de inteligibilidade, devemos nos esforçar para

tirar deles o melhor partido, conforme seus trunfos e fraquezas. Sob esse ponto de vista, a linguagem natural e as matemáticas ocupam duas posições extremas, bastante complementares, na arte da representação. A finalidade fundamental de um sistema de representação não deve ser “reproduzir” o real, o que seria inútil, mas permitir-nos “descobrir o novo”. Ele deve melhorar nossa compreensão de certos aspectos da realidade, a fim de possibilitar novas ações e pensamentos.

Para tentar fazer aparecer o novo, inscrever o inesperado na mecânica da língua, a linguagem natural usa e abusa das metáforas e outros tropos. Nas matemáticas, não há propriamente que falar de metáforas, mas de “modelos” que representam um papel similar. A escrita de um modelo tem uma função heurística. Trata-se de sugerir similaridades, efetuar passagens, deslocamentos, para fazer aparecer novas “formas”, “sentidos” e interpretações. Há, no entanto, uma diferença radical entre a linguagem natural e a formalização matemática: esta favorece a indução e a generalização, bem como o raciocínio por recorrência. Além disso, presta-se à simulação e aos cálculos simbólicos. A linguagem natural tem um poder menos formal, mais obscuro: diz também pelo que não diz, permite compreender pelo não-dito. Deixa o sentido se infiltrar nos abismos que entre si traçam as palavras. Sua força vem de sua opacidade latente, que precisamos ocupar, e que logo clareamos com nossas próprias luzes.

É claro, entretanto, que as linguagens naturais e as formais não são “linguagens” na mesma acepção do termo. O pensamento claro e o obscuro não usam as mesmas armas nem têm os mesmos objetivos. Por conseqüência, o fato de ver neles apenas “sistemas de representação”, dando a impressão de permitir traduções, passagens, transferências de uns aos outros, parece perigoso. Tratar-se-ia então de uma pseudo-interdisciplinaridade, baseada sobre um consenso de pacotilhas e geradora de confusões. Estas são duvidosas, se considerarmos que estariam alojadas no coração da própria linguagem. É preciso aprender a distinguir as metáforas e os modelos. É necessário hierarquizar e ordenar as clarezas e as obscuridades de umas e de outros, sem misturá-los, porque eles pertencem a duas ordens diferentes da razão.

Há a razão que se apóia sobre as essências, quando estas são conhecidas, esclarecidas, e a que repousa sobre as essências enquanto estão escondidas, obscuras. A primeira vai do visível ao visível, a segunda vai do visível ao invisível. Esta se assemelha à sabedoria filosófica, que procura o conhecimento pelas



causas primeiras, aquela se parece com a ciência, que busca o conhecimento só pelas causas segundas. Eis aí por que cabe à Filosofia designar a ordem que reina entre as ciências, pois ela dá a si mesma sua própria medida – coisa que o pensamento claro não pode fazer.

A CONFUSÃO DA RAZÃO CLARA E DO PENSAMENTO OSCURO – “O homem que sonha é um deus, o que pensa, um mendigo”, dizia Hölderlin. O pensamento claro não pode se dar às mesmas ambições que o obscuro, quando os conceitos ficam pregados no chão e os sonhos podem voar infinitamente. É importante não misturar essas duas formas de pensar, porque elas correspondem a duas maneiras de ser, dois modos radicais de pensar e de ser. Resumindo: o homem-máquina e o homem-deus.

Pitágoras imaginava que os números formam a base do mundo e que a alma é um número que se move. Essa primeira intuição está longe de ter sido posta fora de moda pela ciência contemporânea. Os *quarks* – constituintes últimos da matéria – não são antes de tudo seres matemáticos? A intenção pitagórica, e também o projeto contemporâneo das ciências físicas, repousam sobre uma certa forma de razão e, portanto, sobre uma determinada maneira de encarar o homem. Trata-se de uma razão racional, que confia na inteligibilidade das coisas, na coerência da razão consigo mesma e com a essência profunda do homem. Se tudo é “numérico”,



o homem pode ser assimilado a uma máquina, como pensava Descartes. Julien Offroy de La Mettrie, em *O Homem-máquina* (1747), afirma que o corpo humano é um “relógio”, e que os homens são apenas “máquinas que se arrastam perpendicularmente”. Mais próximo de nós, Bergson exclama, durante uma conferência em Birmingham, em 1911: “Eu vos desafio a provar, pela experiência ou pelo raciocínio, que eu, que vos falo neste momento, seja um ser consciente. Eu poderia ser um autômato, engenhosamente construído pela natureza, indo, vindo, discursando. As próprias palavras pelas quais me declaro consciente poderiam ser pronunciadas inconscientemente”. Era o teste de Turing *avant la lettre*.

Os autômatos estão entre nós e em nós próprios. Bergson acentua ainda que não se poderá ir até a recriação do *élan vital* da evolução. Pode-se imitar a vida, mas não “o próprio movimento da vida”. Mais próximo ainda, Michaux mostra, em seus estudos sobre os efeitos da mescalina, que na alma há “uma máquina que dormita” e trabalha “por repetição e simetria”. De modo recíproco, André Breton encontra no maquinal “absoluto” a alma de uma arte surreal.

Essa razão clara – a razão dos números e das máquinas – é incapaz de apreender a natureza obscura da alma e do homem. Ela só prepara o triunfo do abstrato sob a forma concreta do ser e a vitória do puro mental sobre o sentimento. Anuncia o perigo do pensamento claro, cegando-nos com falsas luzes e pretendendo iluminar os abismos dos pensamentos obscuros. Heidegger imaginava que “o sucesso das máquinas eletrônicas para pensar e calcular” ia conduzir “ao fim do pensamento meditativo”. Não compartilhamos desse temor. Resta à consciência que medita a função de refletir sobre a consciência que calcula. Certamente o pensamento calculador tem o poder da razão, amplificado pelas máquinas. Mas este não tem finalidade, não tem um objetivo, como vimos. Ele está, portanto, entregue a si mesmo, ou então é oferecido ao sábio que quiser ordená-lo para seus próprios fins. O pensamento obscuro deve planar acima dos números, como um vento de Deus sobre as águas.

A CONFUSÃO DOS FINS E DOS MEIOS – A confusão não está apenas na linguagem ou na razão, está também nos fins. Vivemos numa civilização caracterizada pela inversão dos fins e dos meios. Para Simone Weil, está aí a “loucura fundamental que dá conta de tudo o que há de insensato e de sangrento” na História. Essa inversão vem, segundo Weil, da busca contínua do

poder, que é essencialmente impotente para apoderar-se de seu objeto e por isso se condena a julgar que ela própria é o único fim.

Essa mudança é também causada pela coisificação crescente que os sistemas de representação nos impõem. A coesão da ciência é assegurada por signos, expressões que são utilizadas para além de seu domínio de validade inicial, justamente por que os cálculos simbólicos propõem “naturalmente” generalizações que parecem evidentes *a priori*. No âmbito do trabalho e da produção, são as infra-estruturas e as máquinas que assumem esse papel de “cimento natural”. No domínio econômico, o que regula a troca, a relação entre produção e consumo, é a moeda. Os modelos matemáticos, os cálculos algébricos, os signos simbólicos, as máquinas e a moeda, imitam com perfeição o papel de regulador, que representam cada vez mais sistematicamente e sem controle – porque os homens renunciaram a regular seu próprio controle, por preguiça ou porque a tarefa é sobre-humana.

Todos estes *ersatz* [sucedâneos] do pensamento estão cegos diante da realidade que deveriam representar. Eles iludem, certamente: podem nos fazer crer em seu caráter heurístico ou regulador. O simples jogo dos cálculos simbólicos consegue muitas vezes fazer aparecer, nas matemáticas, por exemplo, noções novas, embora estas não tenham outra substância senão a de relacionar signos, abstrações com outras abstrações, mas sem um verdadeiro conteúdo humano.

No domínio econômico, o “valor” da moeda aparenta exprimir a sabedoria onisciente do “mercado” e parece ter uma virtude reguladora. Entretanto, um estudo mais atento mostra que a inventividade ou a capacidade reguladora dos signos permanecem limitadas. Submetendo-se à sua lógica imanente, o homem renuncia certamente à sua realidade natural. Aceitando sua pérola, ele não ganha nem mesmo o conforto tranquilo que parecia esperar de sua obediência servil a essa tirania sem rosto.

Essa inversão de fins e meios se estende a quase tudo. Os sábios não põem a ciência a serviço de um pensamento soberano: eles se alinham no exército anônimo dos servidores e adoradores da ciência constituída. A indústria não se coloca às ordens das verdadeiras necessidades dos homens: são eles que devem colocar-se à disposição da lógica industrial de sua época. O dinheiro não é mais, há muito tempo, um meio cómodo para trocar produtos ou serviços: estes é que servem para fazer circular o dinheiro, segundo modalidades cada vez mais especulativas, desmaterializadas, desencarnadas, virtualizadas.

Os signos e as palavras, os modelos e as metáforas, o dinheiro e os instrumentos financeiros, adquirem doravante função de “realidades”, que parecem mais “reais” que as coisas verdadeiras que deveriam simbolizar. Esses signos puros formam, com efeito, a matéria das relações sociais que se estruturam por meio dessas ficções irrefutáveis. Os signos não são, certamente, apenas simulacros, mas permanecerão sempre apenas meios. O problema é que eles se transformaram em fins – os homens é que se tornaram meios.

A CONFUSÃO DOS “VALORES”: O REAL E O VIRTUAL – O sucesso atual do paradigma do “virtual” tem, entre outras, uma causa de ordem psicológica. O mundo, tendo perdido toda noção clara do “real”, encontra uma espécie de resposta provisória para a angústia que disso decorre, ao invocar um “virtual” que o substitui. O “virtual” aparece como um tipo de álibi do real. Parece conter a soma inexplicável dos mistérios do mundo. É uma metáfora ampla e prática, que resume numa palavra tudo o que não “realizamos” claramente em relação à realidade. Ele introduz no cotidiano uma distância quase filosófica em relação ao real. Obriga-nos a considerar as “realidades” que nos são dadas com um espírito crítico cada vez maior.

Assim, a “realidade virtual” e, mais ainda, a “realidade aumentada”, entram em pauta para nos levar a experimentar “realidades intermediárias”, feitas com pedaços de origens variadas, quer dizer, de modelos matemáticos, sensações físicas, conceitos abstratos e percepções concretas. Essas novas realidades nos lembram, evidentemente, as intuições platônicas e os *metaxu* – os “seres intermediários”, que permitiam, outrora, ligar a matéria e a forma, o saber e a ignorância, a beleza e a feiúra, os deuses e os homens. Para Platão, os intermediários permitem juntar o que seria inconcebível sem eles. São os anjos, os *quarks* e os *gluons*, que mantêm o mundo coeso. Eles preenchem, ao menos, as profundas brechas que nossa linguagem produz na carne do mundo.

Falávamos da “inversão” entre os fins e os meios. Existe também uma inversão entre o real e o virtual. Sabe-se que a origem etimológica de “virtual” é o latim *virtus*, virtude, coragem, alma – palavra que vem de *vir* – varão, homem. Entre os latinos, o homem e a virtude são indissociáveis. O que constitui a essência de um ser humano é a sua “virtude”, e esta é intrinsecamente humana. Nessa perspectiva, o homem aparece como um ser “virtual” num mundo que seria apenas “real”, quer dizer, sem virtude. O virtual dos latinos é a verdadeira realidade humana. Em nossos

dias, evidentemente, o virtual parece ontologicamente inferior ao real. Uma primeira mudança se operou, de modo parecido à que ocorreu com a palavra “autômato”. Em Platão, esse termo só se podia aplicar à alma. Hoje ele se desvalorizou imensamente, e significa o seu exato contrário.

Essas mudanças de 180 graus no sentido das palavras são fascinantes. São os sintomas de inversão dos fins e dos meios que evocávamos. Entretanto, hoje em dia somos testemunhas de uma outra inversão: o virtual torna-se “mais real que o real”. Ele permite, com efeito, agir sobre o real cada vez mais “eficazmente” e melhor compreendê-lo. A instalação dessa nova mudança é progressiva, atinge a economia por trás. Os “manipuladores do símbolo” tornam-se operadores de referência de uma economia em via de desmaterialização, de desterritorialização. As bulas especulativas, financeiras ou prediais (de bens de raiz), atestam a mudança dos “valores”.

Nossa tese é que essa “virtualização” da economia vai também se traduzir por uma virtualização crescente da imagem que o homem faz de si mesmo, pois ele será cada vez mais apanhado, na sua vida cotidiana, pelo jogo “virtual” das forças abstratas de um mercado entregue à sua própria sorte. Paradoxalmente, essa visualização vai sem dúvida obrigá-lo a definir-se, não por meio de realidades ou “terres” materiais, cada vez menos pertinentes. A virtualização poderia ser uma via de questionamento profundo. A “virtude” romana bem que poderia voltar à atualidade, na explosiva Babilônia do virtual generalizado. Isso seria bem necessário, num momento em que a confusão entre as diversas noções de valor traz consigo o risco de crescer, com a generalização dos cruzamentos entre o real e o virtual.

O valor das coisas não-comercializáveis não é reconhecido da mesma maneira que o das comercializáveis. Vende-se um livro pelo preço da sua fabricação e distribuição, e não pelo valor das idéias que contém. Essa contradição é geral. Por isso, o sistema tornou-se esquizofrênico. A defasagem entre valor “real” e valor “mercantil” não cessa de aumentar, porque só as coisas cujo valor é “quantificável” são admitidas pelo “mercado”. Ou por outra, só a parte quantificável é avaliada nos termos do mercado, mas este tira, entretanto, muito proveito da parte não-quantificável das coisas, que lhes confere o “verdadeiro valor”.

Na era do virtual, as coisas vendem-se cada vez mais pelo que valem do ponto de vista cultural e simbólico. Ora, esse valor imaterial (das idéias, das invenções, do estilo) é praticamente impossível de

apreender de modo efetivo. Pode-se apreender a sua sombra encarnada: a que deixam os "objetos" industriais, as "imagens de marca", as "reputações estabelecidas". A lógica do mercado arrebatada, mas a partir de um mal-entendido fundamental: os comerciantes acham que nos vendem "objetos", mas compramos apenas "significados". Além disso, a lógica da desmaterialização continua a progredir. A longo prazo, como poderá a ordem comercial continuar vivendo da exploração de produtos materiais, cujo valor real, imaterial, se encarnará cada vez mais livremente, sem a pressão do tempo, do espaço, de apoios?

Uma primeira barreira contra isso consiste em reforçar o direito de autor, o direito de propriedade intelectual, às vezes para além do ridículo (a batalha do *look and feel*, o depósito de patentes sobre os "dispositivos de interação"). Mas essa barreira é frágil. A lama do fundo da virtualização vai carregar toda a nossa sociedade "materialista", em sua passagem desintegradora.

A confusão das imagens: visão e ininteligibilidade

As confusões que o espírito mantém nele mesmo e a respeito de si próprio encontram uma ilustração exemplar no caso das "imagens" que gosta de utilizar. Como há uma certa analogia entre "ver" e "compreender", analisando a maneira pela qual "vemos" as imagens podemos esperar melhor "compreender" como pensamos. O pensamento é feito de vida e de erros, de esquecimento e de opacidade.

A imagem encarna e ilustra as confusões que encontramos no domínio da linguagem e dos modelos, bem como no dos fins e dos valores. Assim imagem e linguagem, antes separadas, reúnem-se agora de modo objetivo e confuso. A imagem e o "modelo", antes categorias duais, serão doravante analisadas mais como instâncias de um "paradigma" comum, latente, do qual são os instantes de visibilidade ou de inteligibilidade. Mas, por outro lado, elas o confundem.

Da mesma forma, a imagem e o "lugar", a imagem e a "presença", que antes se podiam opor termo a termo, agora se fundem e entram, inesperadamente, num processo de hibridação. Para evitar que nos confundamos de novo, essa fusão progressiva da imagem com seus conceitos duais deve ser analisada com muito apuro. Sabemos que a transdisciplinaridade pode ser entendida como uma necessidade viva, mas os obstáculos concretos a isso são numerosos. O caso da imagem é um exemplo didático. Escapando à confusão em que as imagens poderiam facilmente nos



mergulhar, e fazendo uma ascese da imagem – o que Mestre Eckhart chamava de “desimaginação” (*Entbildung*) –, preparamo-nos bem melhor para “desimaginar” a própria realidade. O exercício de crítica da imagem e de suas virtualidades serve como uma escola insubstituível ao que os fenomenólogos chamavam a “suspensão” de nossas crenças no mundo, o pôr entre parênteses de que fala Husserl. Em resumo, a *époché*.

Em todos os tempos, a distância entre o visível e o que fica além dele, no domínio puramente inteligível, é um espaço que sempre pareceu impossível de preencher. Hoje em dia, porém, no caso das imagens virtuais, o visível e o inteligível parecem se confundir sempre e cada vez mais. É disso que o paradigma do virtual tenta prestar contas.

A revolução das imagens virtuais se apóia em várias – e grandes – etapas tecnológicas:

- O aparecimento das técnicas de síntese e de tratamento numérico da imagem.
- A possibilidade de interagir em tempo real com a imagem.
- O sentimento de imersão “na” imagem.
- O desenvolvimento das técnicas denominadas de “telepresença” e “televirtualidade”.

Trata-se de uma revolução radical do estatuto da imagem em nossa civilização. É preciso compará-la a outras revoluções fundamentais de nossas técnicas de representação, como o aparecimento da escrita alfabética, a invenção da imprensa ou o nascimento da fotografia. É possível entender esse corte profundo analisando o destino de categorias mentais correntemente utilizadas a propósito das imagens, categorias essas que recobrem oposições, cujas bases se tornaram hoje em dia caducas. Assim, as ligações clássicas entre a imagem e a linguagem, a imagem e seu modelo, a imagem e o lugar e a imagem e a presença evoluem de maneira fundamental. Entre os pólos desses pares de conceitos amarram-se novos laços.

IMAGEM E LINGUAGEM – Classicamente, o mundo das imagens e da linguagem (o visível e o invisível) permanecia tão estanque como o número e a letra, a luz e a palavra, o ídolo e o livro.

O logos se comenta, o ídolo se manipula.

As palavras podiam, no máximo, acompanhar as imagens ou vir inscrever-se nelas. As imagens podiam

ilustrar as palavras, mas havia ligações operativas, diretas, entre esses dois universos de representação. Inversamente, com a síntese da imagem, das formas de “linguajares” abstratas, arranjos simbólicos podem produzir diretamente imagens. Estas, antes intrinsecamente ligadas às irradiações visíveis, produzidas pelo mundo real e na interação dessas irradiações fotônicas com superfícies fotossensíveis, podem, a partir de agora, ser produzidas *in concreto* por manipulações *in abstracto*.

As representações matemáticas podem, diretamente, produzir algo visível. As conseqüências desse vínculo direto entre a representação “do linguajar” formal e a visualização sensível são consideráveis. A imagem liberta-se da materialidade do mundo (os pigmentos da pintura, a gelatina fotoquímica, o efeito fotoeletrônico) e se constitui essencialmente como pura abstração. Pode, sobretudo, ser manejada como se manipulam formas de linguajares, sem precisar submetê-las às leis da matéria ou da luz. Que ela se liberte do seu vínculo com a luz de que necessita, não é uma conquista inexpressiva. Para nós, isso marca o aparecimento de uma nova era escritural.

IMAGEM E MODELO – Uma segunda saída da posição clássica das imagens é a abolição efetiva da diferença essencial de natureza entre o seu mundo e o dos modelos do qual elas são tiradas. Para os antigos (e esse “antigos” inclui também os cineastas e os videastas), a imagem é apenas a sombra enfraquecida da realidade preexistente de um modelo real do qual ela é o reflexo, o simulacro de algo mais real que ela própria, ao qual se refere sem cessar, numa economia de memória, rastro ou cópia. O modelo encarna toda a substância do real, cuja imagem é um simples ectoplasma. O modelo do pintor é sempre mais vivo que o quadro que provoca. A imagem fotográfica ou cinematográfica é apenas um sintoma, um signo, que se reporta a uma realidade que se mantém essencialmente distante, alheada: separação estrita dos modelos e das imagens do real e do simulacro.

Por outro lado, as imagens de síntese não são de natureza diferente dos modelos que provocam. As imagens numéricas ou sintéticas, e os modelos dos quais saíram, têm a mesma essência matemática. A imagem numérica não é menos substancial do que o modelo numérico, pois um e outro são da mesma natureza – a natureza intermediária das representações matemáticas. Quanto aos modelos, já são tipos de imagens. Isso permite um ir e vir funcional entre modelos e imagens. Expressas claramente, estas podem servir para modificar os modelos dos quais procedem.



As técnicas de visão por computador, de reconhecimento de formas, de tratamento de imagens, podem ser utilizadas para trocar os parâmetros ou a própria estrutura dos modelos que as geram, criando uma conexão inédita entre estes e aquelas. Existem, então, vínculos geradores complexos entre eles. Sem forçar a metáfora, pode-se dizer que a imagem gera o modelo e que a recíproca é verdadeira. Há aí um processo de coevolução recorrente, ao qual certamente as imagens do passado não nos tinham habituado, porque estavam congeladas em sua própria materialidade.

IMAGEM E LUGAR – Em razão de numerosas limitações ligadas à fabricação ou à projeção das imagens, estávamos limitados a uma atitude de espectadores. Ficávamos postados diante delas, que estavam necessariamente ligadas à tela, induzindo por isso mesmo uma ligação restrita ao espaço circundante. Quando focalizamos o nosso olhar na tela, as imagens apagam o mundo ao redor, ocultam o espaço e o substituem por um “engodo”, um véu sem segredo, sem densidade própria.

Em contrapartida, com as técnicas do virtual, pode-se entrar na imagem. A ilusão virtual não dissimula mais o espaço, ela o simula. O virtual torna-se um universo próprio, ao lado do real. Com o aparecimento dos mundos virtuais, a imagem deixa a tela, e

ela mesma se torna um “lugar”, onde podemos nos deslocar e encontrar outras pessoas. Nesse lugar podemos obter nossas satisfações e nossas marcas. Nele podemos acabar passando a maior parte de nosso tempo, profissional ou de lazer. O verdadeiro real, o mundo onde comemos e dormimos, talvez se torne uma espécie de porto de ligação, ao qual será necessário voltar de tempos em tempos para nos alimentarmos, antes de partir novamente para as redes virtuais do teletrabalho e das comunidades ciberespaciais.

Isso não acontece sem um impacto sobre a maneira como nos inscrevemos no mundo. Onde estamos, na realidade? Lá onde nos situamos, ou lá onde pensamos? Lembremos as palavras do Doutor Angélico: “A alma está mais onde ama do que onde se movimenta”. O virtual é uma atopia, porque não realça o *topos*: este é o lugar onde estamos, o lugar de nossa posição no mundo. Ora, o virtual não tem posição, não permite que nos assentemos nele. É o contrário do real, é um espaço de linguagem: pertence ao *tropos*, ao universo infinito dos tropos e das metáforas. Não tem posição e sim movimento, fluxo. Não podemos ocupá-lo, ele se dissolve sem cessar. O virtual é heraclítico. Ele nos carreará em seus fluxos desenraizados.

IMAGEM E PRESENÇA – Classicamente, a imagem serve como substituto para a presença da coisa. O medalhão

contendo o retrato, ou o fotograma contendo o rosto da *star* significam, sem nenhuma ambigüidade, a ausência, a distância dos assuntos representados. A imagem é o contrário da presença. Por outro lado, com a televirtualidade ou a telepresença, a imagem virtual não é mais uma simples imagem, uma ilusão, como a do “apresentador” televisivo encarregado de imitar os signos da presença. A imagem televirtual representa o signo de uma “presença” real. Alguém vivo está “lá” de fato: é verdade que virtualmente, em aparência, mas é bem real em termos de atenção disponível, de capacidade de comunicar-se e agir. A televirtualidade, de modo diferente das técnicas de videoconferência, permite-nos prescindir de diversas modalidades de “presença”, de múltiplas maneiras de se fazer representar simbolicamente e funcionalmente, no tempo e no espaço.

IMAGEM E REALIDADE – Por sua fusão crescente com o mundo real, com o “lugar” ou a “presença”, as imagens nos obrigam a discernir o que em nosso olhar e em nosso saber depende do real, isto é, do ser, e o que depende da imagem que temos dele.

Preso entre as imagens e os seres da razão, o pensamento substitui o real por uma espécie de moeda falsa, que não circula mais. Eis porque o pensamento crítico, ou epistemologia, deve começar não por conhecer a si mesmo como desejaria Descartes, mas apagar-se silenciosamente para permitir a experiência primeira, o “rochedo” fundamental, a medida de toda coisa, a experiência do ser. Pois o ser é independente do pensamento. Não comemos o comido, comemos o pão.

Fusões da arte e da ciência: as artes do virtual

A tendência à hibridação não é apenas portadora de confusões. Há também fusões felizes, benéficas, inovadoras. O encontro interdisciplinar da arte com a ciência é um exemplo.

No domínio da criação de imagens e de sons, o numérico está a ponto de tornar-se uma técnica genérica, como a imprensa no domínio da literatura. Isso não quer dizer que o numérico vá substituir todas as outras técnicas de representação. Mas ele é, a partir de agora, capaz de confederar e congregar a técnica da imagem, a do som e mesmo a do palco. Dessa proximidade e transparência das diversas mídias e suportes, nascem novas mediações, novas formas de criação.

Surge uma arte autenticamente nova. Ela não se limita a referir-se às gramáticas e aos estilos do passado: tem sua própria forma, sua própria força. Múltiplas vias de pesquisas abrem-se agora aos artistas do virtual e são extraordinariamente variadas. Entretanto, é possível assinalar algumas pistas características, seguidas por artistas que se desligam deliberadamente dos esquemas clássicos de produção. A escolha seguida é evidentemente subjetiva e necessariamente limitada, mas a nosso ver permite levantar um gráfico das linhas de força mais significativas para o futuro. Podemos salientar as pesquisas ligadas à própria linguagem imagética (metamorfoses e combinatórios de imagens reais e virtuais), o desenvolvimento da animação por meio de modelos (vida artificial), a exploração de novas formas de interação entre os espectadores e as obras, os dispositivos que propõem novas experiências de espaço cênico e “arredores virtuais” e, por fim, a emergência de novas maneiras de dividir as obras com o público, por meio dos museus conectados e das formas de arte *on line*.

AS NOVAS LINGUAGENS DA IMAGEM – As inovações formais possíveis, graças às novas técnicas de manipulação numérica e síntese da imagem, permitem desenvolver um ambiente onírico imaginário, que parece apartado de toda referência com a realidade objetiva. Ou, ao contrário, elas utilizam certos aspectos do real para metamorfoseá-los livremente. Artistas como Yoi-chiro Kawaguchi, ou Michel Bret, construíram seu estilo sobre o mundo de formas fluidas e metamórficas, com uma plástica indefinidamente modelável. Outros, como Tamas Walicky, utilizam o livre jogo das matemáticas para criar ambientes com perspectivas paradoxais, integrando personagens reais em cenários de imagens de síntese dotadas de propriedades desorientadoras. Outros ainda, como Peter Voci, ou Nancy Burson, exploram as possibilidades da metamorfose contínua das imagens (*morphing*) para criar aparências impossíveis, ou para produzir a aparência de pessoas desaparecidas, ou ainda para realizar sutis e perturbadoras transições entre aparências reais e imaginárias.

Todos esses esforços têm um ponto comum: a imagem numérica ou virtual permite todas as combinações, todas as hibridações entre natureza e artifícios, entre realidade e virtualidade. Por conseguinte, o interesse dessas pesquisas está na tensão, ou mesmo na contradição, entre os diversos níveis de realidade e virtualidade que coexistem numa mesma representação, ou melhor, num mesmo “mundo”. A resultante do empenho dos artistas interessados nessas novas

linguagens da imagem é, freqüentemente, uma interrogação sobre a própria natureza da representação e da liberação mais ou menos radical de toda ligação com um referencial real.

VIDAS ARTIFICIAIS — Uma das tendências mais inovadoras da arte do virtual é o aproveitamento do progresso dos algoritmos desenvolvidos no domínio da inteligência artificial, ou mesmo das reincidências de pesquisas mais fundamentais (algoritmos genéticos), para criar formas de “quase-vidas” puramente simbólicas. Pode-se então fazer surgir comportamentos extremamente complexos, que chegam a imitar as idiossincrasias de seres simbólicos, dotados de “personalidade”, “vontade” e “desejo”. É também possível simular comportamentos coletivos, “sociais”, evoluídos.

O artista pode colocar-se de certa forma no papel de um demiurgo, e criar “seres” de síntese capazes de evoluir e interagir com o ambiente virtual, mas também com o mundo real. Esses seres podem tomar emprestadas metáforas vegetais, animais, ou mesmo “humanas”, para determinar sua maneira de “viver”, de se “reproduzir”, “evoluir” e “morrer”. Em todos os casos, a complexidade dessa evolução é tão grande e tão rica, que toda aparência de automatismo desaparece e eles parecem estar “vivos”. O artista se parece com o “deus” desses quase-mundos e quase-universos, dos quais propõem experimentar a estrutura e o destino. Ele cria as condições iniciais desses contextos, da mesma forma que as grandes “leis” que os governam. Longe de cair num determinismo insípido, esses âmbitos utilizam as propriedades dos modelos para seguir “ligações estranhas” indecíveis e imprevisíveis, abertas a todas as mutações.

Podemos citar aqui alguns nomes. Karl Sims consegue criar formas quase-vivas, dotadas de capacidade de evolução genética e suscetíveis de apreender comportamentos complexos com o auxílio de ensaios e

de erros. Ulrike Gabriel trabalha sobre formas de vida artificiais em relação ao ambiente (luz, sons) e aos espectadores (gestos, esforços exploratórios). Mais recentemente, há o trabalho de Michaël Tolson (*Las Meninas*).



INTERAÇÕES VIRTUAIS E CONCEITUAIS — Uma das funções mais interessantes do numérico é encorajar todos os tipos de interação com as imagens ou os mundos gerados pelo computador. Esses “ambientes interativos” permitem aos espectadores participar (em níveis variados e seguindo modalidades concretas, muito diversificadas) da criação da obra ou de sua evolução. Os níveis de interação podem ser limitados à aparência exterior da obra, à sua imagem, mas podem também chegar a mudar em profundidade a própria estrutura do trabalho, afetando o modelo formal que o rege e podendo mesmo modificar, numa certa medida, o seu conceito, no limite desejado pelo artista.

É a própria noção de obra artística, assinável, autenticável, que passa por uma revisão. O artista interativo radical propõe aos espectadores uma cooperação criativa, uma “co-criação” — um processo de requestionamento de seu trabalho, que permanece assim sempre “na obra”. Com esse espírito trabalham artistas como Monika Fleishmann (*Rigid Waves, Liquid Views*), Christa

Sommerer e Laurent Mignonneau (*A-volve, Trans Plant, Phototropy*), Jeffrey Shaw (*The Legible City, The Virtual Museum*), Agnes Hegedus (*Handsight, Between the Words*).

OS AMBIENTES VIRTUAIS — A imersão “na” imagem é inegavelmente um dos aspectos mais conhecidos e mais mediatizados da revolução do virtual. Os capacetes de estereovisão e outras lunetas estereoscópicas permitem “entrar” no que se vê. Até agora, com a pintura, o cinema, ou a televisão, tínhamos uma experiência frontal e bidimensional. Hoje, a imagem torna-se um espaço no qual podemos, de modo virtual, ou mesmo “fisicamente”, nos deslocar, que é possível explorar como um “mundo” infinitamente complexificável.

Esses “espaços virtuais” podem ser simples metáforas do espaço real ou constituir mundos a parte, com propriedades arbitrarias, oníricas, submetidas à vontade programática do artista, arquiteto e animador, como no trabalho de Christian Hübler, de Knowbotic Research, (*DTWKS*). É possível reconstruir experiências vividas na realidade, mas até então dificilmente partilhadas, como a alucinação, o sonho, o pesadelo. Pode-se também criar universos de formas e sons diferentes de toda experiência real. Podemos ainda evocar a notável tentativa de Rita Addison, de simular as consequências do acidente que resultou em traumatismo craniano (*Detour Attention: Brain Deconstruction Ahead*). É também viável misturar, hibridar a realidade (o ambiente real, tangível) e as imagens virtuais, criando assim um tipo de “neo-realidade” ou “realidade aumentada”. Assim, é possível superpor imagens virtuais e arquiteturas reais. O virtual, nesse caso, longe de opor ao real, está apto a se tornar parte íntima da própria textura da realidade.

ARTE EM REDE — As obras musicais, pictóricas, cinematográficas, audiovisuais, são agora cada vez mais abundantes nas redes mundiais de comunicação. A Internet — a “rede das redes” — oferece um número crescente de imagens e sons, que podem ser gratuitamente acessados e liberados de todos os direitos, consultáveis mediante taxas ou assinatura (as ofertas comerciais começam a proliferar). O Vaticano anunciou a intenção de pôr *on line* e na íntegra as reproduções dos manuscritos de sua Biblioteca. Os *Manuscritos do Mar Morto* estão em parte disponíveis via Internet, assim como obras de museus importantes.

Entretanto, alguns artistas já procuram utilizar a Internet como uma mídia original, tirando partido de

sua interconectividade generalizada e do inimaginável poder coletivo dos terminais que ela liga através do mundo. Dessa maneira, alguns fazem circular imagens ao longo de cadeias de criação, como Toshihiro Anzai e Kieko Nakamura, recriando nas linhas eletrônicas os *Renga* (poemas circulantes) do Japão medieval. Outros, como David Blair, com sua *Wax Web*, criam “mundos” acessíveis *on line*, nos quais outros artistas podem vir a criar novas “ligações” e “galerias”, compondo desse modo uma soberba metáfora audiovisual e multidimensional da biblioteca de Borges.

É possível ir ainda mais longe, na associação da função “rede” com as outras funcionalidades acima evocadas (vida artificial, interação, imersão). Por exemplo, há pouco um projeto de “reserva virtual”, chamado “Tierra”, foi lançado na Internet por Tom Ray. Podemos encontrar nele todos os tipos de seres quase-vivos, inclusive “vírus” informáticos, que deverão aprender a coabitar, a se hibridar e a coevoluir. Todos os criadores de vida artificial estão convidados a colocar os seus “seres” nessa “reserva” mundial. É possível, ainda, imaginar numerosas generalizações desse tipo de prática, cujos nomes-chave são cooperação, interação, troca, partilha, ubiquidade, instantaneidade — valores mais próximos da pesquisa universitária e do mundo da arte e, por essa razão, fermentos de aceleração das mutações técnicas em curso e das transformações das práticas sociais em escala planetária.

Ciberterra e Noosfera

A CONFUSÃO VEM DA PRÓPRIA NATUREZA DO HOMEM —

Qual a origem das confusões múltiplas que nos afligem? Certamente não resultam da revolução técnica em si, que é apenas o seu revelador circunstancial. Elas vêm antes de tudo da confusão de nossa própria natureza. O homem é um Janus. Sua natureza é fundamentalmente dupla, portanto confusa. Ele está preso entre o horizontal e o vertical, é um composto de carne e espírito, corpo e alma, fixidez e movimento. O poder espiritual da alma vem da capacidade de discernir, julgar, escolher, contemplar. É necessária ainda alguma matéria sobre a qual aplicar estes talentos. O espírito precisa dela para se completar.

Por meio dessa dupla natureza, o homem se prepara para sua tarefa cósmica. Ele é o lugar onde se opera a fusão do inteligível e do sensível. É, como diz Grégoire de Nysse, a “articulação entre o divino e o terrestre”.

Não fomos feitos para acabar despedaçados por este dualismo constitutivo. Se o Divino, como

cremos, é simples, sem costura, sem sutura, o homem, que é a sua imagem, deve desfazer-se de todo o dualismo e visar a unidade. Nossa natureza animal, irracional, está misturada com a imagem de Deus, nosso espírito está enraizado na matéria. Para voltar a ser esta coisa divina de antes da queda, devemos deixar tudo o que recebemos com nossa vestimenta de carne. Pode parecer impossível deixar este estado "atópico", como diz Grégoire de Nysse, esse não-lugar onde caímos e nos degradamos. Mas o mal não está na matéria nem no lugar ou não-lugar (a-topos). Está no nosso desvio. Desviamos-nos de nós mesmos, bem como do ser. Precisamos começar renunciando a esse desdobramento. Precisamos abdicar de nossa dupla natureza. Sem isso acabaremos incapazes de conhecer, de ver.

Sempre que pelo ato de conhecer acreditamos capturar uma presa conceitual, estamos enganados: não conseguimos captar nem mesmo a essência do menor talo de erva, da menor estrela. A razão dessa incapacidade é a seguinte: sempre que a inteligência se refugia na evidência da representação ela deixa de ver, não enxerga mais. A representação é apenas um momento. "Ver" não é deixar-se impregnar por uma imagem. É um movimento que ultrapassa toda representação. A "visão" é um impulso: é, como o espírito, um infundável vir-a-ser. É um desejo que não encontra saciedade, que cresce sem cessar e queima a si mesmo.

Conhecemos a grandiosidade de nossa própria natureza, não "compreendendo-a", mas reconhecendo que ela escapa a toda evidência e compreensão intelectual. É algo como a via mística, que enuncia que "ver não é ver" e que "à medida que se aproxima da visão de Deus, o espírito vê sempre mais claramente a invisibilidade da natureza divina".

UMA SEGUNDA FONTE DE CONFUSÃO — Esta vem do encontro entre as naturezas, a do homem e a do mundo, por exemplo. Toda coisa, com efeito, tem sua própria natureza. Mas o encontro delas se faz ao acaso. Quando as coisas estão em relação umas com as outras, essas relações não têm necessariamente ligação com a natureza de cada uma delas. São encontros compostos de natureza e aventura. Podem ser tão inopinados e arbitrários quanto o de um guarda-chuva com uma máquina de costura sobre uma mesa de dissecação.

Da mesma forma, o homem que encontra as coisas só pode "conhecê-las" na medida em que ele consegue "sê-las". Mas como se pode ser o que não se é?

Há muitos graus de ser, muitas maneiras de conhecer. Esse é o problema para o qual se volta a busca transdisciplinar. A realidade é composta, dizíamos, de natureza e aventura. Essas composições cambiantes são, elas mesmas, *metaxu* — os seres intermediários de Platão. Intermediam todos os tipos de fatos: os de sentido comum, os naturais, os lógicos, os científicos, os filosóficos. Como ordená-los, diferenciá-los, ligá-los? Existem seres reais, de razão, intencionais, relacionais, atuais e possíveis. Quem atribuirá a razão de ser a cada um deles? Há conhecimentos por analogia, por meio de signos, fenomenológicos, conceituais ou noéticos. Quem dirá a maneira pela qual as coisas conhecidas são apreendidas por esses diversos tipos?

As realidades múltiplas dos *metaxu* não cessam de se multiplicar umas pelas outras, em feixes contínuos, como diz Basarab Nicolescu: "Como será o som de 'eu sou' nos diversos níveis de realidade?" Existe apenas — acrescenta ele — a palavra "vivente", que os atravessa como um raio. Mais precisamente, essa palavra não tem o mesmo sentido para o matemático, o físico, o artista, o filósofo.

Jacques Maritain, em *Os Graus do Saber*, distingue: 1) as ciências físicas, que se prendem aos seres da natureza. Estes são objetos que não podem existir sem a matéria e são inconcebíveis sem ela; 2) as matemáticas, que se ocupam dos seres da razão, que são objetos de pensamento e não podem existir sem a matéria sensível, mas podem ser concebidos sem ela; e 3) a metafísica, que se interessa pelas essências, que não apenas são concebíveis sem a natureza mas podem existir sem ela.

Nenhum desses "graus" do conhecimento atinge o saber último. O único "objeto" que o homem poderia realmente compreender seria ele mesmo, ele próprio como "sujeito". O ser humano é melhor quando proporcionado a si mesmo. Mas somos universos, correntes de aparências. Qual é a nossa verdadeira face? Que pessoas somos nós? "A noção de pessoa significa o que há de mais perfeito em toda a natureza" (Tomás de Aquino). O rosto da pessoa é a chancela do divino.

É preciso, sem dúvida, admitir que o sujeito também não pode ser "conhecido". A incompreensibilidade da alma, a profundidade última da pessoa, explicam-se simplesmente por nossa semelhança com Deus. Somos tecidos do mesmo mistério. Permanecemos, então, humildes diante desse mistério. Só podemos nos conhecer por analogia — do modo como conhecemos o Universo, pois temos olhos facilmente ofuscáveis pelo sol do ser das coisas. Queremos

penetrar rápido demais nesse sol, nesse lugar transinteligível. Sabemos, desde a origem, que é lá que está a nossa verdadeira morada. Como dizia Aristóteles: para a nossa inteligência, é uma alegria mais preciosa entrever obscuramente, e da maneira mais pobre, algo daquele sol, do que possuir clara e perfeitamente o que podemos medir.

A humildade da razão e da linguagem não é um reconhecimento de impotência – é uma espera confiante. Uma contemplação. As expressões mais humildes – e eis aí também um mistério – escondem uma analogia de proporção inesgotável, que abrange uma superabundância de sentidos. “Ele está sentado à direita do Pai”: o mais alto dos sentidos – ou o mais cotidiano? Vestimos a nudez de nossa inteligência com tecidos de palavras, dos quais sempre precisamos nos despojar. A humildade da linguagem está pronta para acompanhar a de nossa alma. Apenas esta nos permitirá sentir a profundidade infinita que envolve a linguagem.

Desde Heráclito, sabemos que os signos se manifestam escondendo-se e se escondem manifestando-se. A linguagem mais humilde, a mais escondida, é a que pode manifestar mais e esconder menos.

CIBERTERRA E NOOSFERA – A Ciberterra é uma metáfora, que designa o “meio” no qual será necessário navegar. Falta habitá-lo, civilizá-lo, criar as condições das metamorfoses que virão. Falta “pensá-lo”. A “noosfera” de Teilhard Chardin pode nos servir de referência poética e filosófica. Resta-nos privilegiar as vias que favorecem o bem comum, reduzem as exclusões, diminuem a injustiça, favorecem o desabrochar das pessoas e a expansão do espírito. Falta-nos inventar uma filosofia do valor, uma ética do poder, uma estética do virtual, uma vontade de comunidade e de memória, uma solidariedade humana global.

Mas, antes de tudo, precisamos sair de nossa confusão. Antes de vogar sobre os oceanos do ciberespaço, será preciso aprender a navegar em nós mesmos. O sextante e a bússola de nada servem se o capitão estiver dormindo. É preciso esclarecer nossa própria





linguagem. É necessário que determinemos quando convém pensar dos modos claro e escuro. É preciso que não nos equivoquemos tomando nossos meios por fins, que saibamos dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Em suma: é preciso que aprendamos a distinguir "realmente" o real e o virtual.

Mais uma vez, as imagens poderão vir em nosso auxílio. Precisamos usá-las. As imagens e os homens estão em simpatia desde os tempos mais remotos. Não há nada de surpreendente nisso: os homens são eles próprios imagens, e cada vez que descobrem "novas" imagens, é um pouco de sua natureza que se desvela a seus olhos. Nada do que é imagem e do que a produz deve ser negligenciado, se quisermos compreender o que é uma imagem e se, a partir daí, quisermos voltar ao protótipo do qual somos o reflexo.

A imagem é, então, o lugar necessário de uma transdisciplinaridade consciente de seus meios e fins, de suas metáforas e modelos, clarezas e obscuridades, realidades e virtualidades. Mas ela própria não basta, pois imagem não é semelhança.

Resta-nos "parecer". Parecer com o quê? Com nós mesmos, com nossa própria nobreza, que é infinita, que está sempre insatisfeita, sempre à procura dela própria. Precisamos identificar-nos com nosso desejo, que é perpétuo, insaciável.

Assim, para concluir, dois métodos: um, que concerne à nossa inteligência do mundo e de nós mesmos. Trata-se de reduzir a confusão "natural", distinguir os planos, pôr ordem "entre" as coisas. O outro se refere ao nosso próprio desejo. Não nos satisfazemos com nossa dupla natureza. Precisamos nos unificar, procurar a unidade sem cessar de desejar. Não se trata mais de conhecer, mas de amar. Pois, no fundo, a verdadeira transdisciplinaridade é o amor, "que move o sol e as outras estrelas".

O amor precede a inteligência. Enquanto ele não conseguir transformar a alma, ela viverá de sua própria vida, em seus limites acabados. Precisamos fazer entrar (infundir) o mar inteiro, o mar em fusão, nas gotas d'água confusas que somos. Pois a essência da gota é o mar. ▲

SULAK SIVARAKSA

O PENSAMENTO DE GANDHI COMO ALTERNATIVA AO CONSUMISMO

Uma visão crítica da
globalização neocolonial e de
uma de suas principais
estratégias – o consumismo



DR. SULAK SIVARAKSA é presidente-fundador do Santi Pracha Dhamma Institute, com sede na Tailândia. Esse Instituto dedica-se ao diálogo inter-religioso e a propiciar o engajamento social das diferentes tradições espirituais da Ásia.

Acho que Vandana Shiva estava certa, quando disse que “colonialismo”, “desenvolvimento” e “globalização” são sinônimos – embora suas consequências revelem níveis diferentes de inclemência.

Os senhores coloniais foram muito hábeis ao criar a imagem do império como um sistema valioso, por meio do qual os europeus teriam o direito de governar outras partes do mundo para o bem dos nativos que, segundo eles, não seriam capazes de se auto-governar ou manter a justiça e a paz em seus países. Foram os chamados aristocratas da Europa, ou os aspirantes às altas classes, que aceitaram o “encargo” de proporcionar, fora de seus países, educação e administração ocidentais às várias partes do império, fazendo com que os nativos pudessem ser “civilizados”, no sentido europeu da palavra.

Como disse Disraeli, o Oriente é uma carreira. No caso do império britânico, os nativos foram tratados como ingleses, e proporcionou-se educação inglesa aos que tiveram a sorte de ter acesso a ela. Os homens de talento (jamais as mulheres) podiam até estudar latim e grego. O Serviço Civil Indiano foi criado como um sistema de educação e administração, de modo a que os britânicos pudessem se sentir superiores aos não-britânicos. No limite, os nativos privilegiados poderiam até mesmo ir à Inglaterra, entrar em escolas públicas e se aperfeiçoar em Oxbridge, ou ser chamados a participar da Ordem dos Advogados, de forma a se transformar em genuínos “cavaleiros ingleses”, apesar de sua pele parda ou negra, e depois voltar à sua terra para governar os “marginais” do mundo.

Não há dúvida de que tanto Gandhi como Nehru foram muito influenciados por sua educação britânica. Se Gandhi não se tivesse chocado com o tratamento rude e descortês que recebeu dos brancos na África do Sul, sua fé no império britânico poderia ter seguido sem ser jamais abalada. Receio que Nehru nunca tenha recebido essa espécie de choque psicológico, a despeito de ter lutado pela independência da Índia e de ter sido preso muitas vezes. Como resultado disso, governou a Índia independente de modo semelhante ao que seus contemporâneos ingleses de Cambridge governaram o Império britânico: com senso de equilíbrio em relação a seus amados indianos, mas mantendo-se um aristocrata. Além disso, estabeleceu (talvez não intencionalmente) uma dinastia de três gerações, insistindo na centralização e no avanço tecnológico, ao lado da democracia segundo o modelo de Westminster e inclinando-se na direção da ideologia do Partido Trabalhista. O papel de Nehru no mundo não alinhado poderia, na verdade, ser visto como o de

um chefe de outro império ou de outra comunidade, na qual ele figurava como um monarca não-coroadado.

Se Nehru tivesse seguido as pegadas de Gandhi, adotando seus conceitos descentralizantes, na forma de “aldeias-república” e de uma alternativa à civilização e tecnologia ocidentais, a Índia poderia ter sido um brilhante exemplo para o mundo atual, especialmente num momento em que as formas eurocêntricas estabelecidas de economia e política e educação capitalistas conduziram à catástrofe.

A ESCALADA NEOCOLONIAL – Seria perfeitamente possível justificar a alegação de que o início do declínio e queda do império britânico coincidiram com o movimento *Swadeshi*, iniciado por Gandhi, em especial após a Marcha do Sal em 1930. A independência da Índia, em 1947, transformou o termo “colonialismo” num palavrão, mesmo para alguns líderes trabalhistas de Londres. Após ter sido eleito presidente dos Estados Unidos, em 1945, Truman disse claramente, num discurso pronunciado em 20 de janeiro de 1949, que a palavra “desenvolvimento” deveria substituir o termo “colonialismo”. Com isso, ele quis dizer que o homem branco não precisava ocupar mais terras no além-mar. Em vez disso, deveria utilizar a guerra psicológica para promover nos nativos uma “lavagem cerebral”.

Essa estratégia deveria ser aplicada em especial em relação aos líderes dos países recém-independentes, para que eles se sentissem “subdesenvolvidos”. Para esse fim, deveriam ser trazidos para o “livre comércio” (que não é o mesmo que comércio justo) e para a “livre democracia” segundo o modelo americano. Isso significava que, se os ditadores de direita seguissem as normas do “livre comércio” americano, tornando-se parceiros-mirins dos EUA, seriam considerados “democráticos” e a caminho do desenvolvimento. Foi o caso da Tailândia, do Paquistão, da Coreia do Sul e do antigo Vietnã do Sul.

Em relação à Tailândia, o uso do antigo nome – Sião – significava algo “fora de moda” e subdesenvolvido, embora não para afastar vestígios de um poder colonial passado, porque o país jamais foi colonizado – pelo menos não politicamente. O budismo ensina os indivíduos a viver de modo simples, em aldeias, rodeados pela natureza. Nosso povo fez isso e as pessoas se relacionavam de modo fraterno, quase de igual para igual, com o objetivo de se verem livres da cobiça, do ódio e da fraude. Mas o nome teve de ser trocado, como um gesto simbólico do abandono desses princípios, para “Tailândia” – uma palavra híbrida e anglicizada, simbolizando o desejo do país de abraçar

o processo de desenvolvimento ou ocidentalização segundo a imagem americana.

“Especialistas” americanos disseram ao governo tailandês que o budismo era insalubre para o processo de desenvolvimento, porque não encorajava a competição nem a acumulação de riquezas. Além disso, era ateu. O resultado foi que esse modo de pensar foi estimulado a limitar seu papel à espiritualidade privada do indivíduo e tornar-se uma mera cerimônia de massa. Seu ensinamento nas esferas política e social foi restringido: em seu lugar, o governo usou a propaganda, para condicionar as pessoas a ganhar dinheiro a qualquer custo.



Quanto mais o governo tailandês seguia o modelo de desenvolvimento estabelecido pelos “especialistas” americanos, construindo mais estradas, mais represas, produzindo mais eletricidade e aparelhos de televisão, mais aumentava o fosso entre os ricos e os pobres no país e maior era a destruição do meio natural. A presença americana no Sião durante a guerra do Vietnã transformou Bancoc e Pataya em notórios centros de turismo sexual e coisas semelhantes. Esse é só um exemplo das conseqüências do desenvolvimento segundo a imagem americana. Outro resultado foi que Bangkok, antes uma bela capital, tornou-se pesadamente poluída, bloqueada por engarrafamentos de trânsito, cheia de favelas. Hoje, a cidade é muito feia. As aldeias, também, foram amplamente destruídas e os jovens saíram delas para procurar emprego na cidade ou no estrangeiro.

Os americanos introduziram as “décadas de desenvolvimento” nas Nações Unidas nos anos 60 e 70. Em conseqüência, muitos se referem a essa época como as “décadas da vergonha”. Por causa disso, o neocolonialismo americano em nome do desenvolvimento está em declínio. As empresas transnacionais agora são os novos senhores. Como diz acertadamente David Korten, elas governam o mundo. Usam a mídia para manipular as pessoas para que sejam apenas suas empregadas ou consumidoras de seus produtos desnecessários. Criam nos indivíduos um senso de carência, de modo que eles já não interagem, não vivem mais em seu ambiente natural. Em vez disso, estão condicionados a desempenhar seu trabalho sem significação e o fazem apenas pelo dinheiro: estão condicionados, pelos aparelhos de televisão e pelas telas dos computadores, a viver no mundo irreal do consumismo.

Mas não é tarde demais para olhar para Gandhi e aprender com ele, com seu pensamento, suas obras, sua ação e seu estilo de vida. Penso que isso poderia contribuir de modo positivo, não apenas para a batalha contra o colonialismo e neocolonialismo em nome do desenvolvimento nacional, mas também para a criação de sociedades alternativas contra a globalização e sua religião ou ideologia demoníaca, o consumismo.

O EMERGIR DE UM OUTRO MUNDO — Ashish Nandi afirmou claramente, em *O Inimigo Íntimo*, que a vitória de Gandhi sobre o império britânico foi amplamente devida à extensão com a qual seu genuíno comprometimento espiritual e moral apelou aos corações e alfinetou as consciências dos líderes religiosos do Ocidente. Para tanto, ele utilizou o seu ideal de que se deve servir o Deus universal da verdade, do sacrifício, amor, compaixão e igualdade, e não o Deus tribal do império, no qual o homem branco tinha um privilégio especial em relação aos nativos.

Com efeito, Gandhi foi capaz de aplicar o melhor do hinduísmo, do budismo e do cristianismo ao seu estilo de vida e ao seu movimento, com a *Satyāgraha* e a *Ahimsā*. Seu respeito genuíno pelos islamitas e pelos *sikhs* era tão profundo que cativou a todos, ao buscar a essência de qualquer tradição espiritual.

J.L. Metha diz isso de modo mais belo, quando afirma que, por meio de Gandhi, o indiano

pode deixar alegremente sua imaginação religiosa ser ampliada e vivificada pela herança dos gregos, pela visão do cristianismo e pela mensagem do Islã. Assim, ele pode se empenhar para apreciar



livremente, por meio da reinterpretação criativa, a tradição da qual é a um só tempo produto e depositário. Pode conseguir isso, mas só até o ponto em que é capaz de ver a si mesmo e à sua tradição dentro da amplitude maior do contexto inter-religioso da história do mundo.¹

Isso me faz lembrar de meu professor siamês, o falecido e venerável Bhikku Buddhadasa, que ensinou que: 1) devemos entender e praticar o que é melhor em nossa própria religião; 2) devemos respeitar sinceramente as religiões de nossos amigos; e 3) devemos nos unir para lutar de modo não-violento contra a cobiça, o ódio e a fraude, os quais agora parecem ser personificados pelo materialismo, consumismo e egoísmo.

Gandhi certamente preencheu esses três ensinamentos, e não fez nenhuma distinção entre espiritualidade e moralidade, de um lado, nem entre política e economia, de outro. Em vez disso, tratou-os como fenômenos inter-relacionados. Permitam-me citar algumas de suas famosas observações – em primeiro lugar os seus sete pecados capitais:

*Política sem Princípios
Comércio sem Moralidade
Riqueza sem Trabalho
Educação sem Caráter
Ciência sem Humanidade
Prazer sem Consciência
Adoração sem Sacrifício*

E mais:

A verdadeira economia nunca milita contra o padrão ético mais alto, assim como toda ética digna desse nome deve, ao mesmo tempo, ser também uma

boa economia. Uma economia que inculca a adoração de Mammon, e capacita o forte a acumular riquezas às expensas dos fracos, é uma falsa e funesta ciência – corteja a morte. Por outro lado, a verdadeira economia busca a justiça social, promove o bem de todos de modo igual, incluindo os mais fracos, e é indispensável para uma vida decente.

Essas citações poderiam não ter significado real se não viessem de um homem que viveu essas palavras. Para mim, as palavras de Gandhi, como as de Buda, se ligam diretamente com seus pensamentos, ações e modos de viver. Seu profundo comprometimento espiritual, que chegou até a transformação de sua personalidade, desde o egoísmo até o maior dos altruísmos, foi vital para as suas realizações: pessoalmente, culturalmente, socialmente, política e economicamente.

Satish Kumar sustenta com acerto que Gandhi sentiu que, para criar um novo modo de vida ou restaurar a forma adequada de viver, eram necessários três elementos – visão, resistência não-violenta e práticas alternativas. Sem visão perde-se o significado. Aos intelectuais contemporâneos falta com frequência a profundidade do ver. Além disso, eles agora são tão seculares e profanos que seu comportamento moral é em geral duvidoso – muitos são até mesmo violentos. Intelectuais são bons para analisar o que está errado e dizer como se pode fazer o certo, geralmente por meio da engenharia social. Junto com os tecnocratas, usam apenas a cabeça, não o coração, para resolver problemas.

Para Gandhi, entretanto, uma visão profunda, oceânica, bem como os valores, foram essenciais para construir um novo modo de vida, que deve ser baseado na cultura e na civilização, na sabedoria local e num ambiente espiritual.

Rabindranath Tagore faz eco com esse sentimento, quando diz:

A civilização ocidental contemporânea é construída com tijolos e madeira. Sua base é a cidade. Entretanto, a civilização indiana tem se distinguido por localizar suas fontes na regeneração material e intelectual na floresta, não na cidade. As melhores idéias da Índia surgiram quando as pessoas estavam em comunhão com as árvores, os rios e os lagos, longe das multidões. A cultura da floresta alimentou a da sociedade indiana – aquela que se originou

das matas e tem sido influenciada pelos diversos processos de renovação vital que lá estão sempre atuantes, variando de espécie para espécie, de estação para estação, em forma de visões, sons e cheiros. O princípio unificador da vida na diversidade, o pluralismo democrático, tornou-se assim o da civilização indiana.

Foi com base nessa diferença que Gandhi construiu suas idéias e ações para a liberdade e a democracia. A lógica imperfeita da exploração dos recursos, própria do modelo clássico de desenvolvimento econômico, baseada em tecnologias intensivas extrativistas, o levou a buscar um caminho alternativo de desenvolvimento para a Índia. “Não permita Deus”, escreveu ele, “que a Índia jamais adote o industrialismo à maneira do Ocidente. O imperialismo econômico de uma única e pequena ilha-reino (a Inglaterra) está hoje mantendo o mundo acorrentado. Se toda nação de 300 milhões de habitantes adotar uma exploração econômica semelhante, deixará o mundo devastado, como se tivesse sido varrido por uma nuvem de gafanhotos”.

Se não percebermos essas diferenças vitais, o Oriente seguirá cegamente o Ocidente. Por sorte, um número razoável de pensadores ocidentais começou a olhar seriamente para o Oriente. Isso se deu porque eles perceberam como as cidades e a civilização ocidentais vêm sendo separadas de suas raízes por tanto tempo – mais especificamente, desde a época do Iluminismo. É a chamada modernidade.

Maurice Ash, por exemplo, genro de Leonard Elmhirst, ex-secretário de Tagore, põe em questão todo o trajeto ocidental de conhecimentos falhados, dos quais a busca desesperada de Deus é característica. Se quisermos evitar a iminência de catástrofes no meio ambiente, devemos dar outra vez poder às populações locais – às aldeias-república, por assim dizer. Só desse modo será possível restaurar as interconexões como característica predominante de nossas vidas. Apenas dessa maneira poderia haver realmente um futuro positivo. Eis a própria essência do ensinamento budista, tal como visto na lei da criação interdependente, que pode ser aplicada à sociedade.

Se o príncipe Sidarta tivesse permanecido no palácio, na cidade, não existiria o budismo. Na verdade, o Buda nasceu sob uma árvore, foi despertado debaixo dela, pronunciou seu primeiro sermão no bosque e esse foi o nome que deu a seus mosteiros. Passou a maior parte de seu tempo debaixo de árvores, nos bosques ou na floresta. E até mesmo morreu sob duas árvores gêmeas.

Thich Nhat Hanh explica assim a interligação: “Numa folha de papel vemos tudo o mais, a nuvem, a floresta, o lenhador. Eu sou, portanto você é. Nós inter-somos”. E continua:

Sei que em nossas vidas anteriores fomos árvores, e mesmo nesta vida continuamos a sê-las. Sem árvores não podem existir pessoas. Portanto, árvores e pessoas inter-são. Somos árvores e ar, bosques e nuvens. Se as árvores não podem sobreviver, a humanidade também não sobreviverá. Ficamos doentes porque danificamos nosso próprio ambiente, e estamos mentalmente angustiados porque nos colocamos tão distantes de nossa verdadeira mãe, a Mãe Natureza.

Os ensinamentos budistas nos proporcionam um meio de avaliar a natureza e a direção do desenvolvimento global. Constituem uma importante contribuição, porque pressupõem a consideração da extensão até a qual as políticas econômicas e sociais tendem a contribuir para diminuir o sofrimento humano. Esse aspecto é muitas vezes obscurecido pela busca da modernização e pela ocidentalização.

Se Gandhi tivesse permanecido na cidade, teria continuado a ser um intelectual urbano, como muitos de seus contemporâneos. Mas ele saiu ao encontro dos pobres, foi viver nas aldeias, estabelecer *ashrams* como alternativas. Foi isso que lhe proporcionou o profundo oceano de visão e valores que foi essencial para a construção de um novo modo de vida para as massas.

Nesse desejo de uma nova maneira de viver – uma alternativa para o modo predominante – Gandhi resistiu ao *status quo*. Não apenas denunciou as roupas britânicas importadas, mas apelou às pessoas para que se desfizessem de todas as suas vestes inglesas e pusessem fogo nelas. Era uma forma de resistência contra a economia global, exploradora, do império britânico. Ele também boicotou a educação inglesa, que vinha promovendo uma lavagem cerebral nos nativos, para que eles admirassem o *establishment* britânico, aprendessem a se tornar auxiliares de escritório e empregados e a respeitar seus superiores, sem nenhuma dimensão superior ou consciência crítica da injusta violência estrutural do império.

Ao mesmo tempo em que resistia ao maior poder imperial da época, Gandhi também iniciou programas construtivos para o seu povo. As pessoas não apenas deveriam queimar as roupas inglesas – dizia ele –, mas também deveriam começar a usar a roca para fazer o seu próprio *khadi*.² As pessoas não apenas deveriam recusar a educação britânica, mas também passariam a frequentar escolas alternativas, providenciadas por ele, bem como usar a medicina e a

alimentação alternativas. Na verdade, a roca tornou-se o símbolo da economia e do governo domésticos.

Foi preciso gênio para reduzir as coisas a esse grau de simplicidade, praticidade e lealdade. Tecer a própria roupa significava a alternativa econômica da autoconfiabilidade para cada lar e aldeia. Se ele tivesse vivido mais, seu sonho poderia ter sido realizado – suas aldeias-república poderiam ter se tornado realidade. Nas suas palavras:

Nessa estrutura composta de inúmeras aldeias, haverá círculos sempre mais amplos, que jamais subirão. A vida não será uma pirâmide, com seu ápice sustentado pela base. Será um círculo oceânico, que terá por centro o indivíduo, sempre pronto para morrer por ela. A aldeia estará pronta para morrer pelo círculo de aldeias, até que por fim o todo se torne uma vida composta de indivíduos, jamais agressivos em sua arrogância, mas sempre humildes, compartilhando a majestade do círculo oceânico do qual são parte integrante.

Pridi Banomyong introduziu a monarquia constitucional no Sião, em 1932, com uma visão de não-violência e integridade. Também fundou a Universidade de Dharmashastra, em 1934, para ensinar aos jovens a ter coragem moral para servir à política como cidadãos livres, ligados pela fraternidade, igualdade e liberdade (embora não no sentido ocidental das palavras). Tentou destruir a centralização, a administração colonial e a hierarquia, indo até às raízes da *Sangha*, ou democracia budista. Infelizmente, foi expulso do poder pelos militares, em 1947. Esperamos trazer seu conceito de socialismo dármico – não o estatismo da antiga URSS – de volta ao país e região, por ocasião do ano 2000, seu centenário. Combinando a sociedade dármica de Pridi com os elementos vitais de Gandhi de comprometimento espiritual, visão clara, resistência não-violenta e programa construtivo, poderíamos criar de fato um movimento poderoso contra a economia globalizada, a megatecnologia e as corporações transnacionais, com sua religião demoníaca ou ideologia, o consumismo.

Quando a União Soviética foi estabelecida, em 1918, muitos intelectuais de esquerda pensaram que ela era uma chance para uma alternativa ao capitalismo. No entanto, George Orwell sustentava, há 60 anos, que a URSS entraria em colapso e, embora ninguém lhe desse crédito, isso realmente aconteceu em 1992. Orwell havia afirmado que nenhum Estado-Nação sem legitimidade moral para governar seu povo poderia durar. Foi por essa razão que o império britânico caiu – em grande parte por causa da conscientização, in-

troduzida por Gandhi, de um estilo de vida alternativo, a despeito do fato de que muitos imperialistas britânicos alegavam que seu governo promovia justiça, respeito à lei e louvava as vantagens da educação inglesa. Eles justificavam o imperialismo usando o racismo, com a pretensa base de que os povos nativos não seriam capazes de se autogovernar de modo adequado e justo. Churchill relembra a confiança dos bretões, que “pensavam que poderiam ensinar ao mundo a arte de governar e a ciência econômica”.

O império britânico usou a educação e a administração colonial, bem como o sistema judiciário, para mascarar seus motivos finais, a opressão e a exploração capitalistas. Estamos agora confrontados com uma nova forma de império, configurado pelas corporações transnacionais. Esse império depende da mídia para disfarçar seu verdadeiro objetivo, e promover a ficção de que o desenvolvimento é bom e que a globalização é benéfica para todos, o que é na verdade uma mentira.

O G-7, o grupo de países industrializados que agora aumentou para oito, não é em si um novo império, mas um clube de ricos e opressores, destinado a servir aos interesses das corporações transnacionais. A grande mídia representa o instrumento de suas políticas e é efetivamente manipulada pelos interesses corporativos. É muito claro o modo como a mídia é motivada por eventos suntuosos ou violentos, e centra seu foco nos políticos destacados que servem aos ricos e poderosos.

David Korten estava certo, quando intitulou seu livro *When Corporations Rule the World* [*Quando as Empresas Governam o Mundo*], e o bispo Desmond Tutu falou corretamente sobre essa obra, dizendo que ela é “a flamejante acusação de uma ordem econômica internacional injusta”. Ainda assim, os grandes países industrializados estão apoiando essa ordem, na medida em que seus líderes aprovam o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio. Todos eles estão ligados às empresas transnacionais e, juntos, agridem nosso meio ambiente, nossa Mãe Terra e nosso povo – não apenas os povos indígenas e outras populações pobres do Sul: até os trabalhadores e as classes médias do Norte vêm sendo cada vez mais explorados.

Em seu livro sobre os luditas, *Rebel Against the Future*, Kirkpatrick Sales diz que a revolução industrial na Inglaterra, durante o último século, destruiu os fazendeiros britânicos em benefício dos proprietários de terra e industriais, tendo em vista o crescimento do capitalismo e a expansão do império. Isso para não mencionar o fato de que os



artesãos foram forçados a se tornar operários. O autor diz que o novo império da globalização, operado pelas corporações transnacionais, sua megatecnologia e seus computadores, transformarão a maioria dos membros das classes médias em desempregados dentro de duas décadas.

Entretanto, não consigo ver nenhum sinal de que o G-7 esteja enfrentando esse dilema. A Rússia foi convidada a entrar no clube não porque seja economicamente rica, mas porque é rica em recursos naturais. Com a eliminação da ideologia comunista ou socialista como opositora à ideologia capitalista e às corporações transnacionais, a globalização permitirá que as transnacionais saqueiem ainda mais esses recursos. As consequências da destruição do meio ambiente serão sentidas primeiro pelos povos nativos, na forma de desestruturação de seu meio de vida e dignidade. A classe média também, em última análise, terá de se haver com a destruição em benefício do lucro – um sacrifício a mais no altar da moeda e da tecnologia.

A globalização é, na verdade, uma nova religião demoníaca. Usa a mídia para criar uma sensação de carência. Por isso, somos induzidos a ganhar mais, para que possamos comprar mais. Entretanto, tudo é feito para que jamais alcancemos um ponto de satisfação. Considerando que o processo de globalização

está nas mãos das grandes corporações, a mídia é usada para nos conduzir cegamente para a monocultura da tecnologia e do crescimento sempre maior, do "McMundo" do *fast food*, do *junk food* e da síndrome *cola-e-jeans*.

AS DORES E AS SOLUÇÕES – Mas se emularmos os estilos de vida da América e do G-7, não haverá recursos naturais suficientes para todos. A maioria não será feliz com esse modo de vida, que é prejudicial a nós mesmos, nossa família, nossa sociedade e meio ambiente. Entretanto, se seguirmos o caminho dos povos nativos, poderemos viver com simplicidade, teremos tempo para desfrutar de nós mesmos e seremos parte e parcela da comunidade, bem como de nossa Mãe Terra.

Deveríamos também aprender com Gandhi, em especial, o seu profundo comprometimento espiritual com a verdade, *Satyagraha*, sua visão profunda, sua resistência não-violenta e sua prática de um estilo de vida alternativo. Dessa maneira, poderíamos alcançar a totalidade da vida e manter a santidade da ordem natural. Deveríamos também aprender a estar a sós com a natureza, a viver com os pássaros e as corças, a apreciar o mundo natural e respeitá-lo. Só então entenderemos que o intelectualismo e a engenharia social não podem nos libertar do sofrimento.

Precisamos retornar ao melhor de nossa tradição espiritual, ao xamanismo, à mitologia, aos rituais tradicionais, às canções e danças. É importante experimentar a vida enquanto ela ainda existe e está disponível em muitas comunidades nativas, que vêm sendo ameaçadas pelas grandes empresas apoiadas pelos Estados do G-7 e outros, em detrimento dos interesses de seus próprios povos e dos seus recursos naturais.

Para as empresas, esses recursos são apenas uma fonte de ganho econômico. Quando uma área se mostra exaurida, elas se mudam para outra. As pessoas são relevantes só até o ponto em que servem para gerar renda, seja como trabalhadores ou como consumidores. Para as pessoas espiritualizadas, ou as que seguem a essência dos ensinamentos de Gandhi, o dinheiro é menos importante. De grande significação, para elas e para nós, é ser autoconfiante, desenvolver a economia doméstica, viver com felicidade e dignidade, com o sentimento do sagrado e do belo, com uma dimensão espiritual em nossas vidas, em harmonia com a Terra, respeitando as comunidades e praticando o comprometimento com as gerações vindouras. Se nos preocupamos com nossa sobrevivência, deveremos não apenas questionar as políticas econômicas do G-7, mas também a estrutura política que delas emerge, e que há muito já não se preocupa com as pessoas. Esse questionamento deve se estender aos sistemas judiciais, cuja função é apenas manter o *status quo*.

Thich Nhat Hanh nos recorda de que não devemos evitar contato com os que sofrem, ou fechar nossos olhos diante das penas alheias. É preciso não perder a consciência da existência do sofrimento na vida e no mundo. É necessário encontrar uma forma de estar junto dos que padecem, utilizando para isso todos os meios à nossa disposição, como o contato pessoal, visitas, imagens, sons, enfim, todas as maneiras de despertar a nós mesmos e aos outros para a realidade do sofrimento.

A esse respeito, Gandhi disse:

Darei a vocês um talismã. Sempre que estiverem em dúvida, ou quando estiverem cansados de si mesmos, apliquem o seguinte teste: relembrem a face dos mais pobres e dos mais fracos que já viram e perguntem a si próprios se seus planos incluem algo que seja útil a eles. Ganharão eles alguma coisa com os seus projetos? Recuperarão o controle sobre suas próprias vidas e destinos? Ao fazer isso, verão que suas dúvidas e seus egos irão diluir-se e desaparecer.

Nhat Hanh diz ainda que não nos devemos perder na dispersão e em nossas circunvizinhanças; que

devemos praticar a respiração atenta, para retornar ao que está acontecendo num dado momento; estar em contato com o que é maravilhoso, restaurador e curativo, tanto dentro quanto fora de nós; e que devemos plantar sementes de alegria, paz e compreensão em nós mesmos, de modo a facilitar o trabalho de transformação nas profundezas de nossa consciência.

Precisamos de estratégias econômicas e políticas alternativas, que levem em consideração os seres humanos. Temos necessidade de programas educacionais alternativos, que nos encorajem a integrar os múltiplos aspectos do nosso ser. Devemos ser capazes de ligar nossa cabeça com o coração, de modo a poder escapar à compartimentalização e desenvolver a capacidade de fazer crescer sementes de paz e de alegria dentro de nós. A partir daí, poderemos fazer com que as coisas mudem, não por intermédio do ódio ao opressor, mas desafiando a violência estrutural. Por meios não-violentos, poderemos buscar a transformação no sentido de um mundo justo e pacífico.

A ciência tem por hábito fazer oposição à religião institucionalizada. Na verdade, o cientificismo tem sido inconscientemente manipulado por muitos cientistas ocidentais, em nome de experimentos e observação objetivos, em busca do conhecimento, que era materialista, comportamental e não-ético. Mas agora há outra abordagem científica do Universo vivo, que produz uma nova espécie de cientista, que é humilde e confia na cabeça mas também no coração. Essa ciência se liga maravilhosamente com o melhor dos esforços espirituais e pode nos ajudar a apreciar a totalidade do ser.

Espero que possamos estar juntos nessa aventura. Aprendendo com Gandhi, e aplicando os seus exemplos de modo apropriado, poderemos empreender um novo movimento contra a globalização das corporações transnacionais, na direção da confiança nas comunidades e culturas locais. Isso é essencial se quisermos viver felizes juntos, com sabedoria, compreensão e amor. ▲

NOTAS

Este artigo é uma edição da conferência anual da Gandhi Peace Foundation, pronunciada pelo autor por ocasião das comemorações do 50º aniversário do martírio do Mahatma.

1. Citado por Fred Dallmayr em *Além do orientalismo*, Albany: Sunnys Press, 1996, pág. 114.

2. Tecido de algodão de fabricação caseira.

ARTHUR SCHOPENHAUER

DAQUILO QUE
ALGUÉM TEM



JAIR LOPES BARBOZA é doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo, atualmente faz pesquisas na Goethe-Universität, em Frankfurt, Alemanha, sobre o idealismo alemão. Seu trabalho vem sendo orientado basicamente para as obras de Schelling e Schopenhauer.

Epicuro, o grande mestre em felicidade, dividiu correta e belamente as necessidades humanas em três classes. Primeiro, as naturais e necessárias: são as que, caso não sejam satisfeitas, causam dor. Conseqüentemente, compreendem apenas *victus et amictus* [alimento e vestuário] e são fáceis de serem preenchidas. Segundo, as naturais, todavia não necessárias: o desejo de satisfação sexual; embora, no relato de Laércio, Epicuro não o enuncie (em geral, reproduzo aqui a sua doutrina, um pouco modificada e refinada). Essa necessidade já é mais difícil de satisfazer. Terceiro, as que não são naturais, nem necessárias: são as necessidades do luxo, da opulência, da pompa e do brilho: elas são infindas e é bastante difícil a sua satisfação.

É difícil, senão impossível, determinar os limites de nossos desejos razoáveis em relação à posse. Pois o contentamento de cada pessoa a esse respeito não repousa numa quantidade absoluta, mas meramente relativa, a saber, na relação entre suas pretensões e sua posse: por isso esta última, considerada nela mesma, é tão vazia de sentido quanto o numerador de uma fração sem denominador. Um homem que nunca alimentou a pretensão de certos bens, não sente de modo algum a sua falta e está completamente satisfeito sem eles; enquanto um outro, que possui cem vezes mais, sente-se infeliz, porque lhe falta uma só coisa em relação à qual alimenta a pretensão. Cada um, também a esse respeito, tem um horizonte próprio daquilo que lhe é possivelmente alcançável: e suas pretensões vão até onde vai esse horizonte. Quando algum objeto se apresenta a ele nos limites desse horizonte, de modo que possa confiar no seu alcance, sente-se feliz; ao contrário, sente-se infeliz quando dificuldades advindas o privam de semelhante perspectiva. Aquilo que reside além desse horizonte não faz efeito sobre ele.

Eis por que as grandes posses do rico não inquietam o pobre; e por outro lado, o muito que já possui, se as intenções são malogradas, não consola o rico. A riqueza é como a água do mar: quanto mais a bebemos, mais sedentos nos tornamos. O mesmo vale para a fama. Que depois da riqueza perdida, ou do conforto, logo que a primeira dor seja superada, a nossa disposição habitual não seja bastante diversa da anterior, vem de que, após a sorte ter diminuído o fator de nossa posse, nós mesmos reduzimos, em igual extensão, o fator de nossas pretensões. Num caso de infelicidade, essa operação é propriamente o que há de doloroso: após ter sido consumada, a dor se torna cada vez menor, e por fim não é sentida: a ferida se cicatriza. Ao contrário, num caso de felicidade, o compressor de nossas pretensões recua, e as mesmas

se dilatam: aí reside a alegria, que dura apenas até o momento em que a operação esteja no todo consumada: nós nos acostumamos à escala ampliada das pretensões e nos tornamos indiferentes face à posse correspondente a elas. Isso já o atesta a passagem de Homero, no livro XVIII da *Odisséia*, cujos dois últimos versos são:

*E tal é a mentalidade dos homens terrestres,
Parecida ao dia ofertado por pai de deuses e homens.*

A fonte de nosso descontentamento reside na nossa sempre renovada tentativa de pressionar para cima o fator de nossas pretensões, enquanto a imobilidade do outro fator o impede.

Numa raça tão carente e constituída de necessidades como a humana, não é para se admirar que a *riqueza* seja mais alta e sinceramente estimada, venerada mesmo, do que qualquer outra coisa, e mesmo o poder é apenas meio para ela; assim, não é surpreendente que, objetivando a aquisição, tudo o mais seja colocado de lado ou atirado num canto; por exemplo, a filosofia pelos professores de Filosofia.

Os homens são amiúde repreendidos porque seus desejos são direcionados sobretudo para o dinheiro, e eles o amam acima de tudo o mais. Todavia é natural, até mesmo inevitável, amar aquilo que, como um Proteu infatigável, está pronto em qualquer instante para converter-se no objeto momentâneo de nossos desejos inconstantes e necessidades múltiplas. De fato, todo outro bem só pode satisfazer a um desejo, a uma necessidade: alimentos são bons apenas para os famintos, vinho para os de boa saúde, medicamentos para os doentes, uma pelica para o inverno, mulheres para os jovens etc. Todos eles, por conseguinte, são meramente bons para algo, ou seja, apenas relativamente bons. Só o dinheiro é o bem absoluto: porque ele combate não apenas uma necessidade *in concreto*, mas a necessidade em geral, *in abstracto*.

Fortuna à nossa disposição deve ser considerada como um muro protetor contra os muitos possíveis males e acidentes; não como uma permissão ou obrigação de sair à procura dos prazeres do mundo. Pessoas que, de origem, não possuem nenhuma fortuna, mas por fim alcançam, pelos seus talentos, quaisquer que eles sejam, a posição de ganhar muito, caem quase sempre na presunção de que o seu talento seja o capital permanente, e o ganho por meio dele sejam os juros. Em conformidade com isso, não reservam uma parte do que foi adquirido para a constituição de um capital permanente, mas gastam na mesma medida em que ganham. Por isso, caem na maior parte das vezes na pobreza; porque suas aquisições

diminuem, ou cessam, depois que o talento mesmo se esgota, pois era de tipo transitório, como por exemplo a aptidão para quase todas as belas-artistas, ou também porque era produtivo apenas sob circunstâncias especiais e conjunturas, as quais desapareceram.

Artífices podem sempre agir da maneira mencionada; porque as capacidades exigidas para as suas realizações não se perdem com facilidade, e também são substituíveis pelas forças de seus assistentes, e porque seus produtos são objetos da necessidade, portanto encontram a todo tempo um mercado; daí o provérbio "*ein Handwerk hat einen goldenen Bodenn* [um ofício possui um solo dourado] ser correto. Mas esse não é o caso dos artistas e *virtuosi* de todo tipo. Justamente por isso eles serão muito bem pagos. Portanto, o que adquirem deve tornar-se o seu capital; mas eles, presunçosos, o consideram como meros juros, e então entram em ruína. Pessoas, entretanto, que possuem fortuna herdada, sabem ao menos, e muito bem, o que são o capital e os juros. Logo, a maioria delas procurará colocar em segurança o seu capital, em caso algum ameacá-lo, e sim, onde for possível, reservar pelo menos 1/8 dos juros para enfrentar crises futuras. Tais pessoas permanecem, assim, na maioria das vezes, em estado confortável. Toda a observação anterior não se aplica aos comerciantes: pois para eles o dinheiro mesmo é meio para ulterior aquisição, a ferramenta de trabalho, por assim dizer; por isso eles, mesmo se o dinheiro tenha sido no todo adquirido por si mesmos, procuram, pelo uso, conservá-lo e aumentá-lo. Em conformidade com isso, em nenhuma classe a riqueza está tão propriamente em casa quanto nesta.

Em geral, entretanto, encontraremos que aqueles que já experienciaram a miséria e a privação, temem-nas incomparavelmente menos e estão por conseguinte muito mais inclinados à dissipação do que os que a conhecem apenas por ouvir dizer. Aos primeiros pertencem todos os que passaram de maneira bastante rápida da pobreza para o conforto mediante algum tipo de sorte, ou talentos especiais, indiferente de que espécies: os outros, ao contrário, são os que nasceram e permaneceram no conforto. Estes se preocupam mais com o futuro e portanto são mais econômicos do que os primeiros. Poder-se-ia daí concluir que a pobreza não seria uma coisa tão ruim quanto parece ser, vista de longe. No entanto, o verdadeiro fundamento tem de ser o seguinte: para aquele que nasceu na riqueza, esta lhe aparece como algo indispensável, como o elemento da única vida possível, semelhante ao ar; por isso ele cuidará dela como se cuidasse da própria vida e, em consequência, é

amiúde ordeiro, cuidadoso e poupador. Ao contrário, para aquele que nasceu na pobreza, esta lhe aparece como o estado natural; a riqueza, entretanto, que lhe cabe posteriormente de alguma maneira, surge-lhe como algo supérfluo, meramente favorável ao gozo e ao desperdício; e quando a mesma de novo desaparece, ele, tanto quanto antes, arranja-se sem ela e ademais se livra de uma preocupação. É o que diz Shakespeare:

O provérbio deve ser verificado,

O mendigo montado, galopa o seu cavalo para a morte.

Acrescente-se ainda que tais pessoas carregam antes no coração do que na cabeça uma firme e excessiva confiança, em parte na sorte, em parte nos próprios recursos que já os ajudaram uma vez a sair da necessidade e da pobreza; por conseguinte, não consideram a profundidade da pobreza (como os ricos de nascença) como abissal, mas pensam que, tocando no fundo, podem retornar à superfície. A partir dessa especificidade humana, é para se explicar por que mulheres que outrora foram moças pobres são com bastante frequência mais exigentes e dissipadoras do que o são as que forneceram um grande dote; de fato, na maior parte das vezes as moças ricas trazem não apenas fortuna, mas também mais zelo, um impulso hereditário para as conservar do que as pobres.

No entanto, quem quiser afirmar o contrário encontrará uma autoridade para si na primeira sátira de Ariosto. Em compensação, o Dr. Johnson é da minha opinião: "Uma mulher rica, estando acostumada a manusear o dinheiro, dispõe-o judiciosamente: mas aquela que obtém o comando do dinheiro pela primeira vez durante o casamento, tem tanto gosto em dispendê-lo, que o dissipa em grande profusão". Em todo caso, gostaria de aconselhar àquele que se case com uma moça pobre o seguinte: deixar-lhe de herança não o capital, mas uma simples renda, e em especial cuidar para que a fortuna das crianças não caia em suas mãos.

Não acredito de modo algum que faça algo indigno da minha pena, ao recomendar aqui o cuidado com a conservação da fortuna adquirida ou herdada. Pois possuir desde casa o suficiente para poder viver confortavelmente, nem que seja apenas para a própria pessoa e sem família, em verdadeira independência, ou seja, sem trabalhar, é uma grande vantagem: é a isenção e imunidade das carências e tormentos atrelados à vida humana, portanto a emancipação da corvéia geral, destino natural dos filhos da terra. Apenas sob este favorecimento da sorte é o homem em verdade nascido livre: pois só assim ele é

propriamente *sui Juris* [seu próprio senhor], soberano de seu tempo e de suas forças, e pode dizer a cada manhã: "O dia me pertence". Também pela mesma razão, a diferença entre aquele que possui mil táleres e o que tem cem mil táleres de renda é infinitamente menor do que entre o primeiro e aquele que não possui nada. Mas a fortuna herdada alcança o seu valor supremo quando cabe àquele que, dotado de forças espirituais de tipo superior, persegue aspirações que não são muito bem compatíveis com a atividade remunerada: pois então um tal homem é duplamente dotado pelo destino e pode agora viver para o seu gênio: mas ele pagará, multiplicada por cem, a sua dívida para com a humanidade, realizando o que nenhum outro poderia e produzindo algo que contribui para o bem e a honra da coletividade humana. Um outro, por sua vez, em tais condições tão favoráveis, merecerá o reconhecimento da humanidade pelas suas atividades filantrópicas. Quem, ao contrário, possuidor de fortuna herdada, nada realiza com ela, mesmo se de modo parcial e por tentativa, sim, que nem uma vez sequer, mediante o estudo profundo de uma ciência, abriu-se à possibilidade de fomentá-la — é um mandrião desprezível. Não será feliz: pois a isenção da necessidade o atira no outro pólo da miséria humana, o tédio, nas mãos do qual será torturado, e seria muito mais feliz caso a necessidade lhe tivesse dado ocupação. Mas mesmo esse tédio o induzirá com facilidade às extravagâncias, que lhe roubarão aquela vantagem, da qual não era digno. De fato, inumeráveis pessoas se encontram em estado de privação simplesmente por que gastaram o dinheiro quando o tinham, com o mero objetivo de proporcionarem-se alívio momentâneo para o tédio que as oprimia.

É algo completamente diferente, entretanto, se o fim a ser alcançado é o elevar-se no serviço do Estado, onde favor, amigos, relações, têm de ser adquiridos, para, por meio deles, de degrau em degrau, alcançar-se promoções, talvez até os mais elevados postos: aqui, no fundo, é bem melhor ser atirado ao mundo sem fortuna alguma. Em especial para aquele que não é nobre, mas dotado de algum talento, ser no todo um pobre-diabo é uma verdadeira vantagem e uma recomendação. Pois o que cada um mais procura e aprecia, não apenas na simples conversação, mas sobretudo no serviço público, é a inferioridade do outro. Ora, só um pobre-diabo está convencido e compenetrado em grau suficiente de sua completa, profunda, decisiva, geral inferioridade, e de sua plena insignificância e ausência de valor, tal como aqui é exigido. Apenas ele, portanto, se inclina amiúde e por bastante tempo, e só a sua reverência atinge

plenos 90 graus: apenas ele suporta tudo e ainda sorri; apenas ele conhece a completa falta de valor dos méritos; apenas ele enaltece como obras-primas, em público, em voz alta ou em grandes caracteres, as inépcias literárias de seus superiores ou homens influentes em geral; apenas ele sabe como mendigar: por conseguinte, apenas ele pode tornar-se um iniciado, a tempo, portanto, na juventude, naquela verdade oculta que Goethe nos desvelou, nos seguintes termos:

*Sobre a baixeza
Que ninguém a lamente:
Pois ela é a potência,
Não importa o que digam.*

Ao contrário, quem, desde a origem, possui com o que viver, posicionar-se-á na maioria das vezes de modo contestativo: está acostumado a ir de *tête levée* [cabeça erguida]; não aprendeu as artes da subserviência; talvez mesmo, apesar de alguns talentos, deva antes compreender a sua inadequação face ao *mediocre et rampant* [mediocre e servil]; é, enfim, capaz de notar a inferioridade dos situados acima dele, e se, ao termo, ocorrerem indignidades, se torna recalitrante e desconfiado. Mas de tal maneira ninguém se impõe no mundo: antes talvez possa por fim lhe ocorrer de dizer, como o atrevido Voltaire: *nous n'avons que deux jours à vivre: ce n'est pas la peine de les passer à ramper sous des coquins méprisables* [Temos apenas dois dias para viver: não vale a pena passá-los servindo entre patifes desprezíveis]: infelizmente, diga-se de passagem, *coquin méprisable* é um predicado para o qual, neste mundo, existe um número assustador de sujeitos. Vê-se, portanto, que as palavras de Juvenal: *difficilmente chegam ao cume, aqueles cujas capacidades são obstadas por necessidades*, aplicam-se mais à carreira das virtuosidades do que à das pessoas do mundo.

Não incluí, *naquilo que alguém tem*, mulher e crianças, porque por eles se é antes possuído. Poder-se-ia, com mais razão, incluir nessa rubrica os amigos: mas aqui também o possuidor tem de ser em igual medida a posse do outro.

NOTA DA REDAÇÃO — Este texto corresponde ao terceiro capítulo da obra de Schopenhauer *Aphorismen zur Lebensweisheit* [Aforismos para a Sabedoria da Vida], que está sendo traduzida diretamente do alemão por Jair Lopes Barboza, para a Editora Palas Athena, que deverá publicá-la em breve.

MORGANA MASETTI

DESENHANDO SAÚDE E DESENVOLVENDO ORGANIZAÇÕES

Não sei de uma arte capaz de engajar mais a inteligência do que o desenho. Quer se trate de extrair do complexo da visão o achado do traço, de resumir uma estrutura, de ler e pronunciar uma forma antes de escrevê-la; quer se trate da invenção dominar o momento, de a idéia se fazer obedecer, precisar-se, enriquecer-se com aquilo que ela se torna no papel, sob o olhar; todos os dons do espírito encontram seu emprego nesse trabalho.

Paul Valéry

A POSSIBILIDADE DE AMPLIAR PERCEPÇÕES – No desenho e na arte, damos espaço para ampliar a nossa percepção de um determinado fato, ainda que parte dessa experiência não seja traduzida em palavras. Parte dessa possibilidade se dá porque, por meio da vivência artística, nos lançamos a uma condição onde estamos inteiros com nossas emoções, pensamentos, sensações. Betty Edwards desenvolve em seu livro *Desenhando com o lado direito do cérebro*, técnicas em que parte do aprendizado para o desenho se faz copiando as imagens de cabeça para baixo. A autora argumenta que a perda da referência do que é aquele objeto, nas concepções a que estamos habituados, abre a possibilidade de percebê-lo em sua totalidade, e isso colabora para que possamos desenhá-lo melhor.

Globalização e ecologia, dois temas centrais do final do século, nos levam à necessidade de desenvolver o pensamento sistêmico e complexo como forma de compreender a realidade. Partimos das relações de causa-efeito, linearidade, simplificação e racionalização, buscando aprender novos referenciais. Nesse sentido, o tema da saúde entra para o mundo das empresas não apenas como uma tentativa de lidar com o estresse da vida moderna. Representa também a possibilidade de inserir o ser humano na dinâmica das empresas. Ao fazer isso, reintroduzimos a noção de complexidade na percepção dos fatos. Permitimo-nos virar de ponta-cabeça a imagem que tentamos apreender. Introduzimos a emoção do encontro com uma obra de arte – redesenhamos as organizações.

MORGANA MASETTI é psicóloga com especialização em Psicologia Hospitalar e trabalha como consultora em desenvolvimento de saúde. Realizou o trabalho relatado junto ao Departamento Corporativo de Saúde das Indústrias Gessy Lever. É autora do livro *Soluções de palhaços - transformações na realidade hospitalar* (no prelo, pela Editora Palas Athena), que apresenta o trabalho realizado pelos "Doutores da alegria".

O ENCONTRO COM O NOVO – Este relato reconstrói uma experiência de trabalho de saúde com jovens que estão ingressando numa organização. Em seu primeiro ano após a entrada na empresa, os *trainees* foram acompanhados, em grupo e individualmente. 75 pessoas passaram pelo processo, num total de 600 horas de trabalho individual (8 por indivíduo) e 56 horas de atividades de grupo.

Trata-se de um trabalho realizado junto ao departamento médico da corporação. Seu objetivo foi ampliar a percepção dos envolvidos em relação ao conceito de saúde, conseguir indivíduos mais participativos e responsáveis a respeito de sua saúde e multiplicar essas percepções no âmbito organizacional.

O projeto previu atividades junto a outros níveis gerenciais, e fez parte de um conjunto de outras ações de saúde desenvolvidas pela empresa, que deram alicerce ao processo. A escolha de oferecer um programa como esse aos jovens que entram em atividade, visou alinhar a idéia do projeto (inovação, visão de futuro) ao papel do *trainee*, que representa a possibilidade de trazer o novo e assegurar um futuro de sucesso para a organização.

Os *trainees* realizaram dois encontros em grupo, nos primeiros meses após a admissão. O processo individual começou 5, 6 meses após o ingresso. Isso lhes proporcionou a oportunidade de perceber a empresa e perceber-se dentro dela. Os encontros individuais foram realizados no ambiente de trabalho, uma vez por mês, durante uma hora e meia.

Ao longo de três anos, pudemos ir acompanhando o desenvolvimento desses jovens no mundo da atividade, desde um conjunto de rostos indiferenciados, no primeiro encontro de grupo, até o aparecimento da individualidade de cada um. Seus objetivos de saúde, sua visão de como construir um futuro onde trabalho e saúde sejam compatíveis, os passos necessários para isso, sua participação na construção de uma empresa saudável, as relações entre saúde e negócio – tudo isso aconteceu na empresa e deu um novo significado ao espaço de atividade profissional.

ABORDAGEM

CONCEITOS – As interações humanas formam um sistema cibernético. A cibernética (em grego, “arte de governar”), foi definida por Norbert Wiener como a ciência da comunicação em sistemas complexos. O trabalho realizado se apoiou na visão sistêmica do indivíduo: as interações humanas são um circuito sistêmico de *feedback*.



Chegamos assim ao conceito-chave: *organismo* = *organização*. Para curar doenças e promover saúde, a compreensão dos sistemas em que estamos inseridos é de vital importância. Como seres humanos, somos uma organização formada por distintos sistemas: digestivo, respiratório, nervoso e outros. Estes são formados por um conjunto de órgãos, que por sua vez são compostos de tecidos. Cada tecido é constituído por inúmeras células com funções específicas. Assim, a célula pode ser considerada a unidade funcional de nosso organismo. O funcionamento de cada uma dessas unidades, e sua relação com as demais, é fator de harmonia e integridade do todo. Eis o conceito de *homeostase*: o constante ajuste funcional de cada unidade em relação ao todo, para a manutenção da integridade funcional do sistema a que pertence.

A empresa é como o corpo humano. Seus indivíduos são as unidades funcionais básicas de sua organização, interagindo por meio da influência mútua. Não é possível isolar uma parte do todo. Para compreender e estimular mecanismos de equilíbrio num sistema, devemos considerar os seguintes processos: o indivíduo, com seus valores e objetivos pessoais; a organização, também com seus valores e objetivos, na qual o indivíduo está inserido; a função do indivíduo nessa organização e os relacionamentos familiares, sociais e profissionais.

PRINCÍPIOS

- Mente e corpo são sistemas integrados.
- Os sistemas cibernéticos se movem em direção à adaptação. O propósito de todo comportamento é ser adaptativo e positivamente intencionado, no contexto em que se encontra ou onde foi gerado.
- Nenhuma experiência ou resposta é significativa fora do contexto no qual acontece. Segundo Humberto Maturana e Francisco Varela, "a conduta parecerá ou não adequada dependendo do meio em que a descrevemos. Seu sucesso ou fracasso são sempre definidos pelo âmbito de expectativas delimitado pelo observador".
- Um comportamento ou experiência pode servir de recurso ou limitação, dependendo de como está seqüenciado, pontuado ou contextualizado.
- Os comportamentos efetivos estão organizados em torno de objetivos futuros definidos, evidências de progresso em direção à meta e um conjunto variado e flexível de maneiras para implementá-los.
- Os sistemas cibernéticos estão organizados em diferentes níveis lógicos de estrutura (ambiente,

comportamentos, capacidades, valores, identidade). É importante distinguir interações em diferentes níveis.

Há uma diferença incontestável entre a realidade e a experiência de realidade de um organismo. Para Maturana, "não vemos os espaços do mundo – vivemos o nosso campo visual. Não vemos as cores do mundo – vivemos o nosso espaço cromático".

Destaquemos agora um conceito básico: *o mapa não é o território*. Como seres humanos, não conhecemos a realidade; somos capazes de conhecer a percepção que temos dela. Experimentamos o mundo por meio de nossos sistemas representacionais: visão, audição, tato, olfato e gustação. Filtramos nossas experiências por meio da cultura, linguagem, valores e crenças. Cada um de nós vive em sua própria realidade, construída por suas experiências de vida. Atuamos de acordo com o nosso modelo de mundo – o nosso mapa. Este é uma correspondência do território, mas não é o território. Nossos mapas são seletivos, deixam de lado algumas informações e consideram outras. São o nosso meio de exploração do território, isto é, o real.

PRINCÍPIOS

- Os seres humanos constroem seus modelos de mundo por meio do sistema nervoso.
- O mapa de uma determinada pessoa é mais verdadeiro ou real que o de outra.
- As possibilidades individuais são função do desenvolvimento e seqüenciamento de sistemas representacionais que o indivíduo utiliza.

METODOLOGIA

O PAPEL DO CONSULTOR – O consultor é um facilitador. Ajuda as pessoas a obter e organizar informações sobre saúde. Sabe fazer as perguntas que geram espaços de resposta dentro de quem passa pelo processo. Acredita que o próprio indivíduo tem as respostas de que necessita e o auxilia a consegui-las e organizá-las.

Examinemos agora mais um conceito-chave: *como se sabe que se sabe*. Utilizamos os princípios descritos acima sob a forma de modelos estruturados, que são postos em prática por meio de exercícios, cujo objetivo é ampliar a percepção dos participantes em relação à saúde. Ao final dos encontros, eles têm a possibilidade de:

- Formular seus objetivos de saúde a curto e longo prazo
- Estabelecer os passos necessários para atingi-los
- Identificar os parâmetros facilitadores e dificultadores
- Perceber as relações entre vida profissional, saúde e vida pessoal
- Estabelecer relações entre objetivos de saúde e carreira profissional
- Promover o alinhamento entre o seu sistema pessoal de identidade, valores, capacidades e comportamentos e os valores e a identidade da organização.

MODELOS QUE GERAM APRENDIZADO – O indivíduo organiza suas percepções do mundo a partir de objetivos, visão de tempo, posições perceptivas e níveis lógicos. Isso nos leva a mais um conceito-chave: *aprender a aprender*.

FORMULAÇÃO DE OBJETIVOS – A formulação adequada de objetivos auxilia na organização e ampliação de informações sobre o que se deseja. Para tanto, o objetivo deve estar direcionado ao que se deseja e não ao que não se deseja. Em geral, tentamos dizer o que queremos por meio do que não queremos, e com isso colocamos nossa percepção no que não queremos. Dizemos, por exemplo, “não quero ficar doente”, ao invés de “desejo estar em boas condições físicas”. A atenção ao que se deseja ajuda no desenvolvimento da saúde. Um segundo fator importante de boa formulação é que o objetivo seja iniciado e controlado pelo indivíduo: no que depende dele, o que pode ser feito? O trabalho de saúde foi todo orientado para ações que podem ser desenvolvidas pelo sujeito?

É óbvio que há uma série de fatores no desenvolvimento da saúde que não dependem das ações do sujeito. Entretanto, a atenção aos que dependem auxilia na construção da percepção, porque mostra que eles são viáveis, factíveis. É importante que a descrição do objetivo seja específica e baseada no sensorial: o que o sujeito veria, ouviria, sentiria? Quais seriam as evidências de que ele alcançou a sua meta? Nosso pensamento se organiza por meio de imagens, sons e sensações. A percepção desses fatores colabora na organização das informações. Qualidade de vida é um conceito genérico, que se traduz, de maneira específica, para cada indivíduo, por meio dos órgãos dos sentidos: visão, audição, olfato, cinestesia.

Assim, também o contexto (onde, quando, com quem), bem como o tamanho apropriado do objetivo, são importantes. Esse fator avalia se aquilo que o indivíduo deseja está em harmonia com outras áreas de sua vida. Por exemplo, muitas pessoas querem sucesso profissional e tempo para a vida pessoal e familiar. É importante avaliar se o que elas definem como sucesso é compatível com esse desejo.

Uma das temáticas dos jovens de hoje está na própria redefinição do que seja sucesso profissional, no qual a velocidade da carreira deve se compatibilizar com a qualidade de vida. É importante, então, considerar se existem caminhos alternativos para alcançar a meta desejada, e quais serão as possíveis limitações para a realização do que se pretende. Tudo isso gera a percepção de quais fatores o indivíduo possivelmente deverá abrir mão, e o ajudará a avaliar até que ponto está disposto a fazer concessões.

Por fim, é importante avaliar que características pessoais colaboram na construção do objetivo, e quais delas seria importante desenvolver. Por exemplo, os profissionais relatam que dar prioridade a determinadas tarefas, saber organizar bem o tempo e colocar limites são recursos importantes a desenvolver para se ter uma boa saúde.

POSIÇÕES PERCEPTIVAS – Este conceito, inicialmente proposto por Gregory Bateson com os nomes de dupla e tripla descrição, foi reformulado como modelo operacional aplicativo por John Grinder e Judith DeLoizier. Refere-se a três posições básicas para a percepção de tarefas ou relacionamentos e avaliação de uma determinada situação.

Na *primeira posição*, avalio a situação segundo o meu próprio ponto de vista. Na *segunda*, eu a examino com os olhos de outra pessoa, a partir de seus valores. Na *terceira*, a avaliação é feita segundo o ponto de vista de um observador. Quanto maior a possibilidade de experimentar as três posições, e de transitar por elas, maior a capacidade de aprendizado da situação, e de ampliar percepções e possibilidades de resolver conflitos ou problemas.

VISÃO DE TEMPO – Perceber uma situação ou relacionamento no passado, presente ou futuro, proporciona significados e perspectivas diferentes para o mesmo evento. A percepção do tempo como um fator importante para a organização de informações data de muitos séculos. Aristóteles sugeriu que o tempo relacionado a processos mecânicos pode ser



representado de modo linear. Já quando ele está relacionado a processos orgânicos, ou naturais, é melhor representado por movimentos circulares e cíclicos. William James (*Principles of psychology*, 1890) relaciona a percepção do tempo com o despertar da consciência: um canal de conscientização seria como o cordão de um colar de pérolas, em que as contas representam os eventos de nossas vidas e o fio (o tempo) os interligaria. O primeiro uso terapêutico da percepção do tempo começa com Freud, que descobriu que sintomas psicológicos estão associados a experiências passadas remotas. Nos anos 80 e 90, Woodsmall, Bandler e Dilts desenvolveram modelos aplicativos da linha de tempo.

Assim como ocorre com as posições perceptivas, a possibilidade de ver a saúde em uma perspectiva de dez anos para frente ou para trás, ao longo da vida de uma pessoa, amplia a percepção do tema. Por exemplo, ao se imaginar dez anos para trás, um indivíduo de 30 anos de idade pode resgatar uma informação importante, associada à vitalidade e ao idealismo da adolescência. Ao se projetar dez anos para frente, ele pode perceber os efeitos do objetivo

proposto em uma idade madura. Para os jovens que entram na empresa, essa percepção os ajuda a relacionar-se com um futuro a longo prazo e com questões vitais, como por exemplo o equilíbrio da vida profissional e a questão da maternidade, no caso das mulheres.

NÍVEIS NEUROLÓGICOS – Esse conceito foi inicialmente formulado por Gregory Bateson (1973) como “níveis lógicos” de aprendizado, com base no trabalho dos matemáticos Bertrand Russell e Alfred Whitehead. Em 1990, Robert Dilts desenvolve o conceito de “níveis neurológicos”, como uma proposta de operacionalização das idéias de Bateson. Trata-se do processamento e organização da percepção segundo níveis de hierarquia de complexidade, do menos para o mais complexo, a saber:

- Ambiente – elementos externos, aos quais a pessoa reage, em relação à pergunta: onde e quando?
- Comportamento – ações específicas, realizadas no ambiente, ligadas à questão: o que faço?

- Capacidades – guiam e direcionam os comportamentos, por meio de um plano ou estratégia mental, ligado à indagação: como?
- Crenças e valores – dão suporte e motivação à realização dos níveis de capacidade e comportamento e se relacionam à pergunta: por quê?
- Identidade – fatores que determinam o propósito, a missão, e moldam valores por meio do senso de “eu”, com referência à pergunta: quem sou?
- Sistema – ligado aos sistemas mais amplos aos quais pertencemos: família, comunidade, planeta, e concernente à questão: quem mais?

Cada nível citado acima está associado a um circuito neurológico, do menos para o mais complexo: o sistema motor (comportamento), o cortical (capacidades), o sistema nervoso autônomo (valores), os sistemas endócrino e imunológico (identidade), o sistema nevososo como um todo (sistema).

Cada nível é um sistema em si e um subsistema em relação ao plano superior, e dá sentido às informações recebidas do nível menos complexo. Na qualidade de sistema integrado, ao mudar alguma informação num nível mais complexo, alteramos a recebida dos níveis de menor complexidade. A saúde das pessoas está diretamente ligada ao alinhamento entre esses níveis. Quanto mais os seus comportamentos forem uma expressão de suas capacidades, valores, identidade, mais integradas elas estarão ao meio.

No trabalho realizado, as pessoas experimentam, por meio de exercícios, cada um desses níveis, e se dão conta da ligação e coerência que existe entre eles. Depois comparam essa experiência ao modo como percebem a organização. Por exemplo: nos trabalhos de grupo, observa-se que o nível de maior proximidade entre indivíduo e organização se associa no plano de suas capacidades. É o patamar mais desenvolvido pelas organizações e o que tem maior clareza. É também o de maior explicitação, juntamente com os comportamentais e ambientais, porque são passíveis de descrições mais objetivas e palpáveis. Contudo, os níveis mais complexos (valores, identidade e relação com o sistema), que geram *inputs* para os demais, são pouco claros. Assim, os jovens que entram na corporação têm dificuldade de perceber quais são os valores desta, ou essa percepção está mais ligada às suas próprias expectativas. Em outros momentos, eles tentam decodificar esses valores a partir dos comportamentos que percebem à sua volta, ou dos de seu chefe. Desse modo, perdem a conexão com uma visão mais ampla da empresa.

RESULTADOS – Como produto da experiência dos gerentes, organizamos a percepção dos resultados do trabalho em três dimensões de tempo: passado (antes da realização do processo), presente (logo após a realização) e futuro (como será a organização, quando essa visão de saúde e esse processo forem ampliados?).

Ao longo do trabalho, por meio de desenhos, as pessoas vão construindo as suas percepções. O benefício central do projeto está ligado à possibilidade do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal. A complexidade da empresa, o ritmo da atividade e das mudanças organizacionais, tudo isso exige que os indivíduos estejam bem conectados com seus objetivos, necessidades, valores e limites, para que possam transitar saudavelmente por essa realidade. O trabalho ajuda a diminuir a sensação de impotência frente a esses desafios e a hierarquizar valores e necessidades. No caso dos jovens recém-admitidos, esse benefício é potencializado. A entrada no mundo do trabalho, a saída da situação protegida da vida universitária, a mudança da relação familiar e financeira, todos esses são fatores adicionais de ansiedade.

No que diz respeito à organização, o trabalho traz a possibilidade de mudança no relacionamento do indivíduo com a empresa. Ele abandona a visão paternalista e o desejo de proteção e se volta para uma posição mais ativa e participante, colocando-se como parte da empresa e como agente da realidade em que vive. A possibilidade de trabalhar com o conceito de saúde amplia os conceitos de relação e trabalho. As pessoas percebem que seus objetivos serão alcançados na medida em que todos à sua volta compartilhem o bem-estar. Percebem que a saúde pessoal está relacionada à saúde das relações. Com isso, a vida profissional passa a ser encarada também como possibilidade de desenvolvimento pessoal e fonte de prazer. Essa percepção pode integrar as vidas pessoal e profissional num mesmo contexto.

Veremos a seguir, de modo esquemático, os principais momentos do trabalho realizado.

1. A ORGANIZAÇÃO

O PASSADO: UMA FORTALEZA INTRANSPONÍVEL – A entrada na empresa coincide com um importante momento de transformação. Os *trainees* saem de uma realidade familiar e universitária protetoras. Muitos saem pela primeira vez da casa dos pais e de sua cidade. Para muitos deles, trata-se do primeiro emprego.

As condições da entrada são definidas como um momento de energia, expectativa, vontade de mudar,

de conquistar espaço e naturalidade, além de uma grande onipotência em relação à vida e ao trabalho. As pessoas logo se dão conta da complexa realidade da empresa. Deparam-se com valores e comportamentos diversos, que ainda não conseguem identificar. Trata-se de um momento de enorme necessidade de aceitação. A complexidade dessa nova realidade é opressora e resulta em sentimentos de apatia, receio, impotência, falta de energia, passividade e solidão. O sentimento opressivo não permite a reflexão e a identificação de conflitos. A organização é vista como uma estrutura concreta, castradora, e vivenciada como uma limitação.

Conceitos-chave: Falta de espaço
Fronteiras que limitam
Perda de naturalidade.

O PRESENTE: CAMINHANDO – A complexidade e a diversidade da organização oprimem, mas ao mesmo tempo aparecem como possibilidades de desenvolvimento. A definição dos objetivos de saúde, necessidades e valores, ao término dos encontros individuais, ajuda na percepção da individualidade e na formação do conceito de que a empresa é feita de pessoas. É possível identificar pontos de conflito e refletir. Começa a existir uma consciência de que a atitude influencia o sistema, e de que os indivíduos podem ser agentes de mudança. A organização é vista como uma estrutura de pessoas, vivida como uma possibilidade de autoconhecimento.

Conceitos-chave: Conquistar espaço
Segurança para transpor fronteiras
Aprendizagem de relacionamento.

O FUTURO: SEGURANÇA – A organização é complexa e isso é um desafio que motiva. É um conjunto de pessoas que mantêm as suas individualidades e estão em relação. A reflexão é uma constante. Identificam-se as dificuldades e age-se para resolvê-las. Há espaço para as diferenças e elas são uma fonte de aprendizado. Existe uma visão integrada, de compromisso, em relação à empresa. Esta é vista como uma estrutura de pessoas saudáveis em interrelação e vivida como uma parceira.

Conceitos-chave: Espaço desejado
Expansão de fronteiras
Naturalidade.

DA FORTALEZA INTRANSPONÍVEL À SEGURANÇA – O trabalho com foco no tema saúde leva à passagem da

representação da empresa como uma estrutura concreta para a visão de que ela é um conjunto de pessoas. Embora essa mudança de percepção pareça simples, é pouco freqüente. Isso tende a “engessar” as possibilidades de desenvolvimento das organizações.

As pessoas se referem à empresa como se ela fosse uma estrutura que tivesse vida própria, que andasse por aí sem levar em consideração o fato de que uma estrutura concreta, sem gente dentro, não faria sentido algum. Essa percepção devolve ao indivíduo a consciência de que sua atitude, por menor que pareça, altera o sistema.

O trabalho realizado permitiu verificar um enorme número de exemplos de como as pessoas se limitavam, em suas ações de busca de saúde, a pensar a organização como tendo vida própria. Dessa maneira, acabaram acreditando que para que algo se modificasse seria preciso que a mudança acontecesse na organização. O trabalho centrado no que essas pessoas poderiam fazer, naquilo que dependesse delas, proporcionou mudanças em situações nas quais antes isso parecia impossível.

Além do mais, esse tipo de percepção gera movimento. Antes, a organização aparecia como algo que oprimia e paralisava. Com a percepção de que ela é uma estrutura de pessoas, os relacionamentos passaram a ser uma condição vital de existência. Recuperaram-se as noções de complexidade e subjetividade, e com elas a possibilidade de um grande número de movimentos e ocorrências. Não que isso inexistisse antes: no entanto, numa organização saudável não há o receio de levar essas realidades em consideração e lidar com elas.

2. O INDÍDUO E A ORGANIZAÇÃO

O PASSADO: O COTIDIANO INSUPORTÁVEL – Havia uma necessidade de buscar modelos de trabalho. O momento profissional de início de carreira e a entrada na organização dirigiam a percepção para modelos ideais, padronizados. As pessoas detectavam imagens profissionais estereotipadas e polarizadas: o Superhomem (modelo de sucesso, com dedicação total ao trabalho), ou o apático.

Não existiam níveis gerenciais elevados como modelos de saúde para um futuro desejado. A saúde pessoal estava vinculada ao estilo de gerência do chefe. As pessoas recebavam ser engolidas pelo estilo-padrão, ou “patrão”. Isso implicava seguir comportamentos estandardizados, que poderiam ser considerados

"competitivos", como passar um grande número de horas na empresa, não colocar limites à capacidade de acumular tarefas (estilo-padrão), ou adotar o nível de estresse do chefe (estilo-"patrão").

A percepção dirigida para esses modelos comprometia a capacidade de análise pessoal. Havia dificuldade de discriminar objetivos próprios e um futuro que compatibilizasse saúde e sucesso profissional. Não se valorizava a diversidade. Ser igual e ter comportamentos uniformes eram atitudes percebidas como valores organizacionais. Qualquer possibilidade de mudança só seria possível se vinda do meio externo, já que os indivíduos não levavam em consideração as suas próprias possibilidades.

Conceitos-chave: "Eu espontâneo" versus
"eu emoldurado"
Impotência
Visão idealizada.

O PRESENTE: A HARMONIA DA DESIGUALDADE – Os modelos polarizados começam a ser questionados, embora as avaliações da empresa sobre competência ainda sejam baseadas em estereótipos. Há uma discriminação melhor entre o possível e o ideal. A possibilidade de um futuro com modelos gerenciais de saúde está ligada ao autoconhecimento e à construção de si mesmo como modelo. Essa é uma ferramenta vital para o desenvolvimento das pessoas na organização.

Já é possível discriminar objetivos e valores próprios, e visualizar um futuro profissional compatível com valores pessoais, embora o dia-a-dia mostre uma realidade multifacetada, muitas vezes contraditória, em relação aos objetivos de saúde das pessoas. Os recursos pessoais são mais amplos, e a individualidade começa a ser vista como um fator que agrega valor à empresa. As diversidades individuais surgem como um possível caminho de crescimento pessoal e profissional. As pessoas percebem que a possibilidade de elaborar modelos gerenciais de saúde tem a ver com as probabilidades de eles serem construídos como uma referência para o futuro. É possível ser um agente de mudança, e isso é importante para que se alcancem os objetivos de saúde.

Conceitos-chave: Eu em estruturação
Vontade de mudar
Visão realista.

O FUTURO: UM OÁSIS DE CORES – É o fim do modelo de sucesso com base no Super-homem ou no indivi-

duo apático. A diversidade de caminhos é possível. As avaliações são baseadas nas competências. As atitudes estão totalmente relacionadas com os valores. Os limites são conhecidos. A individualidade é um diferencial de competência. O gerenciamento está também ligado à capacidade de autoconhecimento e de promover ações para o desenvolvimento pessoal e o dos outros. O indivíduo é um agente de mudanças.

Conceitos-chave: Eu atuante
Ter poder como indivíduo
Autonomia.

DO COTIDIANO INSUPORTÁVEL AO OÁSIS DE CORES –

Diante da complexa realidade da organização, do número de solicitações, informações e mudanças, o desenvolvimento da saúde organizacional está fortemente ligado ao autoconhecimento e ao espaço para a individualidade. Isso possibilitará a passagem de um modelo repetitivo, padronizado, e portanto pouco competente, para o desenvolvimento de soluções criativas. Para isso, a capacidade de desenvolver relacionamentos saudáveis será vital.

O espaço para a individualidade desenvolverá uma nova visão das relações entre os níveis hierárquicos e facilitará a comunicação. O aprendizado ocorrerá nos dois sentidos. As pessoas que forem admitidas na empresa encontrarão nela um ambiente propício à sua transformação em agentes de mudança organizacional. A valorização dessas questões permite tratar da saúde da organização como a de um organismo humano, em que o sistema tem um bom funcionamento graças às diferenças das funções dos órgãos, o que resulta na boa oxigenação das células.

O autoconhecimento ajudará a empresa a contar com pessoas alinhadas com os valores organizacionais. A escolha pelo trabalho não será apenas uma opção profissional ou financeira, mas estará também ligada às necessidades de desenvolvimento pessoal, ou seja, ligada àquilo em que a pessoa deseja se transformar.

Convém lembrar que a separação entre as vidas pessoal e profissional é uma ilusão cartesiana dos tempos modernos. Na verdade, o indivíduo é único, e busca a sua expressividade em todos os momentos de sua experiência vital. O trabalho representa uma parcela enorme do seu tempo, na qual a identidade pode se formar. Uma empresa que proporcione essa possibilidade contará com todos os recursos humanos de que necessitar para o seu desenvolvimento.

3. SAÚDE NA ORGANIZAÇÃO

O PASSADO: A ROTINA CEGA – A saúde era considerada a ausência de doença. Essa era uma abordagem totalmente física, em que a mente era vista como dissociada do corpo e a atividade intelectual da profissional. O trabalho era encarado como uma atividade apenas produtiva. O tempo se manifestava na dimensão cronológica, no ritmo do relógio, o que gerava um ritmo laborativo ligado exclusivamente à tarefa, ficando limitadas as possibilidades de espaço para soluções criativas, ou oriundas das relações de trabalho. O tempo era exclusivo do fazer.

Conceitos-chave: Vida = trabalho

Trabalho = carreira profissional

Falta de energia.

O PRESENTE: OS OPOSTOS – Com certeza, saúde não é apenas ausência de doença. O equilíbrio mental e psicossomático passa ser visto como relacionado, de modo importante, à análise do indivíduo dentro da organização e à sua produtividade. A saúde disputa espaço com a atividade produtiva.

Existe uma reação ao orgânico e ao organizacional. Cria-se uma visão do relacionamento entre emoção e trabalho. Este é visto como uma atividade de auto-desenvolvimento, embora não ocupe o mesmo espaço da saúde. É importante juntar trabalho e prazer.

O trabalho passa a ser encarado como uma atividade que transcende o cunho meramente profissional. O equilíbrio entre saúde e profissão é um objetivo a ser conquistado. O tempo biológico começa a ser levado em consideração, e muitas vezes está em conflito com o cronológico, dos prazos e ritmos que devem ser cumpridos. Principia a ser levado em conta o tempo do ser.

Conceitos-chave: Vida e trabalho

Trabalho: carreira profissional /
saúde

Energia para a construção do
futuro.



O FUTURO: MESA DE BAR – A saúde está ligada ao bem-estar pessoal e grupal. É entendida como qualidade de vida e de relações estabelecidas. Há integração mente-corpo. Saúde e atividade profissional estão intimamente ligadas num mesmo sistema. A ação do orgânico transforma o organizacional, possibilitando maior equilíbrio e produtividade. O trabalho

está ligado à realização e à diversão. O tempo biológico e o cronológico estão unidos num mesmo sistema, para a definição do ritmo produtivo. Ser e fazer constróem o desenvolvimento organizacional.

Conceitos-chave: Trabalho = vida

Trabalho: profissão e saúde em equilíbrio

Pessoas saudáveis.

DA ROTINA CEGA À MESA DE BAR: CAMINHOS DE AÇÃO –

O elo entre o passado e o futuro está na mudança da relação da organização do trabalho com a do tempo. A primeira estará ligada ao objetivo da tarefa, e não tanto ao tempo que se passa dentro da empresa. A tecnologia passa a ser colaboradora para a qualidade de vida, possibilitando a criação de espaços flexíveis de atividade – em casa, por exemplo. Trabalhando por objetivos e com flexibilidade, no que diz respeito a como realizar suas tarefas, as pessoas adquirem espaço de manobra para conciliar seu ritmo biológico ao organizacional.

A competência, a capacidade de dar prioridade a tarefas e estabelecer limites, serão fundamentais para o desenvolvimento do equilíbrio entre as vidas profissional, pessoal e familiar. Outro fator associado a essas habilidades é a possibilidade de se abrir espaço para o “tempo de pensar”. O desafio passa a ser não apenas responder aos estímulos externos, mas fazê-lo com sabedoria. Esse tempo possibilitará ao indivíduo um ritmo que lhe permita relacionar-se de forma adequada com as requisições externas. A saúde aparece como um indicador importante na avaliação do desempenho. Os gerentes passarão a ser avaliados também pela qualidade das relações de trabalho desenvolvidas, e pelo nível de estresse que sua equipe desenvolve para alcançar determinado objetivo.

CONCLUSÕES

NATUREZA HUMANA, CONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO

ORGANIZACIONAL – *Eu não saberia dar uma resposta apropriada a esse desinteresse em conhecer como opera a própria natureza, mas imagino que, se Nietzsche assistisse a essa indiferença generalizada de um tema tão crucial para a nossa sobrevivência de seres sociais, sem dúvida comentaria: humano, demasiado humano.* (Humberto Maturana)

Conceito-chave: funcionamento da natureza humana = operar = conhecimento = saúde.

A biologia é hoje um grande referencial, quando pensamos em saúde e em organizações. A possibilidade de pensar a cognição como um fenômeno biológico é tema de autores importantes como Edgar Morin, Paul Watzlawick, Heinz von Foerster, Francisco Varela e Humberto Maturana. Conhecendo o conhecer, eles abriram espaço para relações até então pouco pensadas.

Uma relação notável é a afirmativa de que *ser e fazer são inseparáveis*. Do ponto de vista biológico, o que caracteriza o ser humano é a sua organização autopoietica: ele produz continuamente a si mesmo, por meio da renovação de células e partes do corpo. Desse modo, seu produto é ele próprio. Não existe separação entre o produtor e produzido. Ser e fazer constituem seu modo específico de organização. Assim, segundo Maturana, *todo viver é um operar, e esse é o mecanismo biológico do conhecer*.

Todo o processo de conhecer se fundamenta no funcionamento do sistema nervoso, por meio das correlações sensório-efetoras com o contexto, na busca de congruência com as transformações do meio como resultado de cada operação efetuada. Assim, o conhecer se dá sempre em um contexto relacional. O resultado dessas correlações é que determina aquilo em que nos tornamos. Entre os insetos sociais, por exemplo, esse intercâmbio ocorre por intermédio de substâncias químicas. O fluxo contínuo de secreções do estômago, entre os membros de uma colônia de formigas, resulta na distribuição, por toda a população, de uma série de substâncias, inclusive hormônios, que são responsáveis pela diferenciação e especificação de papéis. Assim, a rainha se torna o que é pelo modo como é alimentada, e não hereditariamente.

Os processos que determinam as castas, os modos de cooperação entre as diferentes espécies, a organização territorial e outros aspectos da vida desses insetos, são determinados por esses processos de interação. *A preservação da vida, e o funcionamento saudável dos organismos, estão ligados às adaptações ao meio e às trocas nos contextos relacionais.* Isso vale também para a espécie humana.

A humanidade caminha, atualmente, para um sistema unitário integrado. As empresas, como sistemas sociais de organização globalizada, têm, de modo crescente, um papel fundamental nesse sistema. Cada vez mais a ecologia, a preservação da vida e o futuro social estão ligados às corporações. A vida social depende, crescentemente, da organização do sistema de trabalho ao qual pertence. Hoje, o equilíbrio das interações dos indivíduos com seus ritmos de trabalho é uma questão crucial.

Se operar é conhecer, e se o conhecimento ocorre por adaptações ao meio, e das trocas que se dão nos contextos relacionais, devemos levar em consideração o ritmo adequado para o desenvolvimento dos indivíduos e organizações. A linguagem das máquinas, os ritmos ligados ao tempo, a tecnologia que cria a possibilidade do tempo real nos acontecimentos, tudo isso imprimiu um andamento veloz ao desenvolvimento organizacional e às necessidades de mudança. O operar do homem segue o seu ritmo biológico. A devida proporção nessa interação é vital, quando se fala em saúde e desenvolvimento organizacional. Hoje sabemos que é importante superar a visão mecanicista, que considera os homens peças descartáveis.

Um caminho importante no operar da realidade atual está no autoconhecimento e na autopercepção, que permitem interações com a aprendizagem. Um dos pontos importantes na experiência com os jovens executivos que entram nas empresas está no fosso entre aquilo em que eles se haviam tornado até ali e as necessidades organizacionais. Por mais que a demanda solicite pessoas com outro grau de interação, temos um ritmo e etapas que devem ser cumpridas, para que ocorra a aprendizagem efetiva dessa interatividade.

O trabalho individual que foi realizado auxiliou na criação desse espaço e dessa condição, porque produziu aprendizagem, tirou as pessoas de uma condição persecutória e ameaçadora e as levou à percepção de oportunidades e desafios. Ajudou também no desenvolvimento de interações como forma de aprendizado. A afirmativa biológica de que ser é igual a

fazer devolve aos movimentos organizacionais (movimento do fazer) o ser como parte do processo e recoloca a individualidade no conceito de organização de sucesso. A evolução de hoje pede uma transformação de vivência da humanidade, que começa pela reflexão aplicada à transformação individual. Como diz Francisco Varela, "a conservação de uma identidade e a capacidade de reprodução são as leis das quais todos nós surgimos. São as leis fundamentais que nos ligam a todas as coisas: da rosa de cinco pétalas, ao camarão de água doce, ao executivo de Nova York".

Essa realidade está presente na representação que leva da Fortaleza Intransponível para a segurança, do Cotidiano Insuportável, no qual o indivíduo é apenas uma parte solitária do sistema, até a Harmonia da Desigualdade, em que pessoas diferentes, interagindo, constroem uma organização: da Rotina Cega até à Mesa de Bar. As imagens do passado estavam associadas à solidão e à opressão, à impossibilidade de operar em um contexto relacional, que as representações do futuro recuperam, e à possibilidade de operar e conhecer.

Um contexto com possibilidades de aprendizado é o que há de mais essencial para a construção da saúde das organizações e da sociedade do futuro. Nas palavras de Maturana, "a criação de consensos sobre o operar de nossos processos de aprendizagem social é a única alternativa racional válida que nos resta, para reduzir as tensões da sociedade e reverter o processo de desintegração das sociedades modernas, possibilitando uma construção social de colaboração mútua". ▲



A HISTÓRIA DE FLUPPY: UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA E DO ABSENTEÍSMO ESCOLAR

ANDRÉ LEBON e FRANCE CAPUANO

A idade pré-escolar constitui um período sensível para o desenvolvimento dos comportamentos, atitudes e aptidões necessários para a boa integração à escola. A família, o jardim de infância e a escola primária têm um papel capital nessa integração. Estes, além de consolidar as primeiras aprendizagens que se processam na família, oferecem outras experiências à criança, que lhe permitem buscar seu desenvolvimento.

A entrada no jardim de infância ou na escola primária representa, pois, um momento ideal para: 1) observar a qualidade de adaptação das crianças, desde os primeiros instantes da escolarização; 2) identificar as que têm problemas de integração. Geralmente, no maternal (aos quatro ou cinco anos) observam-se dois grandes perfis de inadaptação: os problemas exteriorizados (agressividade, resistência aos adultos, irritabilidade), ou os interiorizados (ansiedade, isolamento, depressão). Esses dois tipos de dificuldade não despertam a atenção dos pesquisadores e dos clínicos do mesmo modo. Os problemas exteriorizados são os que chamam mais atenção, por causa de sua natureza desconcertante para os outros. Além disso, mais de dois terços das crianças orientadas para os serviços profissionais o são por causa de seus problemas exteriorizados (Kazdin, 1987).

As crianças que apresentam esses problemas têm dificuldade de se integrar ao seu grupo de colegas e vivem interações sociais menos positivas do que as outras. Mais precisamente, as pesquisas demonstram que, depois de vários anos, os problemas manifestados em idade precoce se tornam estáveis e são precursores de má adaptação social na adolescência e na idade adulta (Loeber, 1982, Tremblay, 1995).

Tremblay e colaboradores (1991) demonstraram, por meio de um estudo longitudinal, que o que melhor prediz os comportamentos agressivos no sexto ano são as atitudes agressivas no maternal. Mais

ainda, esses autores identificaram que os meninos são mais susceptíveis de manter esses problemas durante todo o seu percurso escolar. Assim, os meninos agressivos no maternal, nascidos de mães com menos de vinte anos de idade, pouco escolarizadas e economicamente desfavorecidas, são os que representam mais riscos de ter dificuldades em sua trajetória escolar. Esses resultados confirmam outros estudos, que demonstram que em geral as crianças agressivas vivem em condições familiares difíceis (Loeber, 1982). Outras pesquisas indicam, do mesmo modo, que elas estão envolvidas em modelos de interações negativas com seus pais (Patterson, 1990).

O fato de sabermos que somos cada vez mais capazes de identificar, entre as crianças agressivas, as que têm maior risco de conservar seus problemas ao longo de seu desenvolvimento e trajetória escolar, e que elas experimentam dificuldades em seus ambientes de vida importantes, seja na família, no jardim de infância ou na escola, justifica uma intervenção rápida junto a elas, desde o início da escolarização.

Nesse sentido, Tremblay e colaboradores (1991) experimentaram uma intervenção que compreendeu três etapas de trabalho junto a meninos identificados como agressivos no maternal. A intervenção ocorreu quando eles estavam no segundo e terceiro anos da escola (aos 8 e 9 anos de idade, respectivamente). Os meninos identificados como agressivos seguiram um programa de promoção de aptidões sociais quando estavam no segundo ano de escola (aos 8 anos de idade), mais um programa de promoção de autocontrole quando passaram ao terceiro ano (e aos 9 anos de idade). Além da intervenção realizada junto às crianças, seus pais foram convidados a participar de um trabalho de treinamento de habilidades parentais em suas casas.

As visitas ocorreram na residência dos pais, de quinze em quinze dias. O número de encontros com as famílias variou de acordo com as necessidades de

cada uma. As educadoras dos meninos participaram de um trabalho de formação em gestão de maus comportamentos e foram supervisionadas durante toda a duração do projeto. Os resultados do estudo demonstraram que os meninos que se beneficiaram do programa de prevenção, em companhia dos pais, tiveram menos problemas de comportamento e iam melhor na escola ao fim do primário (aos 12 anos). Além disso, estavam menos envolvidos em atos delinquentes por ocasião da adolescência, em comparação com as crianças agressivas desde o maternal, mas que não seguiram o programa preventivo.

Esses resultados promissores levaram o Centro de Psico-Educação do Quebec a adaptar o material proposto nesse programa de prevenção, de modo a que pudesse ser aplicado às crianças da pré-escola e a seus pais. Os programas de prevenção da violência e inadaptação à pré-escola (Capuano, 1991) e ao primeiro ano (Capuano, 1995, Francoeur e Capuano, 1995, Giguère e Capuano, 1995) são hoje aplicados em várias comissões escolares do Quebec e atingem cerca de 15.000 crianças, da pré-escola ao primeiro ano. As atividades oferecem às escolas oportunidades para formar intervenientes, educadoras e instrutoras que possam intervir de modo mais rigoroso junto às crianças em risco de ter dificuldades de adaptação durante sua trajetória escolar e, em consequência, facilitar a chegada das categorias de inadaptados ao curso secundário.

A formação inicial é acompanhada de um segmento durante a experiência, sob a forma de supervisões que duram dois anos. O primeiro ano permite aos intervenientes implantar o projeto e obter formação quanto à utilização dos diferentes programas. O segundo ano proporciona-lhes a consolidação de conhecimentos e a satisfação de poder utilizar diferentes técnicas de acompanhamento e intervenção (vide página 59).

Lista do material necessário

- 1 conjunto de marionetes para cada uma das instrutoras e intervenientes que irão animar as oficinas *Fluppy* com seus grupos de crianças.
- 2 cadernos para cada educadora ou instrutora que intervenha diretamente em um grupo de crianças.
- 3 cadernos para cada interveniente que trabalhe com famílias.
- Um guia de intervenção para cada interveniente que trabalhe com famílias.
- 1 jogo para a avaliação da qualidade das interações pais-crianças para cada interveniente que trabalhe com famílias.
- 1 conjunto de cadernos de Saúde e Bem-Estar Social "Canadá" para cada interveniente que trabalhe com famílias. ▲

NOTA DA REDAÇÃO: Para melhor compreensão do programa *Fluppy*, recomendamos a leitura do artigo de André Lebon: *Psico-Educação: a ciência educativa do viver-com*, publicado em THOT, nº 66, págs. 11-23.

ANDRÉ LEBON é Diretor Geral do Centro de Psico-Educação do Quebec.

FRANCE CAPUANO é doutora e professora da Universidade de Sherbrooke e consultora do Centro de Psico-Educação do Quebec, Canadá.

Bloco de formação	PARTICIPANTES: Educadoras e intervenientes (psicólogas, assistentes sociais) que aplicam o programa <i>Fluppy</i> em seu grupo de crianças e que intervêm junto às famílias das crianças acompanhadas.
	DURAÇÃO: 10 dias para cada grupo de 10 a 15 pessoas.

Desenrolar da formação

(A) Alvo: A criança	PARTICIPANTES: Educadoras e intervenientes que aplicam o programa <i>Fluppy</i> em seu grupo de crianças.
	DESCRIÇÃO DA FORMAÇÃO: Identificação de crianças em risco de desenvolver problemas de agressividade. Avaliação das crianças com a ajuda do Centro de Psico-Educação do Quebec. Duração: um dia. Formação no programa de promoção de aptidões sociais (<i>Fluppy</i>). Duração: dois dias e meio.
(B) Alvo: Instrutoras ou educadoras	PARTICIPANTES: Educadoras e intervenientes que aplicam o programa <i>Fluppy</i> em seu grupo de crianças.
	DESCRIÇÃO DA FORMAÇÃO: Formação em gestão de comportamentos perturbadores. Formação em elaboração de planos de intervenção para as crianças em acompanhamento (observação e intervenção). Duração: dois dias.
(C) Alvo: A família	DESCRIÇÃO DA FORMAÇÃO: Formação em avaliação da qualidade das interações pais-crianças (índices de observação). Duração: um dia
	Formação em utilização de um programa de desenvolvimento de competências parentais (técnicas e instrumentos de intervenção). Duração: dois dias e meio.

Bloco de supervisão	DURAÇÃO: Seis encontros de uma semana cada.
	FREQUÊNCIA: Três encontros por ano (um a cada três meses), por um período escolar de dois anos.
	CONTEÚDO: Revisão da compreensão do assunto. Revisão das situações vividas durante a implantação do projeto. Discussão de estratégias de intervenção.
	PARTICIPANTES: As educadoras e intervenientes que aplicam o programa <i>Fluppy</i> em seus grupos de crianças serão reagrupadas. As intervenientes que trabalham com famílias serão reagrupadas para discutir suas experiências.

LITERATURA

QUADROS NO ATELÊ

BERNARDO AJZENBERG

A pintora ensina a filha a pintar. A poucos metros, junto a uma parede lateral do ateliê, um homem está acamado, febril. Costas apoiadas no espaldar do leito, ele se concentra, apesar do suor, numa partida de xadrez, sozinho, contra si próprio. Balbucia, troca idéias, polemiza baixinho com as peças: a torre, o bispo, o cavalo. Parece, no entanto, calmo.

A menina, doze/treze anos, certamente ciente já das regras, larga seus pincéis, vai à cozinha e logo se aproxima do homem devagarinho, levando-lhe uma xícara de chá, a qual fica depositada sobre o criado-mudo coberto de vidros ou caixas de remédios variados. Introduz um termômetro na boca do homem, o qual, indiferente, prossegue o desafio no tabuleiro de madeira apoiado no colo.

A menina retira então o termômetro, constata a manutenção do estado febril e serve o chá diretamente na boca do homem, o qual agora, embora atento à partida, sorri brevemente para ela, que então recua, desaparecendo do ateliê.

Minutos mais tarde, a menina retorna, trazendo um livro para o homem. Surpreso, ele suspende o jogo de xadrez, segura o livro com as duas mãos, folheia-o, chega a sorrir, enquanto a menina liga o aparelho de televisão e assiste a desenhos animados. A imagem da TV aos poucos se concentra num único ponto, transforma-se na imagem do homem, que ocupa agora a tela, imóvel, como um retrato fotográfico, o livro à mão, e se distancia, de forma a tornar-se possível entender, aos poucos, que a cena real é um quadro pintado daquele homem acamado, naquela situação, sendo admirado (o quadro), dentro de um ateliê, pela mesma menina, dois anos mais velha no entanto.

Lágrimas nos olhos, a menina se dirige à cozinha.

– Onde o meu pai está? – A mãe lava pincéis na pia. Nada responde.

A água da pia transforma-se em água do mar, mar plúmbeo de extensão ilimitada, em cuja praia a meni-

na brinca com a mãe e com o pai, muitos anos antes. Ela vai depois juntar-se a um grupo de crianças, e o casal adulto deita na areia para receber o sol.

Há pouca gente na praia. Um homem negro, vistoso, corpo atlético e jovem, observa de longe o casal e a criança. Vende sorvete na esquina, no calçadão da praia, esse homem. Aos poucos, imobiliza-se, sua presença se congela; o que se vê, na realidade, é uma tela a óleo, observada pela menina, tela que retrata o sorveteiro atlético e jovem, exposta a um canto do ateliê.

A menina vai à cozinha, onde a mãe lava pincéis:

– Onde está o Pedro? – Mais uma vez não há resposta.

A pintora agora instala no cavalete uma tela quadrada, em branco. Ouve-se o impacto de algo seco roçando o piso de sinteco. Ao olhar para trás, ela depara com a menina caída no chão. Agita-se, preocupada, mas logo constata que a filha apenas dorme, nada mais, sobre o assoalho. Com esforço, ergue a criança, para acomodá-la no sofá. Volta à tela e começa a pintar.

Numa quermesse de festa junina, a mãe passeia com Pedro, o sorveteiro, e com a filha. Alegres. Mãos dadas. Todos parecem bem. Aos poucos, porém, percebe-se que esta cena ocorre, na verdade, projetada sobre uma tela de cinema, admirada pelo homem de quarenta anos amante do xadrez e por um outro homem, o qual, pela desenvoltura, parece diretor de cinema. A sala é escura, de projeção particular. Os dois trocam idéias, conversam aos cochichos.

– Essa cena me intriga – diz o amante do xadrez. – É muito artificial, você não acha? Eles não poderiam estar tão alegres. O negócio acabou de acontecer!

O diretor mexe a cabeça, como quem discorda.

– O fato é que eles estão felizes. Isso às vezes acontece. Uma alegria nervosa, percebe? Vamos voltar...

Ele mesmo então manipula o projetor e faz voltar o filme. Repassam diversas vezes a mesma cena.

– Você nota que é uma alegria nervosa – insiste o diretor. – O sorriso da mulher é de quem tem medo de alguma coisa. O dele também. Olha só. A menina, se você observar bem, a menina não sorri. Só pula. Não há sorriso dela, em momento algum.

– Volta. Volta o filme de novo – pede o homem.

Após alguns segundos:

– Olha bem – diz ele. – A gente sabe que a risada é sempre um evento emocional, certo? Mesmo quando uma coisa não tem graça a gente ri. Para relaxar, o que for, não é isso? Então essas risadas dos dois, os adultos, essas risadas não estão bem postas. Volta, volta a cena de novo, por favor.

Entra na saleta uma jovem executiva de *tailleur* vermelho. Fala algo ao pé do ouvido do diretor, que pede licença ao parceiro e deixa a sala. O homem amante do xadrez permanece ali, na saleta escura, a mesma cena em *pause* projetada na tela.

Em outra sala, o diretor conversa com o produtor.

– Ele cismou com a cena da festa junina. Acho que não vai mesmo com a cara do sorveteiro. Só pode ser.

– Bom, mas ele não é o dono do filme. – O produtor parece irritado. – Já não pagamos o que ele pediu pela história? O que ele quer mais?

– Me dá mais uma chance – pede o diretor. – Eu refaço a cena, só mais uma vez. Pago o extra do meu bolso.

– Última chance, então. Não sou saco sem fundo!

O diretor volta à saleta de projeção e nota que o homem chora, atento, ainda, à mesma cena.

– Tudo bem. Nós vamos refazer...

O homem agora escreve algo em seu escritório, em casa. O telefone toca. É o diretor do outro lado da linha.

– Tudo bem, cem mil. Vamos em frente, OK?



O homem acata, apressa-se rumo ao ateliê. A pintora, no entanto, recusa-se a recebê-lo. De um lado para outro, indecisa, move-se a filha, a menina, pombo-correio entre os dois, até que, finalmente, a mulher admite receber o homem.

– Vivian, vim te dizer que eu vendi a nossa história.

– Larga de ser ridículo, Sérgio. Do que você está falando? Veio aqui para brincar comigo?

– Nada disso. Convenci uma produtora de cinema. Querem fazer um filme. Coisa séria.

A mulher resiste, pede que ele se retire dali.

– São cem mil dólares, Vivian. Sabe o que é isso?

– Ridículo! Não seja ridículo! Não basta tudo o que você e eu sofremos? Acha que algum dinheiro no mundo pode pagar isso?

– Vivian, qualquer caso vale alguma coisa. O meu sofrimento e o teu não são diferentes dos das outras pessoas, os outros sofrimentos. É uma questão de oportunidade, uma questão de chance, mercado. Uma compensação, percebe? E nós chegamos com a nossa história primeiro, na frente dos outros.

– O meu sofrimento, Sérgio, pelo menos o meu não tem preço. Isso não me consola. O teu, agora, nem sei, nem sei se ele existiu de verdade...

– Olha no meu rosto, ora. Você sabe muito bem que ele existiu, Vivian. Mas esse negócio de dizer que sofrimento não tem preço é bobagem, purismo. Tem preço sim senhora. Qualquer criança sabe disso. Tem sofrimento que não vale as lágrimas que produziu, só dói na hora, um acidente físico e pronto, não vale o que a gente pensa. Mas o nosso caso não, o nosso caso foi duro, não foi? Você está sendo ingênua, purista mesmo, Vivian. Não temos saída. Essa crise... Quantos quadros você vendeu nos últimos quatro meses? Olha, Vivian. São cinquenta mil para mim e cinquenta mil para você e o Pedro.

A pintora bebe água do filtro. Parece refletir.

– Você está louco, Sérgio? Se é para fazer, então vamos dividir isso direito, decentemente, em três partes iguais. Senão, nada feito.

– Peraí, Vivian. Quem teve a idéia fui eu. Eu fiz o negócio. Fui atrás. Tenho de ter alguma coisa a mais.

A discussão se prolonga, até que decidem pedir a opinião da filha, sentada à cama.

– Eu deveria receber uma parte também – diz a menina. – É isso o que eu acho!

– Você é menor de idade – retruca o homem. – Não tem direito a nada.

A menina esboça um choro, quando entra no ateliê o sorveteiro, retirando a jaqueta e atirando-a sobre o sofá, como homem da casa. A pintora se aproxima dele e relata o que se discutia ali.

– Então, o que você acha, Pedro? – pergunta o homem.

– Acho que deveríamos dividir esse dinheiro em quatro partes iguais. Eu também sofri, oras bolas. Não foi fácil chegar onde cheguei tendo saído de onde saí! Tive de te agüentar – acrescenta, dirigindo-se a Sérgio –, tive ainda a resistência da minha família toda. Pôxa, casar com branca não dá, minha mãe me disse tantas vezes. Ela acha loucura até hoje, o que eu fiz. Não foi fácil, não.

O homem, a pintora e a menina se voltam ao mesmo tempo para Pedro.

– Você não é da família! – exclama a menina, com o apoio de gestos dos pais.

O telefone toca. Todos ficam paralisados, até que a menina atende.

– É da produtora. Estão te procurando – diz, passando o fone para a mãe.

Após alguns segundos, a pintora diz:

– Estão querendo falar comigo pessoalmente, lá na produtora.

Todos se entreolham, com dificuldades para reagir. A filha faz um sinal com o rosto, como quem ordena: “diz que vai, vai sim, mãe, vai agora”. A pintora deixa então o ateliê.

Pedro depois expulsa o homem dali, também com o olhar, como quem adverte: “você já não tem nada a fazer aqui”. O homem, resignado, retira-se depois de beijar a filha na testa. De fato, homem da casa mesmo era o sorveteiro, admite.

Na rua, avista a pintora e começa a segui-la, dirigindo-se também à produtora de filmes. Minutos mais tarde, surpreende-a conversando com o diretor, o qual se esforça para convencê-la a aceitar um valor menor pela história.

– O caso de vocês não é tão extraordinário assim, moça. Melhor pegar alguma coisa do que depois ficar sem nada.

– Mas, se não é extraordinário, então por que os senhores querem filmá-lo?

– Já nem sei com certeza se quero mesmo fazer o filme – diz o diretor.

A criança agora dorme no sofá do ateliê. Podem-se ver, dentro de sua cabeça, de seu sonho, os três – o homem, a pintora e o diretor – na sala da produtora de filmes. “Olha, vocês sofreram”, diz o diretor no sonho, “mas agora até parecem bem. Por que será? Será que sofreram realmente o bastante? Será que eu não estou enganado ao querer filmar essa história? Uma história de separação, traições, casamento de negro com branca, uma filha no meio, classes sociais diferentes. Tudo isso não pode acabar bem, é óbvio.

Ou será o dinheiro que faz vocês ficarem bem assim de repente?”. Aos poucos, o diretor vai se convencendo e convencendo os dois, no sonho, de que o caso deles não vale nada; e o casal se dá conta, aos poucos, de que poderia, portanto, voltar a ser feliz. Saem abraçados da produtora – o homem e a pintora –, no sonho da menina. E é a cena deles assim: abraçados e sorridentes, que finaliza este enredo – cena que aos poucos se certifica ser, na realidade, uma pintura em processo de criação, executada pela filha anos e anos mais tarde, quadro multicolorido, em fase de acabamento. A filha pinta, e lágrimas lhe escorrem pelas faces.

BERNARDO AJZENBERG, paulistano, 39 anos, escritor e jornalista, publicou os romances *Carreiras Cortadas* (1989, Francisco Alves), *Efeito Suspensório* (1993, Imago) e *Goldstein & Camargo* (1994, Imago). Tem no prelo o seu quarto romance (pela Rocco). É Secretário de Redação da Folha de S.Paulo.



EPIFANIAS

GEORGE BARCAT

Il Bambino

Vá meu menino, vá! Vá logo, o mundo é grande e as aventuras são muitas! Leve na bagagem o calor de meu coração; no seu, não deixe faltar esperança.

Confie apenas na bússola que o vovô nos ensinou a fazer: na ponta da agulha ajeite a alegria; no norte, procure a beleza.

Meu amado menino, jamais se deixe desorientar pelos cansados ou por essa gente que só dá importância à segurança e diz que a história acabou.

Vá, suba em todos os caminhões que puder e, por onde passar, deixe o caminho aberto para os outros. Use sempre suas mãos e quase nunca os seus aborrecimentos. Alimente sua vida com a energia do amor.

Meu menino, você tem um destino para inventar. Não se preocupe, minha saudade manterá os sonhos da terra onde acabamos de plantar.

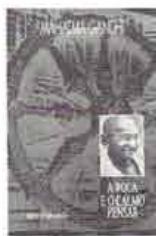
Sinta sempre em suas faces os meus beijos e, nas suas costas, a minha bênção, o meu olhar de admiração. Vá com Deus.



Publicações da Editora Palas Athena

Rua Serra de Paracaina, 240 - CEP 01522-020 - São Paulo, SP

Fone: (011) 279.6288 Fax: (011) 277.8137



A ROCA E O CALMO PENSAR

Mahatma Gandhi

Este livro reúne textos de Gandhi que focalizam o tema da prece e da meditação, ambas instrumentos e alimento espiritual de toda uma vida dedicada à não-violência.

FORJADORES ESPIRITUAIS DA HISTÓRIA

Ignacio da Silva Telles

Num estilo poético e profético, *Forjadores Espirituais da História* é uma coletânea da trajetória daqueles que catalizaram os mais altos anseios do ser humano: Moisés, Davi, Buda, Maomé e Jesus de Nazaré.



A ACEITAÇÃO DE SI MESMO E AS IDADES DA VIDA

Romano Guardini

Este livro é duplo. Na primeira parte, o autor fala do conhecimento e da auto-aceitação. No segundo, trata do processo de envelhecimento e mostra caminhos para a plena experiência da terceira idade.

MENTE ZEN, MENTE DE PRINCIPIANTE

Shunryu Suzuki

Única obra do mestre Suzuki, singular e extraordinária pela simplicidade e beleza, reúne os ensinamentos mais importantes do Zen.



MINHA TERRA E MEU POVO

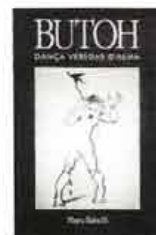
Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama

Este livro autobiográfico, escrito nos primeiros anos de exílio de Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama, relata a primeira fase da dominação chinesa, ao mesmo tempo que descreve a natureza, religião e os costumes singulares do Tibete.

SAN JUAN DE LA CRUZ, O POETA DE DEUS

Frei Patrício Sciadini, OCD

Considerado um clássico da literatura espanhola, os poemas de São João da Cruz despertam valores que resgatam nossa autoconfiança e possibilidades de libertação.



BUTOH - DANÇA VEREDAS D'ALMA

Maura Baiocchi

O *butoh* é um universo de expressão em que forma e vida se entrelaçam num diálogo, às vezes silencioso. Dança que resgata a sensibilidade inata e original do ser humano, o *butoh* apregoa que na verdadeira dança tudo é Alma ou inspiração da Alma.

TRANSDISCIPLINARIDADE

Ubiratan D'Ambrosio

O autor aborda, nesta obra, a transdisciplinaridade, cuja base é o reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou verdadeiros – complexos de explicações e de convivência com a realidade.



CO-EDIÇÕES

EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo
e Editora Palas Athena



DIÁLOGOS DOS MORTOS

Luciano

Versão bilingüe grego/português
Tradução, introdução e notas:
Henrique G. Murachco

Esta é a primeira tradução completa dos *Diálogos dos mortos*, de Luciano de Samósata, diretamente do grego clássico, feita por um especialista e pesquisador de ampla experiência.

Editora da PUC-SP e Editora Palas Athena



HYPNOS

Nº 1 - *Do divino: imagens e conceitos*
Nº 2 - *Reflexões sobre a natureza*
Nº 3 - *Ethos, Ética*

Publicação do Centro de Estudos da Antiguidade Grega
– Departamento de Filosofia da PUC-SP
Coordenação da Profª Drª Rachel Gazolla de Andrade



livraria
cultura

Quem lê vai lá

Av. Paulista, 2073 Conj. Nacional CEP 01311-940 São Paulo - SP
fone (011) 285.4033 fax (011) 285.4457
www.livcultura.com.br e-mail: livros@livcultura.com.br